

PLINIO SALGADO



IN MEMORIAM

EDITORA VOZ DO OESTE/CASA DE PLINIO SALGADO

VAMOS CONSTRUIR UMA CASA

"Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua força, com que se há de salgar?"

Mateus, 5-13

Amigos,

Queremos construir uma casa. O quanto antes.

Uma casa de verdade: de pedra e cal, de terra e sal.

Sim uma casa — pode ser alta ou baixa, térrea ou assobradada, num terreno doado ou comprado, na capital ou no interior.

Pode ser feita de tijolo vazado ou vazada sem tijolo. Sim, pode até não ser feita de tijolo.

O importante é que essa seja uma casa com portas e janelas abertas em todas as direções. Que suas salas e seus quartos estejam sempre cheios de livros e idéias vivas. Que suas paredes estejam impregnadas de lembranças indelévels. Que seus corredores estejam ressoantes de afirmações, num encontro permanente de vozes do presente e do passado.

Queremos uma casa para lembrar e ser lembrada. Uma casa que não nos deixe esquecer. Uma casa que nos acolha e nos faça caminhar. Uma casa que dê agasalho a todos, a qualquer um que tenha fome de verdade e sede de justiça.

Ponto de encontro. Ponto de chegada e de partida.

Museu, arquivo, centro de estudos e pesquisas. Centro irradiador de cultura,

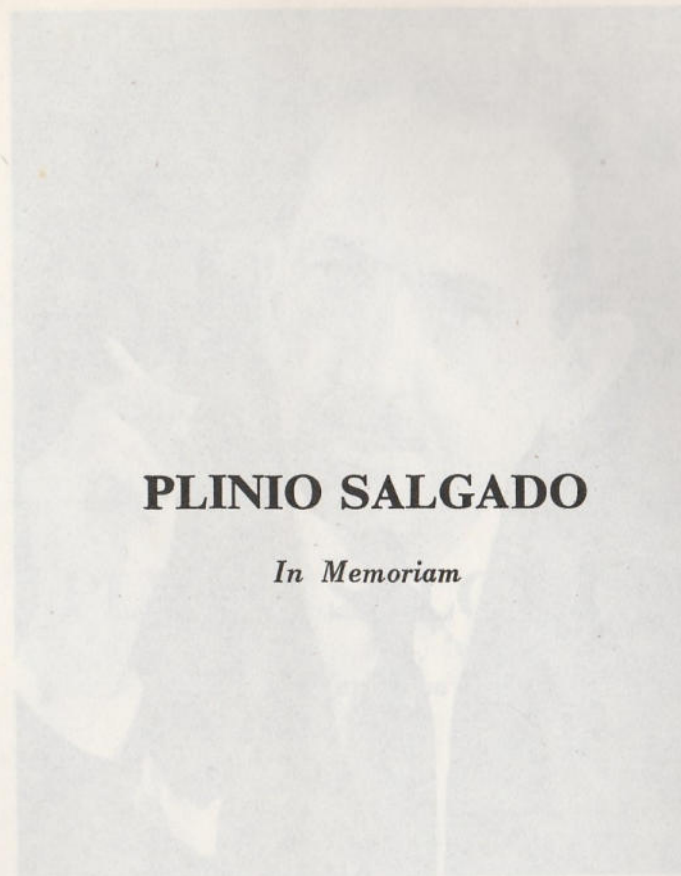
In Memoriam

PLÍNIO SALGADO

In Memoriam



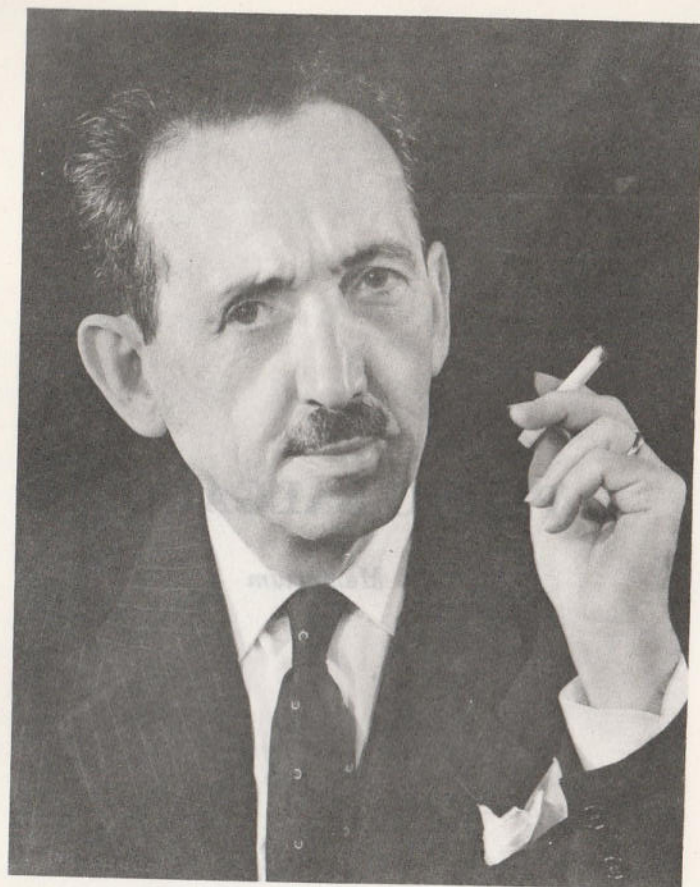
Digitalizado pela
Frente Integralista Brasileira
<http://www.integralismo.org.br/>
Deus - Pátria - Família



PLÍNIO SALGADO

In Memoriam

Editora Vor do Oeste/Casa de Plínio Salgado
São Paulo, Agosto de 1995



Plinio Salgado

PLINIO SALGADO

In Memoriam

(Volume I — Autores Brasileiros)

Editora Voz do Oeste/Casa de Plinio Salgado
São Paulo, Agosto de 1985

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

P783 Plinio Salgado : "In Memoriam". — São Paulo : Voz do Oeste
: Casa de Plinio Salgado, 1985.

1. Ação Integralista Brasileira 2. Brasil 3. Salgado, Plinio,
1895-1975 4. Salgado, Plinio, 1895-1975 — Crítica e interpre-
tação

CDD—923.281
—320.533
—329.981
—869.909

85-1335

Índices para catálogo sistemático:

1. Ação Integralista Brasileira: Partidos políticos 329.981
2. Brasil: Políticos : Biografia 923.281
3. Integralismo : Ciência política 320.533
4. Literatura brasileira : História e crítica 869.909

Todos os direitos reservados à Editora Voz do Oeste e
Casa de Plinio Salgado

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	9
PREFÁCIO	13
PARTE I — DEPOIMENTOS	
D. Antonio de Almeida Moraes Junior <i>Plinio e a Vida de Jesus</i>	19
Ernesto Leme <i>Plinio Salgado</i>	23
Eurico Branco Ribeiro <i>A figura de Plinio Salgado</i>	29
Ferdinando Martino Filho <i>Plinio Salgado, personalidade marcante</i>	35
M. Rodrigues de Melo <i>Plinio Salgado, Pensador</i>	38
Manoel Vitor <i>Plinio Salgado, pensador ilustre</i>	41
Mario Graciotti <i>Plinio Salgado, amigo e companheiro</i>	43
Menotti del Picchia <i>Plinio Salgado, o fraterno amigo</i>	44
Nóbrega de Siqueira <i>Nos caminhos de Plinio Salgado</i>	46
Petrônio R. Chaves <i>Como conheci Plinio Salgado</i>	54
René Penna Chaves <i>Plinio Salgado, orientador de gerações</i>	57
Silveira Peixoto <i>Plinio Salgado, — Poeta inspirado e romancista vigoroso</i>	61
PARTE II — CRÍTICA LITERÁRIA	
Alberto Prado Guimarães <i>Plinio Salgado, o fervoroso cristão</i>	83
Arruda Camargo <i>O mais belo dos livros</i>	92

Jackson de Figueiredo	
<i>O Sací, o Avanhandava e o Imperialismo pacífico</i> ..	97
Miguel Reale	
<i>Estudo sociológico de Geografia Sentimental</i>	101
Monteiro Lobato	
<i>Forças Novas</i>	110
Nereu Corrêa	
<i>O romance de uma cidade morta</i>	114
Otacílio Colares	
<i>Uma obra antológica</i>	120
PARTE III — ENSAIOS	
Adolfo Vasconcelos Noronha	
<i>Um homem como exemplo</i>	131
A. Machado Paupério	
<i>O caráter anti-totalitário do Integralismo</i>	143
Benedito Nunes Dias	
<i>Plínio e a juventude</i>	149
Eurípedes Cardoso de Menezes	
<i>Paulo de Tarso-Plínio Salgado. Afinidades</i>	155
Fernando Whitaker da Cunha	
<i>Ficção e ideologia</i>	160
Hélio Galvão	
<i>Plínio Salgado, professor de brasilidade</i>	166
J. O. Meira Penna	
<i>Plínio Salgado e o Integralismo</i>	174
PARTE IV — DISCURSOS PARLAMENTARES	
Discurso do Deputado Federal	
<i>Oswaldo Zanello</i>	181
Discurso do Deputado Federal	
<i>A. H. Cunha Bueno</i>	193
Discurso do Deputado Federal	
<i>Agostinho Rodrigues</i>	206
PARTE V — CARTAS	
Pe. Leonel Franca (1942)	219
Dr. Carlos H. Hunsche (1972)	221
Juscelino Kubitschek (1974)	223
Juscelino Kubitschek (1975)	225
Dr. Antonio Benedicto Machado Florence (1976) ...	226
Dr. Edmundo Monteiro (1976)	229

APRESENTAÇÃO

A Editora Voz do Oeste e a Casa de Plínio Salgado associam-se num empreendimento cujo objetivo é colocar em discussão a personalidade e a obra de Plínio Salgado. Para os jovens e adultos que pouco ou nada sabem a respeito do grande líder antecipamos algumas informações.

Plínio Salgado iniciou sua vida política e sua trajetória de grande escritor e jornalista na década de 20. Depois de ter fundado o primeiro Partido Municipalista do Brasil foi redator do Correio Paulistano e eleito Deputado à Assembléia Legislativa de São Paulo. Participou ativamente do Movimento Modernista, liderando a corrente verde-amarelista. Seu romance, *O Estrangeiro*, é considerado obra pioneira do romance modernista.

Na década de 30 fundou a Ação Integralista Brasileira, o maior movimento político autenticamente nacionalista do país, com núcleos em todos os Municípios e Vilas do Brasil. Foi candidato à Presidência da República nas eleições que se realizariam em 1937. Teve seu movimento político fechado por decreto da Ditadura instalada em 10 de novembro de 1937, em seguida, preso e exilado em Portugal. Nessa época escreveu grande parte da sua obra literária.

No período de exílio na Europa continuou sua atividade de escritor e didata, pronunciando inúmeras conferências e produzindo uma vasta literatura.

Anistiado, retorna ao Brasil e é eleito Presidente Nacional do Partido de Representação Popular (1946) pelo qual foi candidato à Presidência da República (1955), e, posteriormente, Deputado Federal pelo Paraná e por São Paulo. Suas atividades parlamentares foram registradas pela publicação de vários discursos e pareceres, inclusive em *Perfis Parlamentares* (18), editado pela Câmara dos Deputados em 1982.

Manteve-se em atividade constante como líder político e escritor até o seu falecimento, em 1975.

Este volume dá início à série de publicações In Memoriam de Plínio Salgado contendo matéria escrita por brasileiros. O seguinte conterá trabalhos escritos por estrangeiros e os demais, abordarão matéria nova.

A coleta e seleção destes artigos resultou de um intenso trabalho desenvolvido pelo saudoso Dr. Rui de Arruda Camargo que o idealizou ao longo de vários anos. Por solicitação de D. Carmela P. Salgado iniciamos o trabalho de ordenamento da matéria, após o falecimento desse grande colaborador, admirador e amigo de Plínio Salgado. Nosso objetivo foi, com a colaboração de Gumerindo Rocha Dórea, estabelecer critérios para distribuição dos assuntos. Desse modo, o presente volume está dividido em cinco partes: Depoimentos, Crítica literária, Ensaaios, Discursos parlamentares e Cartas.

Na primeira parte o leitor encontrará depoimentos interessantíssimos como os daqueles que iniciaram suas carreiras eclesiástica, literária ou profissional liberal juntamente com Plínio Salgado e permaneceram seus amigos e admiradores até o fim da vida sem, entretanto, manter outro vínculo senão o da amizade pessoal. Outros, ouvindo a pregação do grande tribuno, aderiram às suas idéias e o acompanharam na sua trajetória até o fim.

A crítica literária abrange desde seus contemporâneos como Monteiro Lobato e Jackson de Figueiredo, saudando o aparecimento de *O Estrangeiro*, ainda em 1926, até autores mais recentes registrando, em suas análises a crítica de obras literárias como *Vida de Jesus*, *Geografia Sentimental*, *Trepandé*, *Voz do Oeste*.

Entre os ensaios, encontramos o trabalho escrito em 1936 (Paulo de Tarso-Plínio Salgado. Afinidades), pelo então Diretor da revista Anauê!; o de outro antigo militante integralista (O

caráter anti-totalitário do Integralismo); e, de outros correligionários de Plínio Salgado que, ainda hoje, pugnam por suas idéias, bem como, de intelectuais que nunca tiveram qualquer vínculo político com o autor de *O Cavaleiro de Itararé*.

Os discursos parlamentares foram pronunciados em sessão especial da Câmara Federal, realizada em memória de Plínio Salgado.

Finalmente, as cartas que registram momentos importantes da vida do grande pensador e homem público brasileiro

Esperamos que este livro, assim como os que se seguirão, contribuam para que se faça luz, cada vez mais clara, na vida e na obra de uma das figuras mais importantes da História do país neste século.

São Paulo, Julho de 1985.

José Baptista de Carvalho

PREFÁCIO

PLÍNIO SALGADO — VIDA E OBRA

A vida literária de Plínio Salgado começou com a publicação de *Tabor*, livro de versos, em 1918. Foi o seu primeiro livro e, pelo primor, poderia ter sido o derradeiro a cair da sua pena de mestre. A sua vida política deve ter começado com o seu apoio à fundação do Partido Municipalista de Gama Rodrigues, então deputado estadual pela região.

Subindo as trilhas da Mantiqueira, na companhia do pai, no lombo de um cavalo, aprendeu, desde a infância, a contemplar o Brasil do Alto. Ainda não escreveu *Nosso Brasil*, nem *Geografia Sentimental*, mas já vislumbra, do alto da serra, a enormidade do nosso território. Logo mais, empolgado pela política, sai pelos nossos caminhos como pregador cívico. Já se lhe amadureceu o espírito. Consegue reunir, em torno da sua bandeira, milhões de brasileiros: criaturas simples do povo e homens de elevado saber. E reúne, em campo contrário, inimigos ferozes.

No Brasil havia, então, duas trincheiras: a de Plínio Salgado e a de Carlos Prestes. Havia, sem dúvida, o getulismo, mas o próprio getulismo trazia, no seu bojo, comunistas e integralistas. É tão difícil opinar sobre questões tão escorregadias, o nazismo alemão e o fascismo italiano influenciando, como o comunismo soviético, a opinião pública nacional. Dentro desse quadro, em outras circunstâncias, talvez fosse, o Partido Integralista, o Partido da classe média brasileira, ele próprio, o Plínio, um homem da classe média.

O fim da guerra mudou tudo isso. E mudou, também, O Estado Novo com a reformulação do quadro político brasileiro. Mas o integralismo sempre foi encarado por parte da opinião nacional como reprodução caipira do nazi-fascismo. Ora, o saudoso Rui de Arruda Camargo mostrou-me, um dia, trecho de jornal alemão, escrito por um líder nazista, o qual se queixava, dizendo que o nacionalismo do sr. Plínio Salgado impedia a propagação do nazismo, entre os alemães de Santa Catarina. Eu não era, ainda, amigo do Plínio. Só muito mais tarde nos tornámos amigos. Em 1955 eu me encontrava em Belo Horizonte, a serviço do Diário Comércio & Indústria e, por dever de ofício fui assistir o comício de encerramento da campanha política de Plínio Salgado, candidato à Presidência da República. Já o ouvira antes, em Bragança, nos dias da juventude. Saudou-o o saudoso Padre Amaro Falcão, um dos maiores oradores sacros que conheci. Disse o Padre: "O sr. Plínio Salgado é como o sol da tarde. À sua passagem o céu se cobre de estrelas. As estrelas de Plínio são os milhares de núcleos que se acendem no Brasil todo, como um braseiro cívico."

O Plínio de Belo Horizonte era outro. Mais calmo, mais profundo, mais acordado para a realidade brasileira. As palavras caíam, em torrente, de seus lábios. Falava na língua cabocla à alma cabocla do Brasil.

Disse, em minha reportagem que, dos candidatos à Presidência, ele era o único em harmonia com a letra e a música do Hino Nacional. O artigo foi transcrito no Brasil inteiro, onde havia um jornal integralista. Todos me mandaram um exemplar. Recortei tudo e mandei ao Plínio. Uma noite chuvosa ele me apareceu na redação, com uma braçada de livros: "Olha aqui, Arruda Camargo, depois de vinte anos de inimigos leais, agora somos amigos leais". Fomos mais do que isso, fomos irmãos leais. Li todos os seus livros: *Aliança do Sim e do Não*, *A Imagem daquela Noite*, *O Cavaleiro de Itararé*, *O Esperado*, *Geografia Sentimental*, *Nosso Brasil*, livro escrito para as crianças do Brasil.

*

Em todos os seus livros, mesmo nos polêmicos, escritos com certo furor, no fogo das campanhas, o que se nota é o romântico, o poeta que escreveu *Tabor*, *Fortaleza de Santa Cruz*, etc. Cada página sua é uma página lírica de rara beleza. Plínio percorreu todas as nossas cidades, aldeias, vilas, e escreveu a sua história em *Como Nasceram as Cidades do Brasil*. Em Ouro Preto viu um carro de bois atravessando uma ponte e gritou: 'Depressa, um pintor!' Foi exilado. No exílio escreveu a *Vida de Jesus*. Quando visitei São Bento do Sapucaí, escrevi-lhe: "Agora entendo bem o seu livro. A sua Nazaré bíblica é São Bento. E é por isso que há tanta ternura no seu livro."

Agora estou aqui, rabiscando estas linhas sob um título pretensioso. O que se vai ler nas páginas deste *In Memoriam*, são vários perfis de Plínio Salgado — do homem, do político, do escritor, do poeta. Eu prefiro o caboclo que ele sempre foi, porque todas as suas virtudes e qualidades existiram em função deste fato, de ser ele o mais ilustre de nossos caboclos, andejo de todos os nossos caminhos, peregrino de todos os nossos santuários!

Arruda Camargo.
SP julho, 1985.

PLÍNIO SALGADO E A VIDA DE JESUS

Dom Antonio de Almeida Moraes Júnior

PARTE I

DEPOIMENTOS

Dom Antonio de Almeida Moraes Júnior

Ernesto Leme

Eurico Branco Ribeiro

Ferdinando Martinho F.^o

M. Rodrigues de Mello

Manoel Vitor

Menotti Del Picchia

Nóbrega de Siqueira

Petrônio R. Chaves

René Penna Chaves

Silveira Peixoto

PLINIO SALGADO E A VIDA DE JESUS

*Dom Antonio de Almeida Moraes Júnior **

Plinio Salgado era um predestinado. Todo espírito que repele a mediocridade não se contenta com o horizontalismo das coisas efêmeras. Traz em si o surto incoercível para a ascensão espiritual. Foi essa realidade que levou Francisco Severi, um dos maiores matemáticos do nosso século, a escrever: "o Homem integral vive em três mundos. No mundo material que o cerca com suas maravilhas; no mundo das leis que sustentam a harmonia universal e finalmente no mundo do Legislador — o mundo transcendental de Deus!"

Para o mundo físico, o homem tem o olhar físico; para o mundo das leis, o olhar intelectual; para o mundo de Deus, o olhar da fé.

Plinio teve um olhar físico privilegiado. Penetrava a realidade material, descobrindo a riqueza mais oculta e subtil de ritmos e de beleza. Era um criador poderoso de imagens novas para exprimir, de modo original, a fisionomia cósmica milhares de vezes já decantada pelos homens. Era um poeta impressionante na sua evocativa de símbolos. Enxergava flores nos devãos dos rochedos solitários. O seu estilo descritivo tinha sensibilidade imprevisível e enriquecia seus livros.

Arrebatado pela certeza matemática aproximou-se do Positivismo, de onde começou a observar a figura translúcida de Jesus que cruzava, a cada instante, o seu caminho histórico. Eram relâmpagos do infinito que lhe clareavam nos olhos a pequenês do homem diante da Realidade Suprema. Atingia o mundo da fé. A figura de Jesus crescia, para a sua inteligência, em relevos incontidos. Ouvia as opiniões dos beletistas, dos

sábios e dos reformadores políticos, e verificava, com seu talento invulgar, que Jesus ultrapassava as medidas da visão humana.

Na introdução de um livro sobre Jesus, nós mesmo escrevemos: "a mutilação do Cristo, como desejava Couchoud, na sua obra *Le mystère de Jesus*, não satisfaz. Jesus, homem somente, ou Jesus Deus apenas, são conceitos anti-históricos. O Cristo humano de Renan apagou-se tão humanamente como o Cristo freudiano, agitado, inquieto, pessimista do *Der Menschensohn* de Emil Ludwig. Depois, Volney, Bauer, Drews, Robertson, quiseram construir, destruindo o alicerce. O encanto sedutor que Nietzsche criara cedeu no triunfo maravilhoso que só o próprio Cristo poderia criar como nos insinua docemente o autor de *Jesus Desconhecido*.

O Cristo que Plínio começou a conhecer era o Cristo integral e divino como Ele é. Não o Cristo nebuloso de Strauss, nem dos sonhos naturalistas de Renan, ou das demências de Nietzsche, ou da ousadia de Ludwig, ou da paranoia de Couchoud ou da mentalidade doentia de Sanglé... Não! Mas sim o Cristo Homem-Deus, na sua beleza irresistível, na magnitude arrebatadora de sua personalidade.

O Mistério da Encarnação resplandecia ao coração de Plínio. Deus com sua glória e o homem com sua salvação se encerram em Jesus Cristo, como em um termo que reúne dois extremos. É essa teologia sublime do mistério de Deus encarnado que S. Paulo resumia nesta forma maravilhosa: "tudo é para vós, vós sois de Jesus Cristo, Jesus Cristo é de Deus" (I cor. III, 23). Ventura escreveu, "o homem resume, em sua personalidade, todos os corpos e todos os espíritos e o próprio Deus. Pela criação do homem a ordem material é elevada à ordem espiritual. Pela encarnação do Verbo, a ordem material e espiritual são elevadas à ordem divina. O Verbo de Deus é o mediador entre a natureza espiritual e a natureza divina, e Deus é o fim último de todos os seres, para torná-los felizes nele e com Ele. É pela Encarnação que o homem atinge esse fim. Cristo é o autor desse milagre. Daí a profunda paixão que Jesus des-

perta em Plínio. O Cristo que surge da sua *Vida de Jesus* é um Cristo vivo, que fala, ensina, consola e opera milagres sob os nossos olhos extasiados. Sua realidade divina apresenta-se em todas as páginas. Mas como Homem, Cristo palpita no seu cérebro, vibra na sua alma e no seu coração. Tem-se vontade de dizer que tudo o que Plínio possui de talento, de cultura, de amor, de sensibilidade se reúnem para o triunfo literário da *Vida de Jesus*!

Se Plínio tivesse escrito apenas esse livro, bastaria para imortalizá-lo. Bastaria que o grande Cardeal Cerejeira pudesse dizer: "foi a mais linda *"Vida de Jesus"* que li em toda a minha existência!"

E o menino que foi seu aluno, há 63 anos atrás, abençoa, com profunda emoção, a memória luminosa do seu queridíssimo e genial Professor. Deus o abençoe!

O exemplo de Plínio ficou para milhares de seus admiradores. Ele poderia terminar o seu livro sobre Jesus com as palavras de Lacordaire: "Senhor Jesus, há muito falo sobre vós a milhares de ouvintes. Era sempre de vós que falava; mas hoje, mais diretamente, é sobre vós mesmo, sobre esta divina figura que é cada dia objeto de minha contemplação. Meu olhar se derrama sobre vossos pés sagrados que tantas vezes beijei, sobre vossas mãos amáveis que tantas vezes me abençoaram, sobre vossa fronte coroada de espinhos, sobre esta vida cujo perfume respirei desde meu nascimento, cujo encanto arrebatou minha mocidade e cuja verdade adoro e anuncio na ardente palpitação destas páginas."

O Dr. Euripedes Cardoso de Menezes conta que, no Retiro Espiritual dos intelectuais, na Gávea, Plínio ficava longo tempo contemplando o Sacrário. Era o diálogo silencioso do contemplativo. Ele via as palavras de Lacordaire: "cada frase de Cristo é um acento de ternura e uma revelação sublime; ao mesmo tempo em que Ele nos abre o infinito por seu olhar, Ele nos aperta ao coração. Acredita-se voar pelo pensamento e se fixa pelo amor".

Hoje, na eternidade, Plínio contempla, em êxtase, a luz que tanto o fascinou: o Cristo do seu livro, poema de fé e amor, de beleza e adoração.

* DOM ANTONIO DE ALMEIDA MORAES JUNIOR, Ex-Arcebispo de Niterói (RJ) — Foi membro da Academia Mineira de Letras, da Academia Fluminense de Letras, do Instituto de Direito Social de São Paulo (SP), do Instituto Arqueológico de Pernambuco e Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal Fluminense.

Autor de inúmeras obras no campo literário, religioso, histórico e arqueológico. Foi considerado por Sua Santidade o Papa Paulo VI como "um dos maiores oradores sacros do mundo", segundo o depoimento de Nóbrega de Siqueira em artigo publicado no Diário de São Paulo em 14 de dezembro de 1975.

PLÍNIO SALGADO

*Ernesto Leme **

Foi por volta de 1923 que conheci Plínio Salgado. Alarico Silveira, secretário do Interior, no governo Washington Luís, visitava São José do Rio Preto, a serviço de sua pasta. Três figuras de sua comitiva particularmente me interessaram: Guilherme Kuhlman, Diretor Geral da Instrução Pública, e os jornalistas João Silveira e Plínio Salgado. Este, sobretudo, a mim se ligou indissolavelmente, numa amizade que durou até a sua morte.

Os políticos de Rio Preto, a cuja frente se encontrava José Nogueira de Noronha, cercaram o secretário das maiores atenções. E promoveram, em sua homenagem, uma peixada, junto ao salto do Avanhandava. Plínio, João Silveira e o advogado provisionado Francisco Mesquita viajaram comigo no mesmo automóvel. Era uma grata manhã de primavera.

Alarico Silveira prolongou sua viagem até Penápolis, a fim de visitar estabelecimentos de ensino da região. Nós outros permanecemos no Avanhandava, em agradável tertúlia, saboreando alguns aperitivos.

O episódio já foi descrito nesta Casa, com muita graça, pelo acadêmico Hernâni Donato. Eis que de mim se aproxima Oscar Leme Brisola, delegado regional do ensino: havia iniciado um soneto em homenagem ao secretário, compusera o primeiro quarteto e me pediu que prosseguisse. Compuz o segundo quarteto e passei o papel a Plínio, para que elaborasse os tercetos finais, o que ele fez com grande galhardia.

Um dos temas da conversação geral era a presença, na comitiva do secretário, de um penetra, que ninguém conhecia e a

todos mortificava. Foi quando João Silveira a mim se dirigiu, dizendo: "Você, que é jurista, encontre solução para o caso". Estava presente o juiz de Direito da comarca, Dr. Lafayette Sales, a quem dirigi, em verso, um pedido de *habeas-corpus*. Na meia dúzia de oitavas, então compostas, eu alegava, contra o xereta:

*Presente aos comes e bebes,
Sempre firme nas visitas,
Muitas meninas bonitas
Embeçaram por seus modos.
Prejudicados que estamos
Por esse roubo imprudente,
— Já proclamou o insolente
Que também teve o seu Fico,
Pedimos um preventivo
Habeas-corpus para o povo,
Para ele não ir de novo
Com o Doutor Alarico.
Por isso tudo que exponho
E é da mais clara justiça,
Eis-me qual sempre na liça,
Com a pena, que não treme.
Certo de que o Meritíssimo
Nos livrará do penetra,
Este habeas-corpus que impetra
Assina o Ernesto Leme.*

O magistrado não era poeta. Assim, limitou-se a um despacho verbal: "Expeça-se o mandato". Não havia escrivão presente para cumpri-lo; todavia, ali estava o delegado de polícia, João Batista Pinto de Toledo Júnior, para maior de espadas...

Foi nessa viagem à Araraquarense que Plínio Salgado se inspirou, em Monte Aprazível, para escrever *O Estrangeiro*. O Professor Serapião, diretor do Grupo Escolar, reunira os alunos na praça pública, para festejar a visita do secretário. Naquelas crianças, que agitavam a bandeira brasileira e cantavam o Hino

Nacional, várias raças se representavam — dos olhos azuis dos alemães, aos olhos amendoados dos descendentes de japoneses. Sangue de gente cabocla, de judeus e de arianos, unidos todos na igualdade democrática de nossa Pátria. Cinquenta anos mais tarde voltamos àquele sítio, onde um monumento recorda aquele instante de emoção.

Já a essa época, Plínio se integrara na corrente do modernismo. O poeta do *Tabor* (1919), evoluíra para o poeta de *Anta e o Curupira* (1926). E logo após publicou *O Curupira e o Carão*, de colaboração com Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo.

Os estudos de Sociologia, de Filosofia, de Política são o signo de seus trabalhos desde então. Funda o integralismo em 1932 e várias de suas obras se consagram à explanação de sua doutrina. Assim *O que é o Integralismo*, *Cartas aos Camisas Verdes*, *Despertemos a Nação*, *Páginas de Combate*, *A Doutrina do Sigma*. Temos ainda a considerar *O Estrangeiro*, *O Esperado e O Cavaleiro de Itararé*, além de ensaios filosóficos e políticos, como *O Conceito Cristão da Democracia*, *A Mulher no Século XX*, *Extremismos e Democracia*, *Direitos e Deveres do Homem*. Um de seus últimos trabalhos foi o *Compêndio de Instrução Moral e Cívica*, destinado à juventude.

A sua obra máxima, porém, é a *Vida de Jesus*. A sua viagem ao Oriente, em 1930, propiciou-lhe o ensejo de conhecer a região em que se passou a existência do Messias, até o seu martírio no Gólgota. Não foi assim buscar de empréstimo a terceiros a impressão que nos comunica a respeito das terras em que se desenvolveu o drama do Calvário. Eis como descreve, no primeiro capítulo de sua obra, a região de Nazaré: "Desde os declives de Garizim e de Sicar, para quem procede do sul, vai-se operando, através da Samaria, a transformação dos panoramas, num contraste vivo com a aspereza das montanhas meridionais. Os desfiladeiros soturnos e a face pedregosa das elevações calvas, que distinguem toda a região banhada pelo Mar Morto e pela parte mais caudalosa do Jordão, começam, desde o Poço de Jacó, a se substituírem pelas várzeas amenas e colinas ensombradas de arvoredo. Recortam-se, no azul puríssimo, as

silhuetas das palmeiras. Sobe dos vales um frescor, que a viração leve espalha com o cheiro agreste das relvas e o perfume das flores”.

O filósofo e o crente cedem lugar ao poeta, ao imaginar a hora da Anunciação: “As sombras derivam das montanhas do ocidente, caminham devagar pelos vargedos, galgam as encostas orientais. Aproxima-se a estrela vespertina. Aparece como uma gota rútila num céu de pérola; vai-se transformando em diamante num céu de opala; cresce, fulgura como facho de luz num céu de negror insondável. Descem, dos infinitos espaços, as constelações processionais”...

A obra é todo um poema de beleza e de fé. “Estas narrativas”, diz Plínio, “são o espelho de um sentimento que vive em mim e tudo explica em mim”. Mereceu assim esse livro a palavra consagradora de Júlio Dantas: “*Vida de Jesus* não é apenas um livro; é um clarão”. E João de Barros assim se pronuncia: “Mestre de estilo e de pensamento, Plínio Salgado fez uma obra de extraordinária beleza. Livro consolador, grande e nobre presença espiritual, nesta hora de tanta angústia e tanta inquietação”. Sendo de referir-se o eloqüente juízo do Padre Leonel Franca: “Neste grande monumento literário elevado à glória de Cristo, colaboraram em contínua harmonia a informação exata do historiador, a piedade sincera do cristão e a inspiração sempre delicada e por vezes sublime do artista. E a concorrência rara de todos esses dotes é sempre necessária para escrever uma *Vida de Jesus* destinada a ser a jóia de uma literatura”.

Coincidência ou milagre, justamente quando Plínio Salgado escrevia o capítulo referente à traição de Judas, surge em sua casa de Lisboa um amigo de São Paulo, para levar-lhe um presente: era uma moeda romana do tempo de Tibério, encontrada na poeira das escavações que se faziam no Norte de Portugal, para revelar os vestígios da ocupação...

Amigos fiéis por mais de cinquenta anos, eu liberal democrata, ele fundador do integralismo, jamais debatemos em nossas conversas temas políticos, a não ser como referência histórica a

eventos passados. Há pouco menos de um ano, em almoço no Terraço Itália, eu, Plínio e Menotti del Picchia prolongamos nossa tertúlia por mais de três horas. Insisti com Plínio para que escrevesse as suas Memórias, que seriam o espelho de uma vida tão laboriosa e fecunda. Ele prometeu atender-me; porém, a morte impiedosa não lhe deu vagar para isso.

Em carta de 10 de janeiro de 1974, agradecendo a oferta da segunda edição dos *Poemas do Deserto*, Plínio relembra a nossa velha amizade: “Foi como poeta que o conheci e como tal sempre o considerei, através de 50 anos de uma amizade que jamais esmoreceu, apesar de passarem períodos em que não nos víamos, cada qual girando em órbitas diferentes. Agora novamente me encontro com o jovem da inolvidável excursão pelos sertões paulistas e me sinto também nos meus vinte anos, revivendo os sonhos que sonhamos, as inquietações puramente literárias, isentos das graves responsabilidades que nos vieram depois”. Classifica a minha poesia como “da última fase do parnasianismo brasileiro, quando tínhamos nos ouvidos as vozes de Raimundo Correa, Luís Delfino, Guimarães Passos, Emílio de Menezes, Alberto de Oliveira e a reminiscência dos românticos: Álvares de Azevedo, Fagundes Varela”.

E acrescenta: “Naquele tempo, todos nós fomos parnasianos. Reagindo contra os excessos do subjetivismo romântico, o parnasianismo surgiu, principalmente na França, com o caráter mais objetivo no trato dos temas propostos e um rigor acentuado pela perfeição da forma e do estilo. Passando para o Brasil, não se eximiu do sentimento lírico de nossa raça, produzindo uma poesia mais ardente no seu conteúdo e nas suas expressões. Não deixou, entretanto, de ser uma disciplina que nos levava à reconstituição do “clássico”, no culto da forma escoreita, de tradição camonianiana, e isso concorreu indiretamente para o equilíbrio mental de uma geração, em todos os campos de suas atividades. O conhecimento da língua, de suas peculiaridades sintáticas, de seus processos verbais era preocupação dos de nossa idade. Já, então, aparecia o simbolismo, mais transcendental e místico, revelando-se em ritmos novos e chegando mesmo a

exercer influência sobre alguns poetas parnasianos. Estávamos nas vésperas do movimento modernista”...

A *Anta e o Curupira* e *O Curupira e o Carão*, foram as primeiras marcas efetivas de sua adesão à nova escola. Isto não lhe impede de afirmar, quarenta e oito anos mais tarde: “Tanto em filosofia, como nas ciências especulativas e experimentais, nós constituímos uma continuidade, recebendo o patrimônio dos antecessores e enriquecendo-o com a nossa criação própria. Assim a poesia”.

Pela sua cultura humanística e o sabor literário de suas obras, Plínio Salgado já teria obtido a consagração definitiva de seu nome. Seu amor à Pátria e sua vocação política levaram-no a fundar um partido, do qual poderíamos divergir, mas cujos ideais eram os mais nobres, de devoção a Cristo e ao bem de nossa terra. Isso mesmo se reconheceu nas homenagens que lhe prestaram o Senado e a Câmara dos Deputados e por ocasião de seu sepultamento, que se converteu em verdadeira apoteose ao modesto filho de São Bento do Sapucaí.

* ERNESTO MORAES LEME (1896) — Nasceu em Bragança (SP) a 30 de dezembro. Bacharel e Doutor em Direito, Catedrático de Direito Comercial (1934/66) da Faculdade de Direito (USP), e Professor de Direito Civil Comparado. Diretor da Faculdade Ciências Econômicas e Administrativas (1946) e Reitor da Universidade de São Paulo (1951/53). Membro da Academia Paulista de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (Sócio Honorário). Publicou inúmeras obras. Destacam-se: *A participação da política britânica na doutrina Monroe*, 1943; *Ruy e São Paulo*, 1949; *O Exército, a Universidade e a Nação*, 1953; *Ruy Barbosa e a Faculdade de Direito*, 1954; *De Woodrow Wilson a Harry Truman* (Da Sociedade das Nações às Nações Unidas), 1958; *As Velhas Tradições da Academia*, 1959; *Alceu Amoroso Lima*, 1960; *No Limiar da Academia Paulista de Letras* (com o Prof. Ernesto de Souza Campos), 1964; *Tibiriçá e a fundação de São Paulo*, 1964; *Lafayette Rodrigues Pereira*, 1964; *O culto de Maria através dos séculos*, 1969; *A Instituição Política e a Organização Nacional*, 1971.

O texto publicado no presente volume foi extraído do discurso pronunciado na Sessão de 15/09/76, na Academia Paulista de Letras e publicado na Revista da Academia Paulista de Letras, (Ano XXXIV, n.º 87, Janeiro de 1977).

A FIGURA DE PLÍNIO SALGADO

Eurico Branco Ribeiro *

Vou cingir-me a três campos de ação, em que a figura de Plínio Salgado deixou marcantes sinais de sua passagem. São eles: o culto cívico, a atuação partidária e a divulgação do cristianismo.

Mesmo em se analisando superficialmente a obra literária de Plínio Salgado, logo ressalta ao observador menos acurado o imenso labor que ele despendeu em

O CULTO DA NACIONALIDADE

a principiar pelo livro que marcou com grande sucesso a sua estréia como romancista em 1926. Realmente, nas páginas de *O Estrangeiro* ele retrata com fidelidade a vida rural e a vida urbana de São Paulo, estudando com segurança o papel do imigrante, para acentuar a ascendência do colono, com o novo bandeirismo no cultivo da terra, e o regresso das velhas famílias de fazendeiros para a capital, com o suprimento de material humano para o fortalecimento das classes liberais e a pletera do funcionalismo público. Era o estudo sociológico de um setor do Brasil.

Depois, com *Nosso Brasil*, prefaciado pelo Natal de 1936, com *Viagens pelo Brasil*, prenhe de impressões locais; com *Geografia sentimental*, escrita “devagar e com amor”; com o *Poema da Fortaleza de Santa Cruz*, cheio de inspirações de um passado heróico, e com outras produções de sentido nacionalista, Plínio Salgado mostrou que bem conhecia e muito amava o Brasil inteiro. Tanto assim que, certa vez, explodiu nesta

frase que sintetiza o seu acendrado sentimento de brasilidade: "As cidades de minha Pátria me chamam. Oh! Se eu pudesse estar ao mesmo tempo em todas elas!".

Tal qual Plínio Salgado, na pequenez dos meus impulsos procurei sempre cultivar as tradições de nossa terra, estudando e divulgando partículas de sua história, aspectos regionais de costumes de seus habitantes, velhas lendas que permaneciam olvidadas.

.....

Outro aspecto da personalidade de Plínio Salgado está no seu roteiro de promover

A CRIAÇÃO DE PARTIDOS POLÍTICOS

ajustados aos momentos históricos da vida pública da nação brasileira.

Foi uma idéia sem grande repercussão a do Partido Municipalista, sonho de um entusiasmo de moço, ao se lançar nas lides políticas. Dizem os seus críticos que ali já estava a semente da Ação Integralista Brasileira, que ele fez surgir, efetivamente, com o manifesto escrito em fins de maio de 1932 e distribuído aos membros da Sociedade de Estudos Políticos iniciada no começo desse mesmo ano e já espalhada pelo Brasil. Mas só depois da Revolução Paulista é que ele divulgou o seu chamado Manifesto de Outubro, contendo dez capítulos nos quais desenvolveu e justificou a teoria da nova organização. Não se tratava de iniciativa improvisada. Ele mesmo confessou que o seu "primeiro manifesto integralista foi um romance", que levava quatro anos a meditar e a escrever, resultando no lançamento de *O estrangeiro*, em 1926. E desse ano a 1932 ele deve ter concatenado as suas idéias para enfeixá-las em partido político.

Interrompida a Ação Integralista Brasileira em 1937, com o advento do Estado Novo, Plínio Salgado retirou-se para Portugal, onde foi procurado pelos seus velhos companheiros de partido, em 1945, para liderar uma nova arrancada partidária. Apareceu, então, o Partido de Representação Popular, que outra

coisa não era do que o próprio movimento integralista. Assim, pode-se dizer que Plínio Salgado foi também o fundador do Partido de Representação Popular.

A sua tecla doutrinária era a instituição de um regime fundado na moral cristã, na dignidade do homem, cultuando Deus, a Nação e a Família, pois que, iniciava o Manifesto, "Deus dirige os destinos dos povos".

.....

Mas em Plínio Salgado temos de destacar, também, a sua encantadora produção literária como

ESCRITOR CRISTÃO

do mais alto mérito, tendo produzido obra que despertou os mais encomiásticos elogios. Se vamos percorrer a sua volumosa e valiosa bibliografia, encontramos logo traços nítidos de sua inclinação para os temas religiosos, de que está grandemente impregnada a sua doutrina política. Não só ali. Bem disse o bispo de Helenópolis, D. Manuel Trindade Salgueiro: "As suas obras, as suas atitudes, as suas conversas, mesmo as mais simples, são luminosamente cristãs, porque a sua alma é estruturalmente cristã". Realmente, na grande maioria da produção literária de Plínio Salgado está presente o espírito religioso da doutrina cristã. Ele mesmo disse: "...nada mais tenho podido fazer senão estenografar meu pensamento num conjunto de livros, que são fragmentos em cada qual as gerações futuras encontrarão um traço de unidade identificador; juntando colunas, capitéis, blocos de bases, ver-se-á que existe, nos elementos esparsos, um plano arquitetônico". O conjunto recende a espiritualidade cristã. Ela é que norteou permanentemente o seu trabalho de escritor. Tem razão, pois, Fernando Whitaker da Cunha quando diz que tais qualidades "deram à sua obra literária um lugar definido no panorama cultural brasileiro".

Tanto nas páginas de *A quarta humanidade*, publicadas no auge da doutrinação integralista, como nas da *Aliança do sim e do não* e demais livros escritos em Portugal durante o seu exílio, — *Primeiro, Cristo, O Rei dos Reis e Mensagens ao*

mundo lusíada — o que ele exalta é a figura de Jesus, a predominância das leis divinas, a aplicabilidade da doutrina cristã na orientação do governo dos povos, as ligações históricas da nação portuguesa com a religião pregada pelo Cristo.

Faz parte ainda de sua produção oriunda de Portugal *O conceito cristão da democracia*, fruto de conferência proferida em Coimbra a 8 de dezembro de 1944. Nesse trabalho, estabelece “os limites e relações entre os conceitos de autoridade e liberdade” para afirmar que o cristianismo não tem parentesco com o socialismo, porquanto este repousa exclusivamente no fator econômico, enquanto aquele é espiritualista. É por isso que afirma que “é bela, é heróica, a posição cristã corajosamente enfrentando os dois excessos: o da autoridade sem limitações dos césores, tanto da direita como da esquerda, e o da liberdade, também sem limitações, das massas, que conduz os povos àqueles extremos”.

Em prefácio escrito em 1948 para uma nova edição da obra de Villefranche sobre *Pio Nono*, prefácio da extensão de um livro, Plínio Salgado ressalta o valor dos conselhos do sábio papa, que com grande clarividência abordou os frutos da transitoriedade política e literária da Europa nos meados do século passado, convencendo-se de que “as desgraças do nosso século vinte têm por origem o fato de o progresso material não ter sido acompanhado pelo progresso moral, espiritual”.

Convidado em 1948 para participar das conversações Católicas Internacionais a se realizarem na cidade espanhola de San Sebastian, Plínio Salgado não relutou em atender à convocação. O tema proposto para aquele ano era empolgante. Tão empolgante que ainda permanece na ordem do dia, dando margem até às mais extravagantes atitudes na área diplomática, na imprensa internacional, nas intrigas de grupos interessados em criar suspeitas e denegrir instituições sérias e governos estabelecidos. O assunto era “Direitos e Deveres do Homem”.

Plínio Salgado escreveu a sua contribuição durante a viagem marítima do Brasil à Espanha. Iniciou o seu trabalho citando e fazendo a crítica da orientação seguida pela Comissão

de Direitos Humanos das Nações Unidas, que havia solicitado opinião de destacadas personalidades do mundo intelectual — pensadores, filósofos, políticos e juristas, cujas idéias Plínio Salgado referiu e comentou, para em seguida expor a sua própria maneira de ver o assunto, inspirado na “concepção do homem como criatura de Deus e por Deus destinado a um fim supremo, concepção sem a qual não há direitos nem deveres humanos”, com íntima dependência entre os interesses do homem e os das nacionalidades. Por fim arrolou a reprodução de Cartas sobre os Direitos Humanos no correr da História, dando destaque especial aos Dez Mandamentos da Lei de Deus, por serem “a mais sublime Carta de Deveres”.

Dando vibrante seguimento aos seus escritos religiosos, em *Imagens daquela Noite*, Plínio Salgado reuniu dois entreatos e mais escritos sobre o Natal e sobre a tragédia da Paixão. Em *São Judas Tadeu*, que obteve o beneplácito eclesiástico em 1954, as figuras reverenciadas desse santo e a de seu irmão Simão Cananita são valorizadas à luz de pesquisas em velhos textos, para permitirem ao autor a feitura de um delicioso romance de fundo histórico, em que foi urdido um enredo baseado “nas lendas e tomando como fundamento o que de positivo se encontra nos Evangelhos e nos Atos”. Nesse livro, Plínio Salgado usou a mesma tática aplicada na sua obra prima, que é *Vida de Jesus*, onde romanceou a passagem do Nazareno pela Terra, na qualidade de Filho de Deus, personagem unigênita merecedora de ser apresentada à apreciação da humanidade na linguagem singela e cheia de encantos de que se serviu o escritor.

Segundo informa Raimundo de Meneses, o principal livro de Plínio Salgado alcançou três edições no Brasil, com mais de 15.000 exemplares, e, em Portugal, quatro edições de três mil exemplares. Não sei se nesses números estão incluídos os exemplares das “Obras Completas”, reunidas pela Editora das Américas em 1954-1955. De qualquer forma, no Brasil, um livro que atinge cerca de trinta mil exemplares é um grande livro. *E Vida de Jesus* realmente é um grande livro.

O próprio Plínio Salgado considerava essa obra como a sua maior façanha, apontando-a com “a síntese de toda a minha

obra". Isso porque, ao ir descrevendo as passagens da vida do Cristo, ia dando vazão aos seus pensamentos, obtendo dos fatos narrados as conclusões apropriadas, apontando lições a serem aproveitadas, fazendo uma crítica sadia sobre os acontecimentos e sobre as pessoas que acompanhavam o Mestre e as que dele fortuitamente se aproximaram. Não se trata, pois, de uma simples narrativa histórica, baseada em documentos que chegaram até nossa época. É, sim, um repositório de conceitos e ensinamentos dos mais preciosos para quem se dispõe a colher os frutos sazonados e já descascados de toda a doutrina que exsurge, por vezes nebulosa, das parábolas e dos fatos nem sempre bem interpretados. Plínio Salgado ensina o leitor a conhecer na sua verdadeira essência os episódios da vida de Jesus. E o faz de maneira suave, bordando as suas descrições com profundos conhecimentos pessoais do ambiente da Terra Santa, dos costumes do povo naquele tempo, das personagens que ali viviam, dos acidentes geográficos ligados ao itinerário percorrido pelo Divino Salvador.

* EURICO BRANCO RIBEIRO (1902/1978) — Nasceu em Guarapuava (PR) a 29 de março. Médico, foi membro da Academia de Medicina de São Paulo. Jornalista, realizou pesquisas históricas no Paraná, em torno do bandeirismo e das origens de sua cidade natal. Foi membro da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos (fundador); da Academia Paulista de Letras, cadeira n.º 6, em substituição a Plínio Salgado. Publicou, entre outros trabalhos; *Estudos Cirúrgicos* (6 volumes) além de estudos especializados publicados em espanhol e no *The Journal of the International College of the Cirurgions*; *O livro que São Lucas não escreveu* (romance), 1969; *Médico, pintor e santo* (biografia), 1970; *Lucas, Médico escravo*, 1974; *São Lucas como escritor*, 1975.

O texto publicado no presente volume foi extraído do discurso de posse na Academia Paulista de Letras, em sessão de 15/09/76, publicado na Revista da Academia Paulista de Letras (Ano XXXIV, n.º 87, Janeiro de 1977).

PLÍNIO SALGADO, PERSONALIDADE MARCANTE

Ferdinando Martino F.º *

Meu depoimento sobre Plínio Salgado, põe-me numa incumbência por demais superior à minha capacidade, pois se trata de um *homem* que, pela sua cultura gigantesca, criativa, elevou a sociologia, a história, a política, do âmbito nacional ao universal, deduzindo como filósofo, intuindo como Bergson, perscrutando na imanência histórica da vida, para afinal, na *Divina transcendência cristã* (*A Vida de Jesus*, que ele mesmo escreveu genialmente) — marcar para a humanidade o rumo certo de que se afasta o mundo, tangido pelo materialismo e idealismo cético.

Foi um autodidata como Spinoza e tantos outros gênios, que souberam cavar na rocha de granito, para daí extrair a linfa viva e eterna da sabedoria que orienta os povos.

Humilde e santo, pôs todas suas energias espirituais a serviço da Pátria e da Humanidade, para morrer tão pobre como S. Francisco de Assis, deixando, no entanto, aos pósteros, um patrimônio que vale mais do que todos os tesouros materiais do mundo. Essa a marca do *grande homem*!

Iniciou-se na política com *P — maiúsculo* — o que nos faz lembrar as ponderações de Rui Barbosa, sobre o pragmatismo político dos que a fazem em detrimento da sociedade e para servir o egoísmo, e a política superior, que é luta e sacrifício, no altar da Pátria, como a fizeram os *Inconfidentes mineiros*, Pedro II, o Patriarca da Independência, José Bonifácio, Rui, Cícero, Lincoln e tantos outros astros históricos, que, como tochas vivas, ainda iluminam os povos, para desviá-los das trevas e dos abismos!

Em 1930 eu exercia alguma liderança na ala jovem do Partido Democrático Nacional, sob a orientação dos saudosos mestres, Francisco Morato e Waldemar Ferreira. Éramos três alunos da Faculdade; Victor Cordeiro, Romeu de Andrade Lorenção e eu. Embalava-nos o *Liberalismo* da gloriosa Revolução Francesa, de 1789, com os lemas de *Liberdade-Fraternidade-Igualdade*.

Ex-combatente da *Primeira Guerra Mundial*, eu voltara ao Brasil desencantado com a decadência política que envolvia a velha Europa, e não menos com o vetusto coronelismo político que logo constatei na minha Pátria, onde a democracia era apenas um rótulo de ingredientes fundamentais para a vida política da Nação, que, porém, privavam pela ausência, pois a concepção tripartite dos poderes se embasava, apenas, nos corrilhos do enferrujado *coronelismo tribal*...

A oposição política, dirigida pelo Partido Democrático Nacional, agitava todo o Brasil, quando depunhamos nossas esperanças numa vitória nítida do nosso candidato: *Getúlio Vargas*. Entretanto foi eleito o candidato do governo, *Julio Prestes*. Diz Gaspar Viana, em seu compêndio de História do Brasil, fls. 272:

"Entretanto, esta luta política serviu de pretexto para fomentar no Exército o espírito revolucionário, que vinha desde 1922. E assim é que, aos 3 de outubro de 1930, estourou o movimento armado em Minas, no Norte e no Sul. A guerra civil era inevitável. Para evitá-la, o Exército depôs o Presidente Washington Luis, que, preso no Forte de Copacabana, foi logo depois exilado."

Destarte, assumia o governo provisório o Dr. Getúlio Vargas, que governou sem solução de continuidade até 1945, quando foi deposto pelas Forças Armadas.

Depois da malograda e gloriosa Revolução Constitucionalista de São Paulo, Plínio Salgado fundou a *Ação Integralista Brasileira*, reunindo a mocidade brasileira, ilustres patentes das Forças Armadas, intelectuais de grande cultura, que se dispunham a estudar a problemática nacional, para chegar-se a um

movimento político moderno, objetivo, prático, obedecendo a escala dos valores.

Procurava Plínio Salgado atingir essa *Integração*, mais ou menos, como intentaram Spencer e Rosmini, passando de coisa conhecida à desconhecida. Mas o fez em caráter mais atualizado, enfeixando o *materialismo* e o *idealismo*, sob a cúpula do *espiritualismo cristão*, isto é, submetendo a imanência à *transcendência*.

Em 1934, pela primeira vez, convidado pelo dr. Lima Netto, saudoso poeta paulista, assisti a uma conferência de Plínio, no Clube Comercial. Sua personalidade marcante, sua didática persuasiva, objetiva, histórica, seu idealismo profundo e comunicativo, me convenceram que eu estava diante de um *homem novo do século*. Ele apontava para caminhos positivos e certos, que podiam vencer "*quella selva selvaggia ed aspra e forte*" de que nos falava Dante na *Divina Comédia*. A selva áspera e selvagem era a política caótica do liberalismo, já contaminado pela *demagogia*, o câncer que corrói os partidos políticos e as nações.

Plínio ensinava um sindicalismo entrosado no corporativismo moderno, que partia do binômio *indivíduo-sociedade, trabalho-capital*, com que superava os regimes totalitários da esquerda e da direita, ao mesmo tempo que, numa crítica serena ao *sistema burguês*, tão materialista como o marxismo, pretendia e pretende impor os seus interesses acima da Nação.

Após sua conferência, visitei Plínio na sede social do *Integralismo*, no começo da av. Brigadeiro Luiz Antonio. Lá estava ele, tendo a seu lado o acadêmico da Escola de Direito, Miguel Reale, seu Secretário, o brilhante teórico desse movimento.

Plínio não morreu, é imortal! Honremos seu nome e prosigamos na sua obra, que é uma catedral em começo. Ela crescerá sempre, cada vez mais bela, cada vez mais gloriosa!

* FERDINANDO MARTINO FILHO — Bacharel em Direito e Professor no Ensino Superior. Foi membro do Partido de Representação Popular tendo sido candidato a Deputado Estadual.

PLINIO SALGADO, PENSADOR

M. Rodrigues de Melo *

Plinio Salgado, durante o magistério da sua pregação apostolar, bateu-se pela criação das idéias fundamentais que devem informar a vida da nacionalidade.

Partindo da premissa de que "Deus dirige o destino dos povos", afirmou a sua crença em Deus e na imortalidade da alma.

Desse princípio decorre toda a sua concepção do Homem e do Estado. O Homem, dizia ele, antecede ao Estado, logo o Estado não deve absorver o Homem, mas ampará-lo e protegê-lo na expansão dos seus anseios e aspirações, na projeção da sua personalidade.

Essas idéias, ele as defendeu durante toda a sua vida, querendo com isso provar a democraticidade da sua Doutrina, que se baseava, não na ficção do partido liberal, inconstante, aleatório, oportunista, mas nos grupos naturais, como a igreja, a família, o sindicato, as classes econômicas, culturais e artísticas.

Este pensamento não o abandonou nunca. Está em todos os seus livros, discursos, conferências, artigos de jornal, diretivas, documentos oficiais da Ação Integralista Brasileira e do Partido de Representação Popular.

Acompanhei-o desde 1932, quando lançou o Manifesto de Outubro, e mesmo antes, quando escrevia na "A Razão", de São Paulo, em 1931, e até hoje não me arrependo de ter participado do maior movimento social e político da América Latina, que teve como fundador e estruturador o cérebro privilegiado de Plinio Salgado.

Conheci-o pessoalmente e com ele participei de bandeiras ao interior do Estado, convenções do Partido de Representação Popular, no Rio, Encontro das Academias de Letras do Brasil, em Gioânia, (1972), e dele sempre tive a melhor impressão, quer como Chefe, quer como amigo, quer como companheiro.

Sendo homem de cultura polimorfa, não fazia praça do seu saber. Era simples, afável, maneiroso, tomando assento entre os mais modestos companheiros da sua Cruzada.

Na tribuna, era um gigante, ninguém o superava. No jornal, escrevia com elevação e sabedoria. No livro, dissecava os assuntos, com penetração e segurança. No romance, criava os quadros, gizando os personagens, de acordo com o meio e a psicologia de cada um. Na poesia, tinha a intuição dos grandes videntes. Filósofo, pensador e sociólogo, afirmou no livro — *O Integralismo na Vida Brasileira* — que se lhe dessem o direito de opinar diria que o título que melhor lhe cabia por direito e vocação era o de pensador.

Estou totalmente de acordo com o seu ponto de vista.

Seguindo a linha dos grandes pensadores brasileiros, Plinio destacava como precursores do seu pensamento, Jackson de Figueiredo, Alberto Torres, Farias Brito, José Bonifácio de Andrada e Silva, Oliveira Viana e Euclides da Cunha.

Não sei porque não citou Olavo Bilac, não como pensador, mas como poeta, precursor da sua campanha nacionalista, pregando a necessidade do serviço militar e as lições de civismo do escotismo.

Em compensação, citava Couto de Magalhães, Carlos Gomes, Juvenal Galeno, Duque de Caxias e tantos outros expoentes do pensamento brasileiro.

Educador por excelência, Plinio Salgado, com o seu exemplo e com a sua coragem, educou e preparou várias gerações no amor da Pátria, ensinando a cantar o Hino Nacional e despertando a Nacionalidade para o seu verdadeiro destino.

Honras, pois, à sua memória, à sua cabeça de ouro, ao seu verbo de fogo, que incendiou gerações inteiras abraçadas no amor da Pátria.

* MANOEL RODRIGUES DE MELO (1912) — Nasceu em Macau (RN), a 07 de Julho. Bacharel em Direito. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Instituto Histórico e geográfico do Rio Grande do Norte e São Paulo, da União Brasileira de Escritores, seção Rio Grande do Norte. Jornalista e escritor, colaborou em jornais e revistas do Nordeste. Foi chefe Provincial do Integralismo e fundador do 1.º núcleo Integralista do Rio Grande do Norte. Fundou o 1.º sindicato Integralista do Município de Macau (União Sindical de Independência), 1932. Presidente Regional do Partido de Representação Popular e vereador em Natal. *Obras Publicadas: Varzea do Açú; Patriarcas e Carreiros; Cavalos de pau; Chico Caboclo; Terras de Camundá* (romance); *Pesquisas sociológicas e outros poemas.*

PLINIO SALGADO, PENSADOR ILUSTRE

Manoel Vitor *

Um nome, uma bandeira, um coração e um cérebro.

Se uma cabeça havia que centralizasse em si mesma o desejo de cimentar um círculo de amor em torno da tríade — Deus, Pátria e Família, essa foi a desse pensador ilustre que arrebatava multidões na mocidade e serenava a ânsia dos intelectuais com o ouro da sua pena.

★

Há cinquenta anos atrás, ali por 1925, éramos três jornalistas compondo, com outros inesquecíveis amigos, a redação do "Correio Paulistano": Plínio Salgado, Menotti del Picchia e eu, o mais moço. Fazíamos uma união intelectual tão estreita que nos prevalecíamos do espírito para manter sempre um sabor doirado na amarga vida das madrugadas de jornal. E trabalhamos anos seguidos nas vetustas colunas do respeitável matutino. O PRP daquele tempo era o Partido Republicano Paulista da hegemonia bandeirante. Na redação pululavam políticos e o diretor Carlos de Campos, antes de vir a ser governo, era um excelente pianista.

O "Correio Paulistano" guardava no seu cadinho literário e artístico uma enorme plêiade de valores autênticos. Eu era o "foca" plumitivo.

Ressaltavam com o brilho de suas penas, Plínio Salgado e Menotti Del Picchia no feitio lapidar com que as suas mentes privilegiadas ditavam o manjar diário para os leitores.

Depois, veio o inevitável: cada um de nós, obedecendo aos tresmalhar dos instintos, enveredou para o seu destino.

Menotti é o de sempre extraordinário poeta e prosador, tão forte na velhice como o foi na juventude.

Plínio Salgado recolheu o sentido das lutas humanas, pesquisou as consciências, enveredou pelas lides do arrojo político, conheceu a fibra dos governos e a lógica da democracia, e estacionou, embora traído pelos fatos, na profunda filosofia da fé, introduzindo-se com beleza d'alma, na contemplação das maravilhas de Deus.

Foi um mestre, um bom, um idealista que não considerava nunca perdido o seu ideal, mesmo nas frustrações inopinadas. Sua alma, inflada de virtudes, era a garantia da sua personalidade ímpar. O que escreveu e deixou para a gula das bibliotecas, vale toda uma vida posta a serviço do bem. Era simples como um santo, embora possuísse os recursos admiráveis de um bravo condutor falangista.

A *Vida de Jesus*, que escreveu, é realmente como ele bem define: "o espelho de um sentimento que vive em mim e tudo explica em mim." E acrescenta: "os que souberam, alguma vez ao menos, penetrar na psicologia dos seus semelhantes e na sua própria, esses compreendem o que eu quero dizer."

De fato, esse livro de mais de seiscentas páginas, volumoso no conteúdo como volumoso na marca pessoal que o exubera, vale como "indicação preciosa à interpretação da sociedade de outros séculos."

Sua rota pelo sigma nada mais era que a projeção da sua mesma personalidade em busca de Deus para dá-lo aos homens. A Família e a Pátria foram os degraus por onde andou semeando rosas que lhe trouxeram o paradoxal perfume dos espinhos. E se a sua velhice foi crucificada de amarguras, estas lhe deram entrada suave na eternidade de Deus.

* MANOEL VITOR DA COSTA (1898) — Nasceu em Juiz de Fora (MG) a 25 de Maio. Bacharel em direito, professor em diversas instituições de ensino superior. Radialista, orador e conferencista, organizou e dirigiu o programa católico Hora da Ave Maria, durante quase 40 anos. Deputado constituinte em 1946. Deputado Federal (1946 a 1950). e Deputado Estadual (1950 a 1954). Membro da União Brasileira de Escritores e da Academia Cristã de Letras. Obras publicadas, entre outras: *Monteiro Lobato e Cia.*, 1924; *O ban-deirante. Dramas da floresta virgem*, 1934; *Paulo Setúbal* (biografia), 1975 — Prêmio literário Paulo Setúbal.

PLÍNIO SALGADO, AMIGO E COMPANHEIRO

Mário Gracioti *

Plínio era um excelente amigo, um companheiro inigualável, um coração do tamanho de um bonde, uma nobreza de caráter poucas vezes encontrada. A política em que ele se meteu depois, se glória e cartaz lhe deu, pode tê-lo deturpado aos olhos de quem não o conhece. Político militante, líder, chefe, presidente de partido, Plínio tem o mérito de conservar os seus amigos. Inúmeros companheiros dele, do tempo da pensão da Avenida Brigadeiro Luís Antônio, e que tomaram rumos políticos diversos — uns viraram comunistas, outros monarquistas, outros liberais, outros anarquistas... — todos conservam amizade e estima pessoal por ele. Grandes intelectuais, que divergem completamente de suas idéias políticas, continuam a estimá-lo. Porque ele é, acima de tudo, um sentimental, dono de um caráter sem mácula e de uma nobreza invejável. Simples, humilde, bom, Plínio põe em tudo o que faz as qualidades pessoais que tanto o exornam. Não sei, politicamente, até onde ele esteja certo ou errado. Sei, apenas, que ele é um amigo, daqueles amigos que os velhos árabes da velha Arábia diziam valerem mais do que um punhado de moedas de ouro.

* MARIO GRACIOTTI (1901) — Nasceu em São Paulo (SP). Doutou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Jornalista e escritor foi Diretor da Revista de Cultura *Inteligência*; fundador de *Viver* (mensário de saúde, força e beleza); fundador do Clube do Livro. Membro da Academia Paulista de Letras. Participou também do Movimento modernista. Entre outras, tem as seguintes obras publicadas: *A quarta dimensão* (contos); *O homem plural* (romance); *Europa tranqüila* (crônicas de viagens); *Portugal* (crônicas de viagens); *O mundo antes do dilúvio* (crônicas).

O texto publicado no presente volume foi extraído do livro *Europa Tranqüila*, Editora Clube do Livro, 4.^a edição SP, 1959.

PLINIO SALGADO, O FRATERNAL AMIGO

Menotti Del Picchia *

Ainda há pouco recebíamos na nossa casa da Avenida Brasil, Juscelino Kubitschek e Plínio Salgado enchendo nosso lar de ternura e alegria.

Com Plínio recordamos nossa fraterna amizade oriunda da quase infância quando ambos, no Colégio S. José de Pouso Alegre, sob a égide do bispo D. Nery, nos imergimos numa atmosfera de cristã espiritualidade que impregnou para sempre nosso ardente nacionalismo.

Irmão de espírito, nossa amizade foi sempre integral. Não nos separaram nem mesmo as divergências que tivemos no decorrer dos nossos embates políticos quando, com Cassiano Ricardo, Motta Filho e Alfredo Ellis fundamos o movimento nacionalista da "Bandeira". A luta teórica entre nós travada podia parecer que havia erosada ou extinta a amizade fraterna tão sedimentada desde quando, com outros intelectuais, em 1922, preparamos a "Revolução Modernista", que explodiu nas famosas noites do Teatro Municipal tendo ao nosso lado Oswald, Mario de Andrade e outros heróis hoje imortalmente consagrados.

Plínio Salgado foi sempre, em qualquer trincheira que combatesse, a inteligência, a integridade, o impetuoso furor cívico todo dedicado ao Brasil. Alma de líder, corajoso e enérgico foi seu comando. Criou e teve como discípulos e adeptos figuras das mais destacadas da nossa história intelectual e política que até hoje lhe são fiéis e lhe exaltam a memória. Tornou-se um dos maiores líderes da juventude brasileira. Plínio Salgado, sempre grande quer na poesia quer na prosa, sendo

que o orador superava nele todas as suas virtualidades, transformando-o numa figura pinacular dentro da história política brasileira.

Para mim, nele, o que mais me seduz, é o grande escritor que deu ao patrimônio literário da nossa terra algumas das obras fundamentais das nossas letras, com justa consagração e repercussões internacionais. O *Estrangeiro* confirmou-se como um marco renovador do romance brasileiro. Abriu a série das grandes obras que, num radioso renascimento de um sadio nacionalismo, escachoearam do Norte tendo na vanguarda a já histórica *Bagaceira* do grande José Américo de Almeida, seguida pelos romances de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, culminando numa apoteóse internacional de sucesso com as criações de Jorge Amado, proclamado como um dos maiores romancistas contemporâneos.

Mas para consagrar Plínio Salgado na veneração das multidões, aí está *Vida de Jesus*, cujas edições, em tantas línguas, levam sua Mensagem de Paz e de Amor aos leitores de tantos países e lhe assegura um lugar ímpar na admiração e no carinho do nosso povo.

* MENOTTI DEL PICCHIA, PAULO (1892) — Nasceu em São Paulo (SP) a 20 de Março. Bacharel em Ciências e Letras e Bacharel em Direito, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado de São Paulo. Deputado Estadual e Federal por São Paulo. Jornalista, foi proprietário da União Jornalística Brasileira, das Revistas *A cigarra* e *Nossa Revista* e outras publicações. Recebeu o troféu Juca Pato — prêmio literário como o intelectual do ano (1968). É membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Paulista de Letras.

Obras principais, entre outras: *Juca Mulato*; *Máscaras*; *Angústias de D. João*; *República 3000* — a filha do Inca; *Kalum*, o mistério do sertão; e *A longa viagem* (memórias). Teve a sua obra completa publicada em 13 volumes pela editora Martins.

NOS CAMINHOS DE PLÍNIO SALGADO

Nóbrega de Siqueira *

O jornalista Paulo Amaral de Melo, amigo fraternal desde o distante 1930, envia-me da capital paulista o artigo *Gerações Literárias*, publicado a 6 de fevereiro, no "Diário de São Paulo", no qual Plínio Salgado relaciona escritores, poetas, artistas plásticos, com os quais privou de 1922, — Semana de Arte Moderna, a 1932 — Revolução Constitucionalista.

O grande, telúrico e muralesco Autor de *O Estrangeiro*, lançado em 1926, com excepcional sucesso, — marco inicial, ponto de partida do moderno romance social brasileiro, ideologicamente vinculado àquele Movimento, pelo estilo, técnica e sentido de brasilidade — ao evocar jovens — que iam surgindo com suas mensagens renovadoras e com os quais conviveu, incluiu este modesto repórter que, durante um ano, assinou a crônica social "Kodakizando" do matutino paulistano do qual ele era redator-chefe.

"Por esse tempo — escreve o ilustre romancista e pensador — me apareceu Nóbrega de Siqueira, admirável poeta e boêmio consumado que, em 1931, levei para o jornal "A Razão", como redator social, tendo sido ele o precursor de Ibrahim Sued e outros, na criação do gênero descritivo das festas e recepções da alta sociedade".

A carinhosa referência a meu nome oferece-me oportuna "deixa" — (já fiz crítica teatral) para também rememorar o itinerário de quase meio século, com encontros e desencontros, que percorri muitas vezes a seu lado, a partir de 1924, quando o poeta de *Thabor* já era jornalista de nome e eu, apenas colaborador de uma casa comercial.

Todos os meses eu ia receber a prestação de 20 mil réis, no escritório de advocacia do então deputado estadual Alfredo Egídio de Souza Aranha, situado na rua Líbero Badaró, entre a Praça do Patriarca e o Largo do Ouvidor.

Plínio era pontual no pagamento. Estava sempre de terno preto de casemira, já bastante lustroso pelo uso. Sem que eu possa explicar o motivo, simpatizou com o parlapatão e imberbe magruço que o aconselhava, com insistência, a estudar Direito, embora, como o Frei Tomaz dos versos populares, jamais tivesse seguido seus próprios conselhos... Mais tarde, fiquei sabendo que ele trabalhara no "Correio Paulistano" com meu primo Boaventura Barreira, redator da Seção Judiciária e do qual fôra padrinho de casamento.

Ao contrário do magnífico poeta Augusto Frederico Schmidt, um dos nomes citados no evocativo artigo, jamais senti qualquer vocação para as atividades comerciais. Por isso, deixei o emprego, arrumei minhas poucas roupas numa velha valise e rumei para Bocaina, onde meus pais estavam residindo. Na redação do "São João da Bocaina", dominical jornalzinho de apenas 4 páginas, pela primeira vez senti uma espécie de estalo semelhante ao de Esopo e do Padre Antônio Vieira, evidentemente guardadas as proporções. Comecei a escrever versos e crônicas às bateladas, a redigir notícias às toneladas, a colocar crases onde não deveriam estar e a tirá-las de seus legítimos lugares.

Lia tudo o que caísse em minhas mãos, — desde que não fosse escrito em francês, inglês, alemão, — de Euclides da Cunha a Pitigrilli, de Eça de Queirós a Benjamin Costalat, de Camões ao falso Rabelais, das edições de baixo sexualismo, vendidas, como hoje, clandestinamente.

Pelos jornais de São Paulo, acompanhei com entusiasmo o êxito de *O Estrangeiro*, então escrito com "x", e li a inclusão do nome de seu Autor na chapa de candidatos à deputação estadual pelo velho Partido Republicano Paulista.

Num papel berrantemente amarelo, com meu nome impresso ao alto, escrevi-lhe uma carta cordial e ingênua, que ficou sem resposta. Felicitei-o pelo sucesso do romance e lamen-

tei não ser eleitor no seu distrito (deveria ser São Bento de Sapucaí) para lhe dar meu desnecessário voto. As eleições da época dependiam menos dos sufrágios do que do reconhecimento e da diplomação...

Quando aprendi a colocar crases nos lugares certos, lendo os tratados de Português de Mário Barreto e estudando no curso de preparatórios do professor Lázaro Gonçalves Teixeira, que paternamente emendava meus versos, voltei para São Paulo. Não pretendia ficar toda a vida vendendo selos, manipulando e distribuindo cartas na agência postal de 3.ª classe de Bocaina, da qual era ajudante.

A 19 de março de 1929, entrei para o "Correio Paulistano", por empenho de Vitor de Azevedo, o Azevedinho, cujo nome, por um lapso, foi omitido no evocativo artigo de Plínio Salgado.

Passeando pela Rua de São Bento, uma tarde, me encontrei com o ilustre escritor e jornalista, já deputado estadual. Ele estava acompanhado de um senhor magro, de cabelos brancos, com uma enorme e grossa bengala de cana de Java. Extrovertido, desinibido, audacioso, lembrando um moto-contínuo ou o burro falante das estórias infantis de Monteiro Lobato, dirigi-me ruidosa e festivamente a Plínio, sem sequer lhe dar tempo para que respondesse, como se minhas palavras fossem o pipocar de uma metralhadora enlouquecida...

— "Sabe, Plínio (eu não dobrava a língua, não dava senhor nem ao Rei de Passárgada) estou no "Correio Paulistano", onde você já trabalhou. O diretor, deputado federal Abner Mourão, está renovando o corpo de redatores, desde que assumiu o cargo no lugar de um tal Flaminio Ferreira, velho retrogrado que nada queria com os jovens e que faliu um banco."

Nervoso e agitado, Plínio mudou de cor, desconversou. Tentou despedir-se, temeroso de que o bengalão de seu amigo caísse no lombo do falante e tráfego rapazinho. A muito custo, conseguiu escapular, entrando ambos no Cinema São Bento.

Tempos após, para meu espanto, Plínio revelou-me que o homem de bengalão era Flaminio Ferreira, também deputado

estadual pelo P.R.P., grande jornalista, excelente caráter, "boa praça, legal e bacaninha", como hoje se diz.

Tive a seguir vários contatos com Plínio, que me ofereceu *O Estrangeiro*, com afetiva dedicatória. Nessa época, ele e Menotti Del Picchia me convidaram para trabalhar no Comitê Republicano de Propaganda da Candidatura Júlio Prestes, ao lado de Manuel Mendes, romancista de *O Surumba*, desaparecido em condições trágicas; Gabriel Marques, contista e romancista lançado em 1923 por Monteiro Lobato; Vitor de Azevedo, excelente historiador e biógrafo de Padre Antonio Feijó, e outros que colaboraram no escritório de divulgação política dirigida, que teria sido o precursor do DIP... Ganhava 400 mil réis mensais e mandei fazer uma casaca por 900, ridículamente estreitada no Natal de 1929, num cabaré de segunda classe da Praça João Mendes. Faço este irrelevante registro, pelo fato de, anos após e em diversas oportunidades, Plínio me haver dito, até com certo carinho paternal, ter eu lhe devolvido, em péssimas condições, a casaca que me emprestara para uma solenidade festiva...

Eleito Júlio Prestes para a Presidência da República, Plínio fez viagem de estudos ao Oriente Médio e à Europa, tendo regressado à pressa. Rebentara a Revolução de 1930, que iria determinar o fim da República Velha. Sobre a interrompida excursão, publicou o livro *O Oriente*, em 1931, hoje raridade bibliográfica. Meu exemplar perdeu-se numa das esquinas da vida.

Ficamos todos desempregados e, muitas vezes, fui almoçar em sua casa, na rua Albuquerque Lins, verdadeiro Messenato de jovens candidatos a escritor. Convidou-me, em meados de 1931, para redator de "A Razão", onde eu assinaria "Kodakizando" e a crônica teatral. Secretário de redação era o poeta Nuto Sant'Ana e tive como colegas entre outros, o hoje acadêmico Marques Rebelo, San Tiago Dantas, Mário Gracioti, Silveira Peixoto, Gabriel de Barros, Angelo Simões Arruda e Alpínolo Lopes Casali.

Em "A Razão", fiz uma descoberta sensacional, puramente por intuição. Preparei uma entrevista, ilustrada por fotografia,

com o jovem pintor e caricaturista japonês Takaoka, também boêmio inveterado, que conheci em um bar da Avenida São João e que bebia mais chope do que eu.

O diretor do jornal, ao ler a entrevista publicada, me advertiu severamente, por perder tempo com “gente que não era notícia e que não tinha nome”. Paris, anos após, redescobriu Takaoka, que passou a ser notícia na imprensa francesa. Nunca mais o vi, nem quando, em 1955, vaguei deslumbrado pelas margens do Sena, com os bolsos do sobretudo cheios de castanhas assadas, para aquecer as mãos, e vendo correrem as águas serenas do rio que traz para o Ocidente toda a sabedoria do Oriente, como escreveu Gilberto Amado, uma das mais claras inteligências do Brasil.

Certa noite, pretendendo sair cedo da redação, para ir a um baile escrevi antecipadamente a crônica sobre a estréia da Companhia de Revistas Jardel Jércolis. Lá pelas duas horas da madrugada, de “smoking” e de chapéu-coco, na Avenida São João, encontrei Jardel e lhe pedi notícias da estréia. Respondeu-me que fora adiada a “avant-première” e eu fiquei em pânico. Tomei um taxi, apressadamente, e mandei tocar para a redação de “A Razão”, que era perto. A página com minha crônica estava calandrada, mas o chefe das oficinas, também boêmio, era meu amigo, pois que a confraria é unida... Deu um trabalhão danado desfazer e recompor a página, pronta para entrar na rotativa, porém não perdi o emprego. Dessa vez, Plínio Salgado não precisou me apadrinhar, junto ao diretor.

Um sábado, juntamente com Paulo Amaral de Melo, entrei na chopada no Bar Viaduto, não compareci à redação e não mandei a seção “Kodakizando”. Na manhã imediata, ainda de ressaca, foi grande minha surpresa ao abrir “A Razão” e encontrar publicada a crônica que eu não escrevera. Fiquei espantado, pois o estilo era semelhante. Plínio Salgado, uma das mais versáteis e brilhantes inteligências jornalísticas que conheço, escreve sobre qualquer assunto: política, cinema, economia, finanças, artes e até... crônica social... Diariamente com grande rapidez e apenas com dois dedos, redigia à máqui-

na a seção “Recado Carioca”, que, pelo estilo, a todos dava a impressão de ter sido enviado do Rio de Janeiro ou escrita por Marques Rabelo.

“A Razão” foi empastelada a 23 de maio de 1932. Estávamos desempregados, pela segunda vez, em menos de dois anos.

A 9 de julho estourou a Revolução Paulista e me alistei num batalhão. Ele não apoiou o Movimento Constitucionista. Quando voltei derrotado das trincheiras, divergimos em nossos debates, o que não impediu que continuássemos amigos. Em sua casa, na Barra Funda, com vários amigos e colegas, ouvi a leitura dos originais de *O Esperado*, *O Cavaleiro de Itararé* e *A Voz do Oeste*.

Logo após, Loureiro Junior, como eu jauense, revelou desejo de conhecer o Autor de *Discurso às Estrelas* e de *Oriente*. Levei-o a Plínio, do qual ele viria a ser genro, além de uma das mais destacadas figuras do Integralismo.

A 3 de janeiro de 1934, embarquei no noturno, em São Paulo, para vir morar no Rio de Janeiro. Encontrei Plínio no vagão restaurante, sendo que ambos estávamos sem leito. Passamos a noite conversando e tomando cerveja, ele aos golinhos, eu nos golões (quase escrevi *galões*). Sua viagem tinha como objetivo ler, para um grupo de intelectuais cariocas, o *Manifesto de Outubro*, na Livraria de Augusto Frederico Schmidt na Rua Sachet. Convidou-me para a solenidade, a que não compareci. Prefери ficar no Bar da Brahma, tomando chope em companhia de Osvaldo da Sylveira e Flávio Pires de Campos.

Em princípios de 1937, já casado, recebi telegrama de Loureiro Junior, convocando-me para um encontro com seu sogro, na sua residência na Rua Clarice Índio do Brasil, em Botafogo. Convidaram-me para trabalhar no vespertino “O Povo”. Fiz-lhe ver que não era integralista, jamais vestira camisa verde ou lera um livro sobre o Movimento. Nada objetaram. Eu escreveria o que quisesse, como crítico teatral, com plena liberdade, ponderaram.

No jornal conheci uma equipe brilhante de jovens, na qual se destacavam Adonias Filho, Mário Mazzei Guimarães, Gerardo Melo Mourão, Osvaldo Riffel França, Abdias do Nascimento. O secretário de redação, hoje deputado federal Eurípedes Cardoso de Menezes, não censurava minhas crônicas. Ao recebê-las, dizia "Leio amanhã, no jornal".

Houve o Estado Novo, a 10 de novembro de 1937 e, em maio de 1938, o ataque integralista ao Palácio Guanabara. Plínio, meses após, foi detido e exilado para Portugal, interrompendo nossos contatos mais uma vez e por alguns anos. Em Lisboa, publicou *Vida de Jesus*, monumento de extraordinária beleza, para muitos o maior de seus livros, embora eu guarde fidelidade a *O Estrangeiro*, pelo seu profundo sentido nacionalista.

Reencontrei-o deputado federal, no Palácio Tiradentes, na Guanabara, e depois, em Brasília, quando eu fazia crônica parlamentar para um jornal carioca, entre candangos, prédios em construção, montanhas de pó.

Em 1960, como adido da imprensa à 49.^a Conferência Interparlamentar, reunida em Tóquio, fui ao Japão e decidi regressar pelo Atlântico, entrando na Europa pela Grécia. Em Paris, num cinema da Avenida dos Campos Elíseos, que exibia um belo documentário de Jean Manzon, justamente sobre Brasília, meu novo encontro com Plínio Salgado, que integrava outra delegação parlamentar, junto à *Unesco*. No dia imediato, em "petit comité", ele e Carmela, Mariza e eu, saudamos nosso fraternal reencontro, num almoço com "Beaujolais" de safra nova.

Em janeiro de 1961, estivemos novamente juntos em Brasília, e, onze anos depois, reencontrei-o em Niterói, de regresso do interior fluminense, onde fizera uma palestra.

Agora decorridos onze anos, Paulo Amaral de Melo me envia de São Paulo o recorte de jornal que foi a "deixa" para este registro de meus passos nos caminhos de Plínio Salgado,

longo itinerário, com encontros e desencontros, extensa estrada sempre iluminada por uma lâmpada que se abastece no combustível de uma amizade desinteressada e compacta, que caminha tranqüilamente para seu meio centenário. Começou em São Paulo, em 1924, dois anos depois da Semana de Arte Moderna que, em fevereiro de 1972, apagou 50 velas, e se prolonga pelos tempos, a ponto de também estar se aproximando de seu meio século.

* NOBREGA DE SIQUEIRA SAMUEL (1905) — Nasceu em Jaú (SP) a 9 de Junho. Representou o Brasil no BIT (Bureau International du Travail) em Genebra, Suíça, em 1955. Assessor Parlamentar em Brasília. Jornalista, atuou na imprensa do Estado de São Paulo e, tendo-se mudado para o Rio de Janeiro, aí atuou intensamente. Exerceu intensa atividade literária, formando na corrente do verdeamarelismo com Menotti Del Pichia, Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e Cândido Mota Filho. Entre outras, tem as seguintes obras publicadas: *Terra Roxa* (poesia), 1955, 3.^a edição em 1967; *Sanhaços* (contos), 1955; *Poemas de Amor* (poesia), 1958; *Cantos da terra e do homem* (poesia), 1960; *Três novelas do café*; *A voz da terra e Quarentanos de Jornal*.

O texto publicado no presente volume foi extraído do "Correio do Livro", junho de 1972.

COMO CONHECI PLINIO SALGADO

Petrônio R. Chaves *

Nostalgia? Não. Depoimento histórico.

Após o engodo da Aliança Liberal e a Revolução de Outubro com Getúlio Vargas no poder, moço idealista, preocupado com novos rumos, já no quarto ano de Medicina na Praia Vermelha, alertado pela doutrinação anti-burguesa de Tristão de Ataíde na Ação Universitária Católica — A.U.C. —, vim a participar de um conclave do P.R.M. — Partido Republicano Mineiro —, em agosto de 1931 na Capital Mineira.

Oriundo de uma família de perremistas do Triângulo Mineiro, que contava como expoente político o senador Camilo Chaves, futuro autor de *Caiaônia*, romance da terra e do homem do Brasil central, viajei do Rio para aquele que ainda era o Belo Horizonte, no noturno da Central do Brasil, fretado por Djalma Pinheiro Chagas para conduzir o estado-maior do partido, residente na Capital da República.

O P.R.M., de “gloriosas tradições” de João Pinheiro, Raul Soares, Artur Bernardes e outros próceres e que fizera a Revolução de 30, com a liderança de Antônio Carlos, havia sido alijado do governo por Olegário Maciel, que o então jovem e ardoroso Daniel de Carvalho apelidara, no famigerado congresso perremista, de “megatério fardado de general”.

Contrariando os planos da velha raposa andradina mineira, o P.R.M. havia sido levado, irremediavelmente, à oposição. E reuniu-se na Capital do Estado em Agosto de 1931, já conchavado com Osvaldo Aranha para tentar um *putch* e depor o ancião que tinha, entretanto, energia de moço.

As reuniões do partido eram tumultuadas pelos ataques com que os mais jovens e mais audaciosos invectivavam o Presidente Olegário, octogenário e decrépito (sic) ocupante do

Palácio da Liberdade. E culminaram com o golpe de 18 de agosto prontamente sufocado pelo então jovem Secretário do Interior, Gustavo Capanema.

Eu me encontrava com parentes e amigos no Grande Hotel, da Rua da Bahia, reduto dos perremistas, à hora do entrevé. Para surpresa minha e de outros companheiros, o hotel foi invadido por “tiras” da polícia secreta, as metralhadoras da Força Pública Mineira já assestadas no alto da Rua da Bahia contra o ninho de insurretos. E deu-se a debandada: fuga dos chefões e prisão dos incautos...

Dois dias depois eu voltava para o Rio decepcionado com os objetivos meramente pessoais e partidários da intentona.

Foi quando surgiu na minha vida um amigo fraterno, calouro da Faculdade, Antônio de Camargos Rocha, vindo do conceituado Ginásio São Luiz, do Prof. Arroubas, de Jaboticabal. Sugeriu que eu lesse *O Estrangeiro* de Plínio Salgado e às quartas-feiras um novo jornal de São Paulo que inseria colaboração de Tristão de Ataíde, e era dirigido por Alfredo Egídio, Plínio Salgado e Santiago Dantas.

Depois do jantar na Pensão da portuguesa Da. Esperança, saía da Rua Benjamin Constant, a pé (passava defronte ao templo do “amor por princípio, e a ordem por base, o progresso por fim”...), ia pelo Largo da Lapa até a Cinelândia e a Galeria Cruzeiro, comprava o exemplar do dia d’*“A Razão”*, tomava meu cafezinho no Nice e voltava de bonde para a Glória lendo, no percurso, a matéria que me interessava.

No dia 8 de Setembro de 1931 percorro a *Nota Política* e experimento um impacto com *Independência ou Morte*. Fiquei arrebatado com a nova linguagem, o pensamento novo, a mensagem diferente e estranha que fluía daquela página impregnada de realidade e nacionalismo. A “nota” tornou-se para mim, a partir dessa data significativa, uma bíblia política que me levou a escrever a Plínio Salgado e a procurá-lo em São Paulo na minha primeira viagem de férias para o Triângulo.

Depois da furiosa destruição de seu jornal durante a Revolução Constitucionalista de 1932, ingressei com Plínio Sal-

gado na SEP (Sociedade de Estudos Políticos) e mais tarde, na Ação Integralista Brasileira. Fui o seu primeiro adepto na Capital da República e logo após o lançamento do "Manifesto de Outubro" reuni os amigos e colegas da pensão e fomos até o já histórico Café Lamas, no Largo do Machado, onde, entusiasmado, em voz alta e com profunda emoção, li todo o texto desse memorável documento político para uma platéia silenciosa, alheia e distanciada, mais preocupada com uma partida de bilhar disputada nos fundos do salão.

A partir daí sempre estive com ele, seja nos dias gloriosos da Ação Integralista, como no período difícil de seu exílio em Portugal, época em que escreveu essa obra monumental que é a *Vida de Jesus*.

Mais tarde, em Brasília, quando a imprensa o insultava novamente, em decorrência do seu abalisado parecer sobre a liberdade de imprensa, eu o visitei várias vezes, junto com sua admirável esposa Da. Carmela e recebi dele a sua *História do Brasil* com dedicatória em tinta verde, para lembrar os velhos tempos... Já velho, era o mesmo gigante doutrinador, lúcido, preocupado com os rumos de nossa Nação, levantando-se de madrugada para trabalhar, "como escritor", reservando a tarde para os trabalhos parlamentares, sempre vigilante, e atento à conjuntura universal.

Fui seu discípulo, seu admirador e seu amigo. A História ainda lhe fará justiça como a um ardoroso patriota, emérito doutrinador político, estilista primoroso e incontestável líder de milhões de brasileiros.

P.S. — O objetivo deste depoimento é documentar a posição de muitos moços da década de 30, que se encontravam em disponibilidade, diante da inexpressividade dos partidos políticos e do getulismo e abraçaram, com entusiasmo consciente, as teses do nacionalismo de Plínio Salgado.

Ituiutaba-MG, 30 de Outubro de 1976

* PETRÔNIO RODRIGUES CHAVES — Médico, jornalista e cronista, autor de vários trabalhos publicados na imprensa de Minas Gerais e Goiás.

PLÍNIO SALGADO, ORIENTADOR DE GERAÇÕES

René Penna Chaves *

Com o falecimento de Plínio Salgado, perdeu o Brasil, sem dúvida, o seu mais brilhante, profundo e eficiente educador e escritor.

Sua personalidade ímpar fez com que suas obras, do mais puro senso estético, do mais alto valor literário, tivessem todas um conteúdo orientador e educativo, não nos deixando saber qual nele o maior, se o artista ou o mestre. Mestre não apenas de pessoas individualmente, mas de toda uma geração; e, podemos dizer mesmo de um país, de sua pátria, agredida durante sua vida, pela fúria revolucionária do imperialismo satânico dos sem-Deus.

Homem algum, em toda a História Nacional, exerceu tão profunda e eficiente influência nos destinos da Pátria, impedindo mesmo nos idos de 35, caísse o Brasil em mãos dos comunistas; formando gerações de jovens cuja cultura estimulou e orientou, jovens de então que até hoje prestam relevantes serviços ao país, fazendo com que a mocidade, mais alto que bons profissionais, amassem o ideal e a dignidade de ser Homem. Deu a muitas gerações a inconformidade com a temporalidade da vida, o anseio de uma eternidade, como expressão natural da consciência de ser, de existir. E de existir para alguma coisa, para missão, para uma destinação tão digna que não comporta o aniquilamento definitivo.

É sabido que desde a revolução individualista e naturalista do período renascentista, veio a educação tomando uma orientação de crescente pragmatismo, visando a formação de profissionais e de cientistas, objetivando submeter o mundo aos

caprichos humanos e ao acúmulo de riquezas materiais. Mas, que Homem era esse que se desejava tão poderoso? Qual sua natureza, qual sua origem, sua finalidade e sua missão?

Isso importava pouco ao pragmatismo post-renascentista, ao utilitarismo imediatista deste período histórico que agora termina tão melancolicamente.

Uma coisa porém, é evidente. Do século XV para cá e cada vez mais, todo o esforço intelectual da humanidade orientou-se no sentido de abolir qualquer idéia do sobrenatural, qualquer preocupação espiritual, qualquer crença na eternidade de sua própria destinação.

Minha educação foi feita nesse ambiente e minha formação profissional sob o signo desse profissionalismo absorvente e precoce, cuja consequência era inevitavelmente transformar um simples atributo de Pessoa — a profissão — na Personalidade total.

Diplomado em medicina aos 23 anos, casei-me pouco depois e procurei, por um estudo constante, tornar-me um médico competente e digno de confiança.

Contudo, meu espírito, já conturbado pela sucessão de revoluções e manifestações armadas, acontecidas durante meu curso universitário, em 1922, 1924, 1926, 1928, 1930 etc..., sofreu profundo e doloroso choque em contacto com a realidade sócio-econômica brasileira daquela época.

Percebi que comigo acontecia o mesmo que com a maioria da mocidade intelectual, isto é, fora da medicina era uma ignorância lamentável. Comecei, então, uma procura ansiosa nas livrarias, de livros sobre sociologia, política e ciências humanas em geral.

É bem diversa a impressão que causa ao jovem médico, o doente internado nos hospitais e aquele que vai encontrar na sua atividade profissional, penetrando em choupanas, casebres, cortiços, verdadeiras pocilgas, onde o homem perde sua própria consciência de ser humano.

Com surpresa, encontrei nas livrarias, sobre essa questão político-social, somente livros da literatura comunista. Engels,

Lenine, Marx, Plekanov, Trotski, etc... E sempre o mesmo slogan: O comunismo é uma fatalidade histórica, inevitável, fase necessária do determinismo histórico cuja evolução em nada dependia da interferência humana.

Foi quando já estava quase convencido da inevitabilidade do marxismo, que a Providência Divina me fez encontrar o livro de Plínio Salgado intitulado *Psicologia da Revolução*. Foi para mim uma revelação, um deslumbramento. Reencontrava o Homem autor de seu Destino e do Destino de sua Pátria. Reencontrava o Homem dotado de livre arbítrio, de iniciativa, possuidor de uma alma imortal, amparado em sua orfandade afirmada pelo cientifismo naturalista da Renascença, pela Divina Paternidade de Deus Criador.

Outros livros de Plínio Salgado vieram trazer um bálsamo à imensa frustração, que não era somente minha mas de toda uma geração. Sua série sociológica, romances que tão bem exemplificavam sua concepção cristã do Homem, *O Estrangeiro*, *O Esperado*, *O Cavaleiro de Itararé*, foram para mim profundamente expressivos. Seus livros doutrinários, incomparáveis divulgadores da doutrina social da Igreja Católica, maximé das maravilhosas lições contidas nas Encíclicas *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno*; sua incomparável sensibilidade artística da alma e das tradições nacionais no seu livro *Como nasceram as cidades no Brasil*, tudo isso marcou para sempre minha personalidade de jovem, inspirando-me o estímulo de que tanto necessitava, para procurar, como auto-didata então, o pouco de cultura geral, que iluminou e motivou toda minha vida futura, inclusive a profissional.

Jamais Homem algum em toda a História Nacional teve tamanha influência sobre a inteligência e o coração da juventude brasileira.

E aqui fica o meu depoimento, agora que estou com setenta e um anos de idade.

O pouco que consegui ser nesta vida, como Homem, como Professor e como Profissional, devo-o e publicamente o reconheço, ao gênio de Plínio Salgado, o incomparável artista, gran-

de Patriota e sincero católico, que soube mostrar a toda minha geração como é belo ter um Deus e uma Pátria tão linda e generosa como o Brasil.

* RENÉ PENNA CHAVES (1906-1981) — Nasceu em Paris, França (Consulado Brasileiro), a 4 de Julho. Médico, foi Diretor do Instituto de Psicopatologia Clínica René Penna Chaves, de Campinas (SP). Foi membro de diversas sociedades médicas nacionais e internacionais. Fundador da Sociedade Brasileira de Hipnose Clínica e Medicina Psicossomática, com sede em Campinas, e membro Honorário do "The American Society of Clinical Hypnosis", da "Sociedade Argentina de Hipnoterapia". Foi Professor Catedrático de psicologia Experimental e fundador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Campinas e de inúmeras outras instituições. Foi vereador da Câmara Municipal de Campinas (1948 a 1950), deputado à Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (1950 a 1954); candidato à Prefeitura Municipal de Campinas (1955); Presidente Estadual do Partido de Representação Popular (1951 a 1954); secretário da Secretaria Permanente dos Congressos de Câmaras Municipais do Estado de São Paulo.

Publicou *Medicina Antropológica*, em 1976, além de artigos especializados e teses apresentadas em Congressos e Simpósios de Medicina. Autor e relator da Tese Oficial da Câmara Municipal de Campinas ao 1.º Congresso Municipalista Brasileiro (1949) e de inúmeros artigos publicados em jornais de Campinas e São Paulo.

PLINIO SALGADO — POETA INSPIRADO E ROMANCISTA VIGOROSO

Silveira Peixoto *

Nas divisas de São Paulo com Minas Gerais, trepada nas grimpas da Serra da Mantiqueira, como atalaia avançada da terra bandeirante, está uma cidade pequenina e tradicional — São Bento do Sapucaí. Foi aí, foi no cenário a um tempo bucólico e pitoresco dessas serranias, que, há quarenta e cinco anos atrás, já no ocaso do século passado, a 22 de janeiro de 1895, nasceu Plínio Salgado.

Não tardou muito, começou ele a evidenciar-se dotado de inteligência fora do comum. Era com interesse invulgar que recebia de sua mãe D. Ana Francisca Renó Cortez, professora normalista, as primeiras lições de História do Brasil, de História Sagrada, de Geografia, de Francês, de Aritmética.

Era com os olhos rebrilhando de entusiasmo que, nos serões familiares, ouvia, atento e emocionado, as narrativas em que o pai, o Coronel Francisco das Chagas Esteves Salgado, sintetizava coisas e fatos da vida dos nossos heróis. Alguns anos mais, e, um dia, a cabeleira negra e rebelde a servir-lhe de moldura para a fronte enorme e intelectual, Plínio ingressava no Externato São José, de sua terra natal. Logo em seguida, como se tornasse preciso dar-lhe melhores elementos com que cultivar a inteligência vigorosa, resolveram seus pais matriculá-lo no Ginásio Diocesano, da cidade mineira de Pouso Alegre.

Não demorou muito e ele se tornou um dos melhores alunos desse estabelecimento. Era com uma facilidade incrível que apreendia e assimilava as lições dos mestres. Ao mesmo tempo, continuava a escrever (continuava, porque seus primeiros escri-

tos ele os produziu, ainda muito criança, em São Bento do Sapucaí, antes de entrar para o colégio de Pouso Alegre).

As escondidas, com pudor de que viessem a descobri-lo, compunha seus contos, suas descrições, seus versos. E tratava de inutilizá-los, em seguida, para que ninguém viesse a saber...

Passou-se um pouco mais de tempo. Em 1911, quando Plínio Salgado contava dezesseis anos de idade, morreu seu pai — o seu primeiro mestre de nacionalismo. Por isso, à falta de recursos econômicos, teve de interromper seus estudos, ou, melhor e mais exatamente, foi obrigado a deixar o ginásio, para trabalhar e continuar nos estudos, agora como autodidata.

Em 1914, fez-se mestre-escola e passou a lecionar, em São Bento do Sapucaí, para mais de cinquenta alunos. Afinal, um dia, ingressou na imprensa; ingressou, fundando um jornalzinho. Foi com a alma em festa, foi transbordando de contentamento, que tomou nas mãos, quase sem acreditar no que seus olhos viam, o primeiro número desse pequeno semanário.

Representou o modesto periódico o marco inicial e decisivo de sua carreira no jornalismo e nas letras. Foi através de suas colunas, que Nuto Santana, então orientador da seção literária do "Correio Paulistano", veio a travar conhecimento com Plínio Salgado. Admirou-lhe o estilo e não tardou a convidá-lo a vir para São Paulo.

Inicialmente, não quis ele arriscar-se à mudança para a Capital; limitou-se a mandar algumas colaborações para o velho órgão da imprensa paulistana. Decidiu-se depois. Em uma tarde garoenta, com uma vontade enorme de vencer, e uma valise de roupas, desembarcou na Paulicéia.

Não foram fáceis os seus primeiros tempos, na metrópole paulistana. Foram bem difíceis. Teve de lutar e de lutar muito. Seu caminho era feito de espinhos, que lhe laceravam os pés e, não raro, lhe inoculavam na alma o veneno das decepções. Não desanimou, porém. Soube encontrar forças até mesmo nas desilusões que o assaltavam. E foi vencendo aos poucos, foi pouco a pouco se impondo. Publicou *O estrangeiro*. Viu-se eleito deputado ao Congresso Paulista.

Foi logo após a vitória da Revolução de 1930. Em resultado de circunstâncias outras, que não vêm ao caso enumerar, também eu fui colhido pelo vendaval e tive de ir engrossar as fileiras do exército dos sem-trabalho. Ai, entre os que formavam esse exército, fui encontrar dois parentes, em posição tão precária quanto a minha, talvez ainda mais precária do que a minha — Nuto Santana e Leopoldo Santana.

Cansados de mendigar trabalho, extenuados de subir escadas alimentando alguma esperança e receber recusas para des-cê-las inteiramente decepcionados, sonhamos, uma vez, realizar o que não estava ao alcance de nossas energias, fazer o impossível: fundar um jornal.

Descobrimos uma velha rotativa e umas linotipos quase imprestáveis que tinham escapado a um empastelamento. O desespero, que nos empolgara, deu-nos a eloquência necessária para convencer três pequenos capitalistas de que aquela autêntica loucura seria um "negócio da China".

Vencendo tropeços de toda ordem, reunidos a dois outros desempregados — Ernâni Santana e Nóbrega de Siqueira — depois de uma luta indescritível (naqueles dias, a bem dizer, nem sabíamos, ao certo, quando era dia ou quando era noite...), conseguimos ver na rua o primeiro número do jornal.

Uma tarde, estava eu na redação — uma sala pequena, em um prédio do largo da Sé — ocupado em redigir um comentário e pensando, já na reportagem que teria de escrever, logo mais, quando se aproximou de minha mesa um homem magro, de estatura mediana, o bigode a sombrear-lhe o lábio superior, os cabelos pretos, fartos e meio revoltos, os olhos penetrantes a quererem entrar pelos meus olhos.

Foi quase timidamente, numa voz macia e pausada, que ele me perguntou por Nuto Santana. Pedi-lhe o nome. Meio encabulado, respondeu: "Diga que é o Plínio Salgado". Fiquei meio pasmo e creio que me boquiabri. Seria ele mesmo, seria Plínio Salgado, de quem eu lera e admirara *O estrangeiro* e *Discurso às estrelas*, que ali estava à minha frente?

Eu não me refizera de todo, quando surgiu Nóbrega de Siqueira. Estreitaram-se, num abraço prolongado e amigo. E ficamos, ali, a tagarelar sobre uma porção de coisas; Nóbrega a perguntar-lhe como fora de Europa, de onde acabava de regressar; eu a falar-lhe de minha admiração.

Com aquela boêmia pacata e displicente que lhe é peculiar, Nuto Santana apareceu na redação, meia hora depois. Plínio fôra-lhe levar um exemplar de *O esperado*, que tinha publicado naqueles dias. Ao sair, convidou-me: "Apareça um dia destes. Moro na rua Barra Funda, n.º 13".

O nosso sonho — o jornal — dia a dia foi se transformando em pesadelo. Ganhou, enfim, as proporções de um problema insolúvel, tal a precariedade da situação a que chegara. Afinal, impossibilitados de continuar em nossa marcha, resolvemos liquidar tudo.

Foi então que, sabendo de tudo isso, Plínio surgiu na redação, para dizer-nos que Alfredo Egídio de Sousa Aranha pretendia lançar, dentro em pouco, um matutino de grande formato, — "A Razão". Ele, San Tiago Dantas e Gabriel Vendoni de Barros seriam os redatores principais. Se estivessemos dispostos a trabalhar no novo órgão...

Estou a ver Plínio Salgado entrar, todos os dias, às nove horas da noite, na redação de "A Razão", instalada em um prédio da rua José Bonifácio, quase à esquina do Largo do Ouvidor. Chega apressado. Não com tanta pressa, entretanto, que não cumprimente, afável e sorridente, os redatores, os repórteres, o porteiro e o contínuo.

Senta-se frente à máquina de escrever. Acende o cigarro e atira umas baforadas para o ar. Com uma guinada de cabeça, joga para trás a madeixa indisciplinada, que teima em cair-lhe sobre a testa. Concentra-se, um momento.

Seus dedos começam a tamborilar pelo teclado. A princípio, ligeiramente indecisos; nervosos, ágeis, numa correria, depois. As teclas metralham o papel, na ânsia de fixar-lhe o pensamento. Não se passa meia hora e está concluído o artigo de fundo.

Senhor de uma capacidade de produção verdadeiramente espantosa e de uma espontaneidade que assombra, depois de passar uma leitura pelo artigo e nele fazer uma ou outra rara correção, pede ao contínuo os jornais do Rio. Lê as notícias políticas, a crônica policial, os fatos diversos...

Encontra um assunto, senta-se de novo diante da máquina e, em poucos minutos redige "O dia carioca". Imprime-lhe tanta graça, empresta-lhe tal vivacidade, dá-lhe tanta côr local, que a gente chega a ter a impressão de que aquilo veio mesmo da "cidade maravilhosa", através dos fios telefônicos... E muitos foram os leitores que andaram procurando descobrir, entre os jornalistas cariocas, o que se escondia sob o pseudônimo de "Tamoio", que era como Plínio assinava essas crônicas.

Não fica aí a sua contribuição. Um pouco mais de tempo e apronta dois ou três comentários e, às vezes, ainda faz uma ou duas reportagens. Já madrugada, antes de sair, rumo à casa, vai até a oficina e ajuda um pouco Nuto Santana, que é o secretário da redação, a ultimar a paginação do jornal.

Deixem-me assinalar, ainda, que, nesses tempos, era ele o advogado de todos junto à direção. Quando surgia um incidente, quando alguém incorria em falta, era Plínio que logo ia tratar de resolver o caso. E sempre conseguia tudo solucionar de maneira satisfatória. Quanta vez não teve de intervir junto a Alfredo Egídio, para que não tivesse conseqüências desagradáveis uma boemia de Nóbrega de Siqueira, na época um dos mais tremendos boêmios de São Paulo.

No decorrer dos tumultos que se desenrolaram em São Paulo, na noite de 22 para 23 de maio, "A Razão" foi empastelada. E quero dar o meu testemunho de que a preocupação maior de Plínio Salgado, naqueles dias, foi a de fazer, o que em suas forças estava para resolver a situação aflitiva dos que, com isso, ficaram sem trabalho.

Muitas e muitas vezes repartiu conosco o seu jantar, naquela mesa rústica de sua residência, na Rua Barra Funda — casa modesta de operário do pensamento, em que ele morava com a filha, uma irmã e um servidor dedicado, o Jorge.

Não descansou, enquanto não viu que todos tinham, de novo, elementos para prover a própria subsistência.

Há um aspecto da personalidade de Plínio Salgado, certamente não muito conhecido do grande público. Ele também é poeta, ou, se quiserem, já foi poeta. E foi como poeta que estreou nas letras.

Com efeito, ao contrário do que dizem alguns de seus biógrafos, não foi *O estrangeiro* o seu livro de estréia. Foi, isto sim, *Tabor*, um livro de versos, editado em 1919, quando ele contava vinte e quatro anos de idade e, portanto, sete anos antes da publicação de seu primeiro romance.

Sua poesia é forte, é vibrante, é cheia de inspiração. Ai está, para que se possa melhor avaliar quem é o poeta Plínio Salgado, um de seus poemets:

CANÇÃO DAS ÁGUIAS

Eleva-te no azul! Corta-o, serena e forte...

Rasga o seio à amplidão! Embriaga-te no arrôjo

do vôo triunfal! Deixa que estruja o Norte,

que o mar rebente em fúria e encarcere no bôjo

as potências revéis e as ciladas da morte!

Atira-te no espaço!

E, se um dia, singrando os céus, vieres de rôjo,

rôtas as asas de aço,

banhada em sangue, o olhar em febre, a alma descrente,

não te abata o cansaço!

Do oceano atro e fatal não te sorva a torrente...

Grita, forceja, anseia e combate e disputa...

Morre a lutar,

morre na luta!...

Mas, antes de morrer, tenta ainda voar!

Numa destas luminosas manhãs de maio, aperto o botão da campainha, no portão da residência do Sr. Bento Luis de

Almeida Prado, à rua Baronesa de Itú, n.º 474, nos limites dos bairros de Higienópolis, Perdizes e Santa Cecília, onde Plínio Salgado se acha, atualmente, hospedado.

Uma criada vem atender-me, leva meu cartão e volta daí a instantes, para conduzir-me a um salão e pedir-me que espere um pouco, que ele não tardará a atender-me. Fico ali, a examinar as telas que se dependuram pelas paredes, a olhar os objetos de arte que estão sobre as mesinhas e aparadores. Em cima do simulacro de fogão, que aí se encontra, está a maquete de uma caravela.

No salão contíguo, outra criada está fazendo a enceradeira elétrica trabalhar. Pela porta entreaberta, os retratos a óleo de antepassados do Sr. Bento Luis de Almeida Prado estão me olhando... Também está me fitando, com seus olhos penetrantes, uma fotografia de Plínio Salgado.

Faz uns vinte minutos que o estou aguardando. Ouço um ruído de passos, descendo a escada que leva ao pavimento superior. A figura de Plínio aparece à porta do outro salão. Há um alvoroço entre os presentes. Depois de cumprimentar a todos os que ali se acham, ele convida-me a passar para o escritório ao lado.

Amável como sempre, oferece-me uma poltrona. À minha frente, no ângulo oposto, empilhados no chão, uns sobre os outros, estão os volumes da Enciclopédia Britânica. No outro ângulo, à minha direita, uma porção de livros, atrás de outra poltrona. Ao centro, uma pequena mesa, com uma máquina de escrever em cima.

Plínio senta-se numa cadeira, à minha frente. Está trajado com simplicidade: um terno cinzento, uma gravata de fundo azul-marinho com pequenas listras brancas, camisa branca, sapatos marrons. Depois de rememorar tempos que passaram e coisas que se foram, digo-lhe, em algumas frases, qual o objetivo de minha visita: conseguir algumas declarações a respeito de sua vida intelectual.

Ele acede, sem hesitação, ao meu pedido. A porta abre-se e entra a Sra. Carmela Pati Salgado, esposa de Plínio. Tro-

camos, os três, algumas frases e é D. Carmela quem faz ver a conveniência de passarmos para o salão:

— Ali, ficarão mais à vontade. Ficarão no sofá...

Aceitamos o alvitre e, acomodamos no sofá, em que eu o aguardara, formulo a primeira indagação:

— Quando você começou a escrever?

Num gesto rápido e com uma guinada de cabeça, ele atira para trás a madeixa de cabelos negros e rebeldes. Ainda não conseguiu disciplinar a cabeleira...

— Quando comecei a escrever?... Desde a escola primária.

— Por que?

— Por prazer. Apesar de toda a fascinação que os brinquedos violentos exerciam sobre mim — subir às árvores, tourear os bezerros, galgar os morros ásperos de minha região serrana — nenhum prazer era maior para mim, do que, nas manhãs magníficas de minha terra natal, ou nas noites silenciosas, após as histórias do Evangelho que minha mãe nos contava ou as histórias de Caxias, Osório, Tamandaré, que meu pai repetia, nenhum prazer era maior que o de sentar-me junto à mesa, para escrever “descrições”, “contos” e até “poesias”...

— Tentava todos os gêneros...

— Exatamente. E, assim, ia enchendo cadernos e mais cadernos com os meus garranchos infantis.

Faz uma ligeira pausa, acende o cigarro e prossegue, com fluência:

— Quando comecei a penetrar nos segredos do Latim, do Francês e da Álgebra, suspendi minhas “atividades literárias”. Era, então, meu mestre, em minha terra natal, o professor José Maria Calazans Nogueira. Um dia ele avisou meu pai que eu “havia de dar alguma coisa” e minha mãe decidiu mandar-me para o ginásio, em Pouso Alegre.

— Uma vez ali?

— Tratei de estudar conscienciosamente todas as matérias; sentia, porém, especial entusiasmo pela matemática e pelo

desenho. Penso, mesmo, que foi devido a essas disciplinas que pude aprender o sentido do equilíbrio e da harmonia, indispensável à plástica do estilo e ao espírito da construção literária.

— E continuou a escrever...

— Dissimulei, o mais possível, o escritor que eu sentia existir em mim. Só um professor descobriu o meu segredo: o professor Joaquim Queiroz. Ele me entendia e era quanto me bastava. Por isso, porque procurava esconder o que escrevia, jamais colaborei nos jornaizinhos estudantis. Enquanto os outros publicavam suas fantasias, seus contos e seus versos, ou faziam seus discursos, eu me limitava a dizer comigo mesmo: “Ainda não chegou a minha hora!”

— E o que ia escrevendo?

— Ia rasgando, em seguida. Tinha dezesseis anos e um turbilhão de idéias e de sentimentos me agitava. Escrevia muito, mas nunca mostrava a ninguém: rasgava tudo. Minha maior preocupação literária, a esse tempo, era a leitura dos clássicos. Com que encanto fui descobrindo os segredos da expressão em Vieira e em Bernardes, em Frei Luis de Sousa, em Barros e em Camões e, principalmente, em Herculano e em Camilo. Convivi com eles em silêncio, decorei-os, lendo-os e relendo-os...

Tira uma baforada do cigarro. É com uma sombra de melancolia na voz, que continua:

— Foi nessa ocasião que sofri um rude golpe, com o falecimento de meu pai...

Pára, numa reticência feita de emoção.

— Minha mãe — continua — como verdadeira heroína que era, assumiu o encargo da educação de cinco filhos, dos quais sou o mais velho. E eu tive de procurar emprego, para continuar meus estudos.

— Começou a sofrer...

— Comecei a viver. Vim para São Paulo. Subi e desci escadas inutilmente, porque não me davam trabalho e eu nunca recorri a cartas de recomendação. Lembro-me daqueles dias

escuras de sofrimentos morais. Aqueles dias... Quem era por mim? Uma pobre mãe, fraca, no fundo da província, trabalhando e lutando. Quem era contra mim? Tudo o que me rodeava, toda uma estrutura social, todo um sistema de vida e de costumes.

— Dai, então?

— Áspera e firme na sua decisão, cresceu em mim toda a força da minha personalidade. Nessa época, li dois livros que decidiriam minhas resoluções: o *Como devo educar o meu espírito*, do Doutor Tolouse e um trabalhinho quase desconhecido, chamado *Higiene da alma*. Ambos mostraram-me todo o artificio dos métodos de estudo em voga, ambos evidenciaram-me como o “homem” deve ser construído por si mesmo.

— Iniciou, então, seus estudos filosóficos.

— É verdade. Minha inclinação para esses estudos acentuava-se cada vez mais. Voltando-se minhas predileções para a lógica e a psicologia, enveredei por esse caminho, lendo Ribot, Le Bon, Sighele, James, Ingenieros. Um dia, li Buchner. Outra vez, descobri Haeckel. Mais adiante, encontrei Schopenhauer. Em seguida, travei conhecimento com Nietzsche.

— Depois?

— Desandei a ler, em todas as direções. Meu espírito já não se conformava com as quatro paredes de uma escola. Cresciam barbaicamente, em mim, as forças do meu Ser. O espetáculo da grande cidade, em torno, com suas misérias e seus prazeres, revoltavam-me. Falou em mim o caboclo.

— Voltou para sua terra...

— As vozes da Terra chamaram-me. Resolvi embrenhar-me na província, viver com os livros e com a Natureza, até o dia em que teria de voltar de minhas queridas montanhas natais, para as planícies onde deveria lutar.

— E lá, na província?

— Passei quatro anos incríveis. Deitado numa rêde, como um bugre, varava semanas inteiras lendo. Todas as minhas grandes leituras, eu as fiz nesse tempo, utilizando-me dos livros de

meus antepassados, das bibliotecas do juiz de direito e promotor e mandando comprar as obras dos filósofos e dos pensadores, com o dinheiro que ganhava, como agrimensor...

— Você foi agrimensor, também?

— Também. E essa profissão teve influência importante em minha vida. Reatei minha velha amizade com a Terra, lembrando-me de tempos passados (quando eu tinha doze anos...), em que meu pai me levava a cavalo às cumiadas de nossas cordilheiras, às grimpas da Mantiqueira, fazendo-me parar nos pontos mais altos e mostrando-me o vasto panorama, com o braço estendido para os horizontes azuis. Com meu pai, aprendi a ver conjuntos, amplitudes, a sentir sinfonias complexas e imponentes.

Atira o cigarro ao cinzeiro. Sublinhando com emoção as próprias palavras, continua:

— Agora, eu ia sozinho. Subia os espigões iluminados pelo sol da serra e coroados por um azul puríssimo. No silêncio da selva, nos meus longos solilóquios, parecia que conversavam comigo os filósofos, os romancistas, os poetas que eu lera durante semanas inteiras.

— Aí, na imponência desse panorama...

— Vi o drama do caboclo, mordendo a gleba com a enxada. Pude pensar, construir-me na solidão. Tudo o que havia em mim do artista, do intérprete da Natureza e da Vida, cantou na imensa quietude daqueles cenários, a cavaleiro das serras que se desdobravam para os lados de Minas Gerais, com seus vales profundos e suas várzeas onde serpeavam rios cintilantes.

— Nessa época?

— Eu tinha dezoito a vinte anos e já me familiarizava com a cultura dos séculos. Era, ainda, uma criança, mas já havia sofrido muito e isso era quase suficiente para entender aqueles que falaram, através dos tempos, dos problemas humanos. Não havia lido para prestar exames, mas para aplacar minhas inquietações. Sabia, porém, que era ainda muito ignorante e que precisava estudar muito mais. Voltava das serras, a galope, levantando, com o meu cavalo predileto, a poeira dos caminhos. À

noite, deitado de costas, sonhava... Quantos sonhos. E como era bom sonhar, quando os vinte anos chegavam, com toda a sua luz!...

— Seus primeiros escritos publicados?

— Foram num jornalzinho do interior, o “Correio de São Bento”, um pequeno semanário que fiz com meu primo e cunhado Joaquim Renó, em São Bento do Sapucaí. Um dia, recebemos uma carta de São Paulo, assinada por Nuto Santana, que era quem fazia a seção “Letras e Letras”, do “Correio Paulistano”.

— Teci elogios calorosos?

— E convidava-me para vir para São Paulo. Mandeí artigos para o “Correio Paulistano” e publiquei alguns trabalhos na “Revista do Brasil”, então dirigida por Monteiro Lobato. Comecei a receber cartas elogiosas de muitos escritores e poetas...

— E você?...

— Fui me convencendo de que estava entrando para a literatura, quase sem perceber...

— Veio, então, para São Paulo.

— Não imediatamente. Eu ainda não me julgava preparado para tudo quanto sonhava realizar. Protelei, pois, minha vinda para São Paulo e meti-me na política da roça.

— Fez política no interior...

— Isso foi necessário na minha vida, porque aprendi muito cedo o verdadeiro sentido político do Brasil, a sua índole, o seu processo de evolução social. Compreendi os segredos da unidade brasileira e penetrei nos dramas profundos da nacionalidade. Até hoje estou convencido de que o município é a chave dos problemas políticos do país. Mas, não é aqui o lugar para expender conclusões dessa ordem...

— E as conseqüências da experiência?

— A minha luta acabou com um tremendo tiroteio, do qual saí com um processo por “tentativa”. Minha sorte foi

haver o próprio juiz de direito assistido ao conflito. Não pude, no entanto, continuar no interior.

— Foi então que embarcou para São Paulo.

— Acabaram-se os serviços de agrimensura... Fechei um pequeno externato em que lecionava, tranquei as portas do jornal e vi-me em São Paulo, com cinquenta mil réis no bolso, sem recomendação de ninguém para ninguém, desconhecido e na mais crítica situação. Tinha vinte e quatro anos, estava viúvo e com uma filhinha, à qual dedicava todo meu amor, sem que, entretanto, pudesse tê-la comigo, na vida boêmia e aventureira que ia enfrentar. Deixei-a com minha mãe e minha irmã, em nossa terra natal.

— Aqui em São Paulo?

— Novamente encontrei todas as dificuldades pela frente. Foram os irmãos Nuto Santana e Leopoldo Santana que se condoeram de minha terrível situação e arranjaram-me um lugar de revisor, no “Correio Paulistano” — o suficiente para não passar fome...

— Então?

— Comecei a viver a vida dos pequenos ambientes da grande cidade a conhecer a fundo suas pequeninas e grandes misérias, identificando-as aos dramas que eu conhecia no fundo das selvas. Decidi-me a viver uma vida áspera.

— Continuando, sempre, a estudar...

— Sim. Prosseguindo, sempre, nos meus esforços de autodidata. Durante a noite, trabalhava; durante o dia, lia, lia, lia... Tinha muito mais recursos para ilustrar meu espírito: a biblioteca pública, os “sebos”, os livros emprestados. Passei dois anos, obscuramente, insistindo em preparar-me para os meus sonhos. Era preciso estudar, estudar muito.

— Durante esses dois anos?

— Nunca fui a um teatro ou a um cinema. Nunca fiz um passeio. Só de raro, quando juntava o dinheiro para passagem, ia ver minha filhinha...

— Sempre lendo...

— E lendo muito. E o livro que eu mais li, nesse tempo, foi o livro da vida... Crescia em mim o revolucionário, não mais com as revoltas que conhecera aos dezessete anos, mas com o equilíbrio que me inspiraram os escritores espiritualistas e nacionalistas. Entre os primeiros, Farias Brito influíu poderosamente em meu espírito, despertando-me novas inquietações, que pareciam adormecidas sob as leituras dos filósofos do século XIX. Eu regressava, lentamente, à minha fé religiosa. O rumo de meus estudos filosóficos modificava-se. Por outro lado, Euclides da Cunha mantinha bem vivo, em mim, o calor da Grande Pátria. Quando fiquei redator do "Correio Paulistano" e seu colaborador com artigos assinados, comecei a revelar os primeiros traços de uma personalidade que o tempo e o sofrimento iriam plasmar em definitivo.

— Quando nasceu *O estrangeiro*?

— Foi justamente nessa época que comecei a idealizar um romance.

— Aí, nessa inquietação, a gênese do livro?...

— Sim. Mas, a idéia só se tornou definitiva no decorrer de uma viagem que fiz à zona Araraquarense, junto com Alarico Silveira, então Secretário do Interior, aqui de São Paulo. Voltei disposto a escrever o livro. Estávamos, então nos dias iniciais da grande revolução literária. Participei da Semana da Arte Moderna. Ingressei nas polêmicas ardorosas daqueles tempos. Só em 1926, porém, foi que publiquei *O estrangeiro*.

— O sucesso foi alguma coisa de verdadeiramente extraordinário.

— Foi uma popularização fulminante: a edição esgotou-se em vinte dias. O barulho que se fez em torno do romance, em toda a imprensa do país, serviu para mostrar-me que eu havia acertado. Eu ignoraria tudo quanto então se disse de mim e do *O estrangeiro*, se não fosse Fernando Calage, que colecionava todos os artigos...

— Por que isso?

Tristonhamente, saudosamente, comovidamente, Plínio respondeu:

— Nessa ocasião, passei por mais um duro golpe: faleceu minha mãe! Ela mostrava um desejo de ler o meu livro. Quando chegou o primeiro exemplar... Ela já dormitava, naquelas névoas que precedem a morte. Mesmo assim, ainda encontrou forças para abrir os olhos e tomá-lo nas mãos — aquelas mãos já indecisas e trêmulas, quase transparentes, que tantas vezes me abençoaram.

Há uma reticência comovida. É fazendo um esforço, e é emocionadíssimo, que ele prossegue:

— Tomou-o nas mãos, projetando lê-lo, quando melhorasse... Mas, não melhorou... No dia seguinte, entrou em agonia...

Faz-se uma nova pausa — pausa que é toda emoção. Plínio tira um cigarro da carteira. Acende-o... Dominando-se, não sem um certo custo, diz-me:

— Você compreende, estou certo, que minha dor era muito grande, era grande demais, para que eu me preocupasse com triunfos literários. Só um mês depois, foi que Fernando Calage me deu notícia do efeito que o livro causara. Percebi que Deus não quis que eu me embriagasse na alegria de um êxito — alegria que poderia, talvez, ser nociva ao meu espírito em marcha para Ele!

— Depois de *O estrangeiro*?

— A minha vida de escritor é tão sabida, de então para cá...

— Veio *O esperado*...

— Em 1931, editado pela Companhia Editora Nacional. Escrevi-o em Paris, cheio das inquietações dessa nossa época. Então, como você não ignora, eu era deputado ao Congresso de São Paulo. Foi Julio Prestes quem me quis dar oportunidade para que eu desenvolvesse, na Câmara Paulista, as minhas novas idéias políticas. Posteriormente à Revolução de 1930, escrevi *O cavaleiro de Itararé*, que dediquei à mocidade civil e militar de meu país e que só em 1933 foi dado à publicidade.

— Veio, depois *A voz do Oeste*...

— Que é o poema da raça, das teogonias selvagens, dos instintos da Nação. Então, já estavam também publicados: *Discurso às estrelas, Literatura e política, O curupira e o carão*, este feito em colaboração com Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia. Eu já havia deflagrado nova revolução literária, o “verdamarellismo”, com Menotti, Cassiano, Mota Filho, Raul Bopp e outros, no período mais agitado de nossa vida mental, quando fiz, com Plínio Mello e outros, estudos completos do marxismo. Com os nacionalistas, realizei amplas leituras de Alberto Torres, Tavares Bastos, Licínio Cardoso, Oliveira Viana, Calógeras, Alberto Faria, Percorri, com grupo, os pensadores católicos, entre os quais Jackson de Figueiredo.

— Uma vida intelectual das mais intensas.

— Uma grande ebulição mental. Muitas vezes amanheci à mesa dos cafés, discutindo Kant, Hegel, Comte, Spencer. Lembro-me de uma noite que, num restaurante da Avenida Brigadeiro Luiz Antonio — “Giordano” — eu, Augusto Frederico Schmidt, Plínio Mello, Raul Bopp, Jayme Adour da Câmara, Mario Pedrosa, vimos romper o dia, debatendo os problemas do “Ser” e da existência de Deus. Uma grande geração! Literariamente, produzíamos sem cessar, polemizávamos, lançávamos livros.

— Outros livros vieram...

— Em 1933, já tão longe desse tumulto, publiquei: *Psicologia da revolução e Quarta humanidade*. Começa aí, um novo período de minha vida de lutas. É grande o número de livros que publiquei daí por diante: Dezenove ao todo. Versam assuntos os mais diversos: filosofia, sociologia, crítica política, crítica literária, ficção, crônica.

— O último?

— Foi *Geografia sentimental*.

— A tiragem global de todos?

— Até agora, alcançou trezentos e setenta e quatro mil exemplares.

— Qual bateu o recorde?

— Com franqueza, não sei bem ao certo. É difícil responder, com exatidão, a essa pergunta. Em todo caso, julgo que podem ser enumerados, entre os que atingiram maiores tiragens: *O estrangeiro, O esperado, Geografia sentimental e Nosso Brasil*. Todos os demais, porém, tiveram grande saída.

— Dentre seus livros, qual reputa o melhor

Uma nova guinada de cabeça, um outro gesto rápido e Plínio joga para trás a madeixa indisciplinada.

— Você tirou o dia para fazer-me perguntas um tanto embaraçantes. Posso dizer-lhe, apenas, que gosto mais dos seguintes: *O estrangeiro, O esperado, O cavalheiro de Itararé, A voz do Oeste, Psicologia da revolução, O sofrimento universal e Geografia sentimental*. É evidente, porém, que o escritor gosta de todas as suas obras, que representaram sempre momentos de dor ou de alegria, instantes de inquietação ou de triunfo.

— Como você prefere escrever?

— Os romances, eu os escrevo à mão e em cadernos. Faço o mesmo com obras em que tenho de pensar mais profundamente. Depois, passo tudo a máquina e, neste trabalho, sou auxiliado por minha mulher, ou por minha filha, ou por amigos dedicados. Os livros que se originaram de artigos, ou outros trabalhos, anteriormente divulgados pela imprensa, foram todos por mim escritos diretamente a máquina e sem quaisquer emendas, pois que, como você não ignora, sou bom datilógrafo.

— Já nos tempos de *A Razão*, você o era.

— Bons tempos aqueles em que trabalhamos juntos, no grande jornal que o patriotismo de Alfredo Egidio lançou aqui em São Paulo e que tanta repercussão teve em todo o país!

— Quais as horas em que, regra geral, sente melhor disposição para produzir?

— Gosto de todas as horas, do dia ou da noite, desde que sejam “horas sensíveis”, “horas de revelação”, “horas sagradas”. Todo escritor conhece essas horas e aquele que não as conhece

não é escritor. É preciso escrever com a alma. O lugar, a hora, as circunstâncias, tudo isso não importa.

— Precisa de excitantes, para escrever?

— Não. Nunca precisei...

— Fuma...

— Fumo, normalmente. Fumo o que estou habituado a fumar, quando converso.

— Quais os autores que prefere?

— Gosto de qualquer escritor, desde que seja escritor de fato. Leio-os, de todas as literaturas. É claro que, em se tratando de escritor brasileiro, sinto-me, de certa forma, orgulhoso. É um prazer duplo, para quem, como eu, quer tanto ao Brasil. Tenho verdadeiro entusiasmo pelos modernos. Teria, talvez, algumas restrições, alguns reparos...

— E esses reparos e essas restrições?

— Não esmorecem meu entusiasmo. Demais, é ridículo e é mesquinho um escritor procurar diminuir os outros, para se engrandecer. No fundo dos silêncios, intencionais, das críticas e das ironiazinhas anêmicas, há, sempre, inveja e sinal de fraqueza. Graças a Deus, tenho grande capacidade de admiração pelos outros.

— Você tem alguma superstição?

— Não. Nenhuma. Apenas de todos os retratos, os mais contraditórios que se fazem de mim, sou, como você sabe muito bem, um homem normal, de boa saúde e excelente resistência, com sentimentos comuns a todos os meus semelhantes equilibrados. Sendo sinceramente religioso, sou, porém, homem do meu século, encarando as coisas de maneira muito positiva e realista. Por conseguinte, não tenho superstições.

— Seus próximos livros...

— Está concluída a *Vida de Jesus* que, em breve, será publicada pela "Panorama Editora". Já terminei, também, um romance — *Trepandé* — que não tardará a aparecer. É um romance em que fixo muita coisa da vida brasileira.

— A impressão mais forte de sua vida intelectual?

— A impressão mais forte, que experimentei em minha vida intelectual...

Plínio hesita, alguns instantes.

— Mas, foram tantas!... Sim... Talvez...

Com uma tonalidade diferente na voz — uma tonalidade que se plasma em nostalgia, em saudade, em angústia, em sofrimento — conclui, os olhos olhando muito os meus olhos:

— A minha impressão mais forte! Sim! Foi aquela a que eu me referi há pouco. Aquela, sobre minha mãe e *O estrangeiro*...

* SILVEIRA PEIXOTO, JOÃO BENEDITO (1909) — Nasceu em São Paulo (SP) a 14 de Março. Bacharel em Direito. Jornalista e escritor desde a juventude, iniciou as atividades jornalísticas na imprensa do interior de São Paulo. Mais tarde, militou na imprensa de São Paulo (Capital) e Rio de Janeiro (RJ). Foi Professor na Escola de Jornalismo Cásper Líbero; organizou o Curso de Jornalismo do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo (juntamente com J. Herculano Pires, Hélio Damante, Vitorio Martorelli e outros). Entre outras, tem as seguintes obras publicadas: *Falam os Escritores* (entrevistas), 1.ª série em 1940, 2.ª série, 1941 e 2.ª edição, 1971; *A tormenta que Prudente de Moraes venceu* (ensaio biográfico romancado), 1942.

O texto publicado no presente volume foi extraído do livro: *Falam os Escritores*, 1.ª série, 1940.

PLÍNIO SALGADO, O FERVOROSO CRISTÃO

Alberto Prado Guimarães*

Paros o Brasil há pouco, esta quadra de fortes católicos e fé ardente exemplar — Plínio Salgado. A Providência Divina o quis para este Brasil em que se erguere a Cruz. Plínio Salgado, nascido de José, doutor em Direito, e de Maria, filha de um rico fazendeiro, nasceu em 1894, em São Paulo. Plínio Salgado, nascido de José, doutor em Direito, e de Maria, filha de um rico fazendeiro, nasceu em 1894, em São Paulo. Plínio Salgado, nascido de José, doutor em Direito, e de Maria, filha de um rico fazendeiro, nasceu em 1894, em São Paulo.

PARTE II

CRÍTICA LITERÁRIA

Alberto Prado Guimarães

Arruda Camargo

Jackson de Figueiredo

Miguel Reale

Monteiro Lobato

Nereu Corrêa

Otacílio Colares

Plínio Salgado nasceu em 1894, em São Paulo. Plínio Salgado, nascido de José, doutor em Direito, e de Maria, filha de um rico fazendeiro, nasceu em 1894, em São Paulo. Plínio Salgado, nascido de José, doutor em Direito, e de Maria, filha de um rico fazendeiro, nasceu em 1894, em São Paulo.

PLÍNIO SALGADO, O FERVOROSO CRISTÃO

Alberto Prado Guimarães *

Perdeu o Brasil há pouco, nesta quadra de festas natalinas, o cidadão exemplar — Plínio Salgado. A Providência Divina o quiz na Mansão Celeste nesta hora em que se engalana a Cristandade com a data do nascimento de Jesus, chamando para o seu seio aquele que foi, sem dúvida, um dos maiores escritores brasileiros deste século e um dos mais puros exegetas da religião católica, como no-lo diz no introito de sua obra o Cardeal Patriarca de Lisboa: “Falando da *Vida de Jesus*, queria confessar que é a mais bela de quantas tenho lido. Tão difícil de escrever a *Vida de Jesus* de Plínio Salgado é, de fato, a vida de Jesus feita com a inteligência, com a alma e com o coração todo.”

Eis porque, perpassando célere pelas atividades omnímodas do patriota ardente, do escritor exímio, do caráter sem mácula, enfim do *curriculum vitae* de Plínio Salgado, depois com mais vagar, vamo-nos ater ao grande livro, que põe em evidência o substrato de sua alma peregrina.

Nasceu Plínio Salgado em 1885, na cidade paulista de São Bento do Sapucaí, de pai e mãe de origem européia. Completando o curso de Humanidades, quando se revelou notável auto-didata, e obrigado a atender à própria manutenção e a de sua família, entrou para a redação do “Correio Paulistano”, onde se evidenciou a sua vocação jornalística e literária. Data daí o seu primeiro romance *O estrangeiro*, que conquistou notável sucesso no meio da juventude influenciada pela Semana de Arte Moderna, origem da hégira de renovação das letras, não só em São Paulo, como no Brasil. Iniciou-se, assim de maneira empolgante a sua radiosa trajetória de publicista,

abrangendo os mais variados e sugestivos temas: literários, políticos, filosóficos, religiosos e sociais. As suas obras contam-se por mais de 60 volumes.

Ao lado dessa projeção no terreno cultural, Plínio Salgado, por força do que pôde observar com visão oracular em demorada viagem ao países da Europa, viu-se arrastado por novos ideais de transformação política a que se entregavam as mais antigas civilizações — metamorfoses resultantes da Grande Conflagração de 1914.

Tomado por profunda convicção e prevendo as convulsões a que seriam forçosamente levadas as demais nações do mundo, idealizou e, mais que isso, predisps-se a estatuir para o Brasil um novo regime que, adotando, a seu ver, o melhor da experiência do Velho-Mundo, pudesse coadunar-se com as exigências republicanas da livre América, amoldadas, porém, essas modificações aos costumes e tendências dessas nações jovens. Enfim, não querendo fugir da democracia, baseou-se na formação do Estado Corporativo, onde via poder-se restabelecer melhor o regime do voto, todavia, dividido por setores de atividades profissionais, apurando-se o modo de escolha da representação política, sem quebra do ideal democrático.

Como resultado de suas elocubrações, formulou para a sua Pátria um repertório vivo de códigos e dispositivos que pudessem trazer animação ao povo brasileiro. Dir-se-ia que procurava reviver antigas normas e cânones, de fundo jurídico medieval, tão superficialmente julgado por alguns pretensos sociólogos, quando ainda hoje, nos centros mais civilizados, são algumas dessas diretrizes nitidamente aconselhadas por autoridades incontestáveis, qual Berdiaeff, entre as que melhor se adaptariam às lídimas aspirações dos povos hodiernos.

Compreende-se que uma evolução desse porte não poderia ser alcançada de chofre, mas deveria ser paulatinamente apreendida, como o foi, realmente, por avisados espíritos e difundida, *urbi et orbi*, por hábeis hermeneutas, adrede preparados e dispondo de oratória simples e persuasiva, ao alcance de gente imatura para as concepções políticas, como o é o brasileiro em geral. Seria, pois, missão para patriotas convictos,

sem pretensão de imediata coleta de proveitos, obra de apostolado.

Feliz ou infelizmente, o Integralismo, como era denominado o movimento destinado a educar o povo a pensar e a agir, muito mais rapidamente do que se previa, foi empolgando a alma interiorana e, pela atividade enérgica dos seus disseminadores, assenhoreando-se de toda a Nação. Infelizmente, porque, por mais cautelosos tivessem sido os líderes desse novo Ideal, era tão receptível a programação aos que tão pouco reclamavam e precisavam ter um norte para as suas mínimas aspirações, que se viu o país tomado de roldão pela avalanche provocada pelos integralistas sinceros. Daí o seu mal: o inesperado pronto sucesso, foi solertemente apercebido pelas ovelhas negras, cúpidas e mal intencionadas, que aderiram ao movimento, em arrastão, procurando dominá-lo em seu proveito próprio e exclusivo. Foi, assim, que uma das mais puras jornadas cívicas do Brasil, dirigida para a doutrinação lenta e educativa do seu povo, se esfacelou pelo seu próprio gigantismo.

Há males que vem para o Bem. Plínio Salgado, como se criminoso tivesse sido, foi aprisionado na Fortaleza de Santa Cruz, onde escreveu um maravilhoso poema, resumindo em transportes épicos todo o heroísmo pátrio. E mais: exilado, penando por crimes a ele, Plínio Salgado, atribuídos como se crime fosse amar como amou o seu torrão natal, se dedicou a escrever a inigualável *Vida de Jesus*, jóia da literatura, que só um alto espírito e acendrado coração poderia tão primorosamente conceber.

Vejam-se a seguir, alguns excertos da portentosa obra, em rápidas passagens para, ao menos, se tomar o pulso do consumado escritor.

Ao começar, o A. esclarece: "Como nos trabalhos de restauro das telas antigas ou da arquitetura de outras éras, cumpru-me ter em vista o espírito do tempo em que os fatos ocorreram para a escolha das tintas e dos materiais. Há, porém, das luzes e das sombras, a inevitável marca pessoal. Servi-me, também, dos valores constantes, das permanências humanas, visíveis na Sociedade de hoje, como indicações preciosas à

interpretação da sociedade de outros séculos. As paixões e loucuras dos homens continuam as mesmas e a necessidade do Cristo é sempre a mesma.”

Assinale-se esta delicada descrição do entardecer: “É a hora da meditação e da prece”. E debuxa com maestria: “A essa hora, os panoramas, montanhas, vales, rios, árvores, pássaros, flores, tudo o que clamava na apoteose orgiaca das formas das cores e dos sons — esfumina-se nas cinzas da noite. O grande Pã adormece. A terra envolve-se nos véus de crepúsculo para receber a visita das estrelas. Imprecisam-se os contornos objetivos. Diafanizam-se as perspectivas. Diluem-se, lentamente, as linhas; esbatem-se os relevos; ensurdecem-se os sons e as vozes; e, no ar fino, há sutilezas imponderáveis...”

Registre-se este nítido quadro campestre da jornada de Jerusalém a Belém: “Uma tarde de inverno de céu límpido, transpondo a Porta das ovelhas e deixando para trás Jerusalém, José e Maria (ele a puxar um boi por uma corda, ela montada num jumentinho) galgaram a ladeira que sobe entre pastagens e fraguados na direção de Belém”. Foi quando Jesus nasceu de Maria Virgem e quando se ouviu o cântico dos Anjos: Glória a Deus nas Alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.

O A. reflete: “O que os pastores de Belém viram como símbolo, como revelação às suas mentalidades rústicas, seria o mesmo que os magos viram como realidade sideral? Não sabemos. O que sabemos é que Deus revela a verdade aos simples e aos sábios. Aos simples, porque não conhecem o orgulho da réplica improfícua e do cepticismo esterilizante. Aos sábios, porque se tornam simples; porque se libertam de si próprios, da vaidade estulta e da presunção das suficiências medíocres, a força de penetrar nas maravilhas perturbadoras do Universo”.

Os magos trouxeram a Herodes a notícia de haver nascido um grande rei. E “Herodes para acreditar que é imortal, ou antes que uma criança de meses poderá crescer, encontrá-lo no palácio vinte anos mais tarde e derrubá-lo. A maneira de todos os tiranos, alerta a sua polícia contra o ciciar das folhas, contra as sombras noturnas, contra os mais vagos ruídos que tinham alguma semelhança com o desembainhar de um gládio”.

E Herodes “lavrou um decreto condenando à morte pela espada todas as crianças de Belém, de três anos para baixo, sem exceção”, contando mesmo o seu filho mais moço. Quem sabe se a criança predestinada era o seu próprio filho?

“Ao ser encontrado, depois de perdido por dias em discussão com os doutores no Templo, Jesus é interpelado por sua mãe Maria: “Por que fizeste assim conosco? Eis que teu pai e eu ansiosos te procuramos?”. E o A. comenta em carismática linguagem: “nada é mais comovente do que essa palavra que dirigimos a Deus, desde o nosso nascimento, até a nossa morte, e que tem sido repetida por todo o genero humano desde a aurora dos séculos: *por que?* Que sabemos nós dos desígnios de Deus? Nós que nem distinguimos em que consiste a nossa felicidade terrena; nós que não penetramos sequer na superfície dos acontecimentos que nos alegram ou nos desgostam; e não sabemos avaliar as conseqüências dos fatos que surpreendem e que, muitas vezes, parecendo ser por nosso mal, redundam em nosso bem; nós perguntaremos sempre e pronunciaremos indefinidamente a palavra que brotou nos lábios de Maria: *por que?*”.

No capítulo intitulado “A Batalha”, especialmente destinado aqueles que “nos tempos modernos se fizeram apóstolos, doutrinares, homens públicos, condutores de massa, e, em conseqüência da luta travada contra o Espírito das Trevas, tiveram de enfrentar inimigos numerosos, múltiplos, encapotados na hipocrisia ou dissimulados nos meandros das maquinações perversas”, analisa detalhadamente: “Todos quantos lutaram pelo Bem contra as potências do Mal, nunca puderam afirmar de que lado virá na próxima vez, o inimigo”, porque esse “conhece e pratica as atitudes do cordeiro e a solécia da raposa. Sabe aplaudir como os pássaros que batem as asas ao sol e sabe enrodilhar-se como as serpentes e desferir botes certeiros,volvendo numa elasticidade elástica, a escuridão em que se alaparda”.

“Sabe sorrir; sabe todas as escalas do sorriso: o da inocência, o de sarcasmo, o do ódio. Sabe injuriar sem intenção, sabe humilhar com displicência, e, não evidenciando nenhum

objetivo de negar, nega, exatamente quando afirma, ao exhibir, com estudada candura e um tanto distraído, a proposital insuficiência de argumento nas asas de um sofisma... Sabe caluniar com habilidade, insinuando a minúscula centelha do imperceptível rastilho, e fingindo a defesa do ofendido, quando o escândalo vai fazer explodir os complexos larvosos das tinhas, comprimidos à pressão de longos e acumulados despeitos. A sua defesa, porém, é comprometedora, porque joga com palavras preconcebidamente vulneráveis, que se tornam pontos de partida para novas imputações à vítima alvejada". "Sabe sorrir, sabe injuriar, sabe humilhar, sabe caluniar e, afinal, quem é? A quem nos referimos? A ninguém. O inimigo é *ninguém*. É menor que um fluido, porque é apenas uma sombra. Mas a sombra é visível e ele é invisível. A sombra é *alguma coisa* e ele, o inimigo, é *coisa alguma*".

"E o que se torna mais desnorteador é o fato de, não sendo o inimigo coisa alguma, estar em toda a parte, surgir de todos os lados, surpreender quando é menos esperado, e ferir sistematicamente".

É o inexistente que existe. É o nada que é tudo. É insubstancial substanciável, que surge e se afasta; que se materializa e esvaece; que se chama um instante: delação, perfidia, intriga, maledicência, anonimato; sombra de sombra, nada de nada...".

No *Divisor das Águas*, nesse Capítulo diz o A. que "após ouvir as bem-aventuranças no alto da montanha, também nós teremos feito uma descoberta tão grande, que não podemos encerrar-nos em silêncio. Queremos que todos participem da festa que anda em nossa alma. Nos dias de prazer, ninguém ilumina a casa, fazendo tocar a música e servir iguarias e bebidas, para se regozijar sozinho; ao contrário, expede convites e deseja, entre os comensais, que não falte um só daqueles a quem estima. Ouvir a palavra de Jesus é querer que todos a ouçam. Desde que a ouvimos, tornamo-nos arautos do Evangelho. Temos de ser indiscretos; é o próprio Mestre quem nos manda anunciar do alto dos terraços o que lhe ouvimos em voz baixa. E não há escusas com o alegar existirem, para tanto, os Ministros da Religião; a estes compete o maior encargo, e nem com

isso nos desoneram de quanto nos cumpre como beneficiários da graça e anunciadores da Verdade". "Ora, a verdade de Cristo, mesmo sendo a mais doce, é a mais dura das verdades. Propagá-la é despertar ódios e violências".

Discorrendo sobre o *Sermão da Montanha*, o A. diz que aí "Jesus nos ensina a rezar. Escusa longos circunlóquios, porque Deus é a Inteligência Ominiciente e sabe melhor do que nós o de que precisamos. O Pai deseja é a nossa atitude filial. Ela se resume numa síntese de tudo quanto poderiam dizer as súplicas mais vastas: Padre Nosso...".

A pregação de Cristo até o Calvário dá ensanchas ao A. de se servir das parábolas do Mestre para melhor esclarecer o leitor no concernente à unidade da doutrina em toda a sua extensão. Para não nos alongarmos demasiado em citações, só vamos reproduzir alguns tópicos, onde a intimidade do pensador com o Deus pregador, nos oferece todo o corpo de doutrina que ilustra a fé viva do escritor-homem do mais puro coração de sentimento cristão.

No capítulo — *A Planície*, encontram-se estas palavras conceituosas: "Os homens estão na planície. É preciso ir a eles. É preciso suportá-los". E ainda: "Ninguém será digno de escalar a montanha se não conhecer a planície. Os que não conhecem a planície não compreenderão a montanha. As lágrimas estão cá em baixo. Os regatos abandonam os flancos da serra e procuram os vales. As chuvas escorrem dos contrafortes e alagam as várzeas. É por isso que as searas resplandecem nos prados e as flores têm mais perfume nas grotas mais escuras". "A planície dos homens! Os santos, os gênios, os heróis fogem dela e voltam atraídos por ela. Porque só aquele que tiver penetrado no drama humano, na comédia de todos os dias, nas pequenezas de todas as horas, será digno de elevar-se e de compreender, no desdobramento dos panoramas, que se descortinam do alto, a sinfonia de todas as aspirações que se multiplicam, lá em baixo, em carne, em sangue, em lágrimas, em vibração de desejos e esperanças". É preciso amar os homens. E amá-los é fazer-se pequenino para que eles cresçam, é fazer-se atento para que ele falem; é fazer-se igual para que eles não

temam. É preocupar-se com as preocupações deles: dar importância às ninharias a que estão sujeitos; partir com simplicidade o pão, de que eles se alimentam, e, comê-lo, para ninguém se sentir diminuído na sua triste condição”.

No capítulo da *Ceia* — a hora da despedida, põe o A. na voz de Jesus, as seguintes palavras de rara definição mística: “Pai! É chegada a hora! Glorifica o teu Filho para que o teu Filho também te glorifique! Pai! Manifestei o teu nome aos homens que tu me deste e consumei a obra que me cumpria. Rogo-te, agora, por estes discípulos. Eu já não estarei no mundo mas eles estarão!”.

No lúgubre episódio da crucificação, tem o A. esta expressão patética: “Maria avança para a Cruz. Vai cambaleando esmagada pela dor. Ela foi o instrumento do nascimento de Cristo. Ele se manifestou ao mundo por meio dela, vindo ao mundo na expressão tangível da carne. E agora, que ele deixa este mundo, há de desejar devolver aos seus braços o Corpo que ela gerou para servi-lo. Ela embalou este Corpo, quando era pequenino; amamentou-o com o seu leite materno; aqueceu-o no seio; e cantou cantigas para que o seu sono fosse suave. Agora, ali está para apertar nos seus braços quando o Verbo volver à sua eterna essência.” Há de colocá-lo no regaço, há de afagá-lo como outrora. Não cantará mais cantigas de embalar, porque o ungirá de lágrimas e os soluços serão como o canto da terra, o canto do sepulcro, que é, de certa maneira, parecido com as cantilenas do berço”.

“Todos estes pensamentos passam, talvez, tumultuariamente, pelo coração de Maria, ao cair exânime aos pés da Cruz. Mas a sua voz só conhece dois vocábulos, porque as mães não sabem dizer outra coisa nesta situação: Meu filho! Meu filho! Meu filho!”

No derradeiro capítulo *A Ascensão* — identifique-se o leitor com a esperança dos fiéis na Ressurreição, através das palavras inspiradas de Plínio Salgado — o fervoroso cristão:

“Recebereis as virtudes do Espírito Santo, que há-de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”.

“Quando acabavam de ouvir estas palavras, os discípulos notaram que Jesus não tocava o solo com os pés. Fitaram-no assombrados e viram o Mestre elevar-se. Correram para ele; mas Jesus já ia alto. Ei-lo que sobe. Ei-lo que se afasta. Eles ficaram ali, continuaram ali, pasmados, com os olhos no firmamento. Então uma voz os despertou:

“Varões da Galiléia, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus que dentre vós subiu e foi recebido no alto, há-de vir, assim como o vistes ir para os Céus”.

* ALBERTO PRADO GUIMARÃES (1899) — Nasceu em São Paulo (SP) a 20 de agosto. Engenheiro, foi redator de revistas especializadas. Participou da Revolução de 1932. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto de Engenharia e da Sociedade Geográfica de Lisboa. Publicou, entre outros: *Ecos das Jornadas Luso-Brasileiras de Engenharia*, 1961; *A margem do meu caminho*, 1967.

O MAIS BELO DOS LIVROS

Arruda Camargo *

I

"Este livro foi escrito devagar e com amor. Pus nele todo o meu afeto pelo Brasil" — Plinio Salgado.

Jornalista de profissão, e escrevendo para jornais, revistas, rádio etc., sou, em verdade, um leitor. Posso dizer, nesta altura da minha vida que, embora tenha passado a vida a escrever, nasci para ler, e li, no decurso da minha longa existência, e ainda leio, livros aos milhares. Se lendo tanto, muito não aprendi, a culpa não é dos livros nem dos mestres, mas das minhas próprias limitações, da modéstia do meu entendimento, da insignificância da minha inteligência. De tantos livros lidos, relidos, meditados, tenho amor especial aos *Sertões*, que é um livro da inteligência; ao *Sermão da Montanha*, que é um livro de piedade; aos *Miseráveis*, que é um livro de humanismo; à *Geografia Sentimental*, de Plinio Salgado, que é um livro de ternura imensa. O próprio autor nos confessa no póstico do seu livro genial e gostoso: "Brasileiros de todas as Províncias, de todos os partidos, de todas as crenças, de todas as cidades, povoados e sertões! Este livro foi escrito devagar e com amor. Pus nele todo o meu afeto pelo Brasil. É a minha impressão da Grande Pátria, colhida desde a infância. Esta Nação querida não pode ser descrita, para os corações, num relatório. A sua geografia deve constituir um poema. A interpretação do sentimento nacional."

Só quem conhece bem a nossa terra, só quem já a palmilhou e pelos passos da sua enorme geografia a viu, plenamente,

na esperança, nos sentimentos, no sofrer do seu povo; só quem navegou pelos seus rios e mares, só quem já percorreu as suas estradas, quem já pousou numa casa de cabloco e viu uma enxada num beiral de tapera, crianças brincando descalças no terreiro de terra batida, a própria tapera espiando, curiosa, pelos buracos do barreado, quem ouviu o chamamento das sineiras, de grandes catedrais e modestas capelas, só quem já percorreu as veredas do sertão e acordou alta madrugada com o cantar longo e triste de um galo, quando a lua branca veste de luz a paisagem imensa, pode sentir, na sua grandeza infinita, as belezas caboclas deste imenso livro de Plinio Salgado, um livro escrito com religiosidade num momento de exaltação mística!

Neste dia de sua morte, quando a nação toda pranteia o seu falecimento, a presença do grande guerreiro se faz mais presente em nossa alma, em nosso coração. Todos sentimos, neste momento de luto nacional, que alguma coisa se quebrou para sempre, que perdemos alguma coisa de muito valor, de muito querida, porque Plinio Salgado de certo modo, representa parte da nossa história, parte da nossa evolução política e social. Ele marcou uma época de decisões para a vida brasileira, e os seus conceitos e as suas palavras de advertência assumem valor novo a cada momento que passa. Ouçamos as suas palavras: "Agora, mais do que nunca, é preciso amar o Brasil." Sim, é deste amor que o Brasil necessita, deste sentimento que faz vibrar todas as cordas do nosso coração. A Pátria deve ser amada no misticismo das suas crenças, das suas lendas, nas lutas do povo, nas esperanças e nos sonhos da sua juventude, no livro dos seus poetas e escritores, nas mãos calosas dos seus trabalhadores, no rosário infinito de suas cidades, no colorido da sua geografia... Plinio Salgado convida o leitor: "Nossa Pátria dá sempre uma idéia de viagem. Caminhar para ela, ao acaso. Em qualquer direção, como quem vai descobrir os segredos do mapa. *Amarelo*, Goiás; *verde*, Bahia; Minas, *cor de rosa* e São Paulo, *cor de laranja*; Amazonas, *violeta*; Maranhão..."

Uma das venturas da minha vida errante, foi a graça que Deus me deu, de ter podido viajar por esses caminhos que se enroscam ao longo da nossa carta, subindo e descendo ladeiras, afundando como túneis, na mata fechada e abrindo-se, como serpente, nos grandes descampados. Geografia Sentimental de um povo, as casas penduradas nas margens das estradas, as cidades e vilas amarradas ao longo dos trilhos dos trens que passam, fumegando, lançando fagulhas na noite imensa. E barcos navegando rios e canais, enquanto se contam histórias de assombração, de almas penadas. De repente um aviso: "Fale mais baixo, compadre, lobisomem pode estar ouvindo..."

Sim, lobisomem pode estar ouvindo, m'boi-tatá pode estar escondido no fim do pasto, caapora pode estar espiando no fundo da floresta...

Fale baixo, compadre, fale baixo...

O vento noturno geme numa cana de bambu, o braseiro vermelho levanta fagulhas... Fale baixo, compadre, fale baixo...

II

"Lá vai o Araguaia guiando as águas aguadas, estirando-se ao largo, montado de pirogas de gente morena..."
— Plínio Salgado.

A Pátria deve ser exaltada todos os dias, nos templos, nas escolas, nos quartéis, nas oficinas, nas repartições, em toda a parte. Mas, neste dia da morte de Plínio Salgado, seu grande poeta, seu grande profeta, seu eterno namorado; neste dia em que ela própria se sente órfã, devemos amá-la com maior calor e mais profundo sentimento de amor filial. Por isso é que estamos comentando este amorável livro de Plínio Salgado — *Geografia Sentimental* — o mais piedoso livro de brasileiro que já se escreveu. Cada uma de suas páginas é uma louvação,

uma prece ao Brasil. "O Tapajós era um rio barbudo, como um rei de cocar. Contas a desenrolar um rosário..." Plínio Salgado é um enamorado da Terra Cabocla: "Um cartaz com uma vaca no bebedouro, muito fresco, muito suave, anuncia que estamos no pavilhão de Minas Gerais. E logo as indústrias de Juiz de Fora vêm ao encontro da gente, como quem diz: "Que está pensando, então? Teares. Peças de chita e de algodãozinho. As fábricas de tecidos são as velhas matronas que fiam a sua roca, com apitos de vapor, com barulheira de polias, de roldanas, de maçarqueiras e ferramentas complicadas, para vestir o nosso Jeca..."

Plínio, esse diabo bugre do sopé da Mantiqueira, leva a gente para um passeio lindo pelos passos da nossa geografia. E a gente lembra, de coisas que dormiam no poço da memória...

Havia um cartaz em cada estação da Sorocabana: "Ou o Brasil acaba com a formiga ou a formiga acaba com o Brasil." Havia outros cartazes, naqueles dias em que o trem cosia a nossa geografia, esticando as suas linhas para todos os lados. Nos dias de eleição Jeca recebia de presente uma camisa de algodãozinho ou um par de botinas de vaqueta, ringideira. Ele, o Jeca, não estava muito habituado às botinas, mas lá ia ele, capengando, cumprir o seu dever, obediente à ordem recebida do coronel que mandava na política da sua cidade...

As bandas de música tocavam nos coretos e os moços passeavam pelas ruas dos jardins bem tratados, só para ver as mocinhas bonitas nos seus vestidos brancos ou cor-de-rosa.

Nas manhãs domingueiras todos iam à Igreja assistir missa. Depois era a matinée nos cinemas, com fitas românticas. Às vezes um circo pousava na praça da Matriz, o vasto pavilhão armado. Havia urros de feras, os palhaços percorriam as ruas anunciando a estréia. E todos iam ver o espetáculo. Gente vinha de longe, dos fundos das fazendas, para ver o Circo Irmãos Querolo, o Circo Floriano, e outros. A criançada entrava por baixo do pano, enquanto um soldado fazia cara feia só para fingir que era autoridade...

Nas datas cívicas havia grande reunião no jardim. E os oradores da cidade pronunciavam longos discursos, falando dos homens do nosso passado, dos santos, dos heróis, dos mártires que fizeram a nacionalidade com o seu amor, o seu sacrifício e a sua inteligência...

Plínio resume tudo isso numa frase sem igual em nossa literatura: "Nosso patriotismo é diferente do de outros povos. Porque somos a Grande Criança. O País, que está crescendo, nessa aparente desordem que caracteriza os gestos e atitudes da infância..."

Vejam este quadro: "Patrioteiro otimista que diz: "Nosso Amazonas é o maior rio da Terra; nossa Paulo Afonso é a maior cachoeira; Rui Barbosa falava vinte idiomas e trinta dialetos; quem inventou a máquina de escrever foi um padre brasileiro." Outro padre inventou o balão..."

Destas coisas tão lindas devemos falar neste dia, recordando as palavras de um conde ilustre que escreveu sobre os motivos do seu orgulho e explicando as razões por que se ufanava do seu País. Do seu? — do nosso, meu caro Plínio Salgado, desse Brasil das "montanhas, das cidades, que trepam ladeiras, e da imensa poesia que veio, desde Vila Rica, espalhando-se pela vida mineira..."

Uma longa vida romântica, cheia de encanto, no namoro desta terra que vem sendo amada desde os dias em que um escrivão traçou o seu retrato para um rei feliz e venturoso... "A terra é chã e bela..."

Meu caro Plínio, esta terra é tão linda, que até chinês, coreano, japonês, vem do fim do mundo só para namorá-la...

* ARRUDA CAMARGO, ANTONIO (1909) — Nasceu em Serra Negra (SP) a 1.º de fevereiro. Jornalista, participou das Revoluções de 1930 e da Revolução Constitucionalista de 1932. Atuou na imprensa interiorana de São Paulo e da Capital paulista. Publicou, entre outras obras: *Brejeúva*, *Pequenas histórias sem sentido*, *O filho de Dona Mência* (biografia do Padre Anchieta), *A lâmpada apagada*, *Das coisas e ... não dos homens*.

O SACÍ, O AVANHANDAVA E O IMPERIALISMO PACÍFICO...

Jackson de Figueiredo *

Quem acompanha com interesse o movimento da crítica contemporânea em derredor da obra de Marcel Proust, verifica, dentro de pouco tempo, que o essencial nesse debate, como em todos os demais sobre a arte, é o da relação moral entre a personalidade do autor e a beleza apreendida, realizada, a beleza propriamente literária.

Entretanto, o fenômeno que mais me preocupa na obra de singularíssimo revelador, é o da sua despersonalização, se assim podemos dizer, da sua quase absoluta despersonalização dentro de uma obra que, à primeira vista, se apresenta como a última palavra do subjetivismo, como a mais perfeita transfusão de um "eu" no complexo ambiente da modernidade, transfusão tão violenta, ou melhor, tão imperiosa, que o que mais nos admira, ao fim da análise a que sujeitamos os seus dois elementos — de um lado a alma do artista, do outro a multiplicidade moral da vida contemporânea — o que mais nos admira é a simplicidade a que se reduz o segundo termo daquela relação: o mundo que se fez pura expressão, entre amorosa e endolorida, de um "eu" preocupado de si mesmo.

Um caso há na literatura nacional, neste momento, que também, do mesmo modo, me aviva a curiosidade psicológica, e é o do sr. Plínio Salgado, o autor do romance *O Estrangeiro*, romance ou crônica da vida paulista, como ele próprio sub-intitula.

O caso do sr. Plínio Salgado não é, de modo algum, o de Proust, no sentido daquele naufrágio do mundo no luminoso crepúsculo de um "eu". Mas em uma das suas feições mais

acentuadas, coincide, de forma impressionante, com o do grande romancista francês: a da despersonalização real, profunda, de um autor que se apresenta com toda a exterioridade de um subjetivismo exagerado.

Mas, por outro lado, o caso do sr. Plínio Salgado terá, talvez, esta definição; objetivação quase perfeita de um subjetivismo equilibrado. O que faria pensar no exagero seria justamente essa profunda capacidade de fixar-se em face das coisas e, por conseguinte, dominá-las.

Seja qual for a nossa escolha, entre as duas hipóteses, o que há de positivo é o de ser o sr. Plínio Salgado um configurador por excelência, um homem que não sai nunca de si mesmo, não vê nunca com olhos de empréstimo, mas com força bastante de domínio sobre si próprio, a tal ponto que, em todo o movimento, o tumulto de seu romance, jamais consentiu em aparecer em cena. Sente-se que ele está por traz, nos bastidores, a focalizar os personagens, e as vezes nem esconde que os dirige também. Mas até o que deixa aparecer como pensamento próprio, do narrador, do ficcionista — se quiserem — ganha na sua prosa um tom, uma fisionomia do além de si mesmo, da sua poesia, da sua condicionalidade do espectador interessado.

Este seu caso, com o de Andrade Murici (bem mais delicado, mas não mais impressionante) dão à prosa brasileira contemporânea um valor singular na sua história: não o de transplantação de escola ou forma européia, mas o de documentação e testemunho nosso de uma atitude nova do espírito em face do mundo

Não é, porém, desse ponto de vista que o poema ou romance, a ficção lírico-dramática d'O *Estrangeiro* merece, a esta hora, o meu maior interesse. O meu desejo é mais simples, e é só o de chamar a atenção dos que me lêem para uma nova feição de etinismo brasileiro, feição tanto mais empolgante quanto não há linha particular dela que não revele um sofrimento, uma amargura, uma ânsia da nacionalidade.

"Eu creio que o Saci, na sua puerilidade, sabe enfrentar todas as formas de imperialismo pacífico..."

Sim, São Paulo não é a clássica "mais poderosa unidade da Federação". São Paulo é, sobretudo, o mais sério problema moral da nacionalidade, problema em cuja íntima contextura pode-se dizer que está preso, num aranha, todo o futuro do elemento propriamente nacional, isto é, o futuro da brasilidade.

Se este livro, se este romance, se este resultado da atividade configuradora de espírito, dá testemunho, por sua vez, da força configuradora da coletividade paulista, que bálsamo que é este livro para a nossa inquietação!

O estrangeiro, para quem a terra surgira "pura e divina como a virgem das purificações" (*Salus infirmorum, consolatrix afflictorum*); para quem, no entanto, fôra apenas o caminho do triunfo que o devolvia a todas as amaguras e rebeldias de outrora; devesa desabrochada em espinhos, como os olhos misteriosos de Maria de Lourdes; isto é, com a força vital e a tristeza mortal de amor, e que, por fim, nem ao menos neutraliza o veneno que trouxera nas veias, esse estrangeiro é aquele, irredutível, a quem a terra nova se não despersonaliza, na desmoralização e na miséria e acaba por fulminar, impelindo-o de repente e novamente para si mesmo. Mas há outro estrangeiro, múltiplo e vulgar, que serve de cômico a essa figura dramática e dolorosa. É a este que o Brasil opõe a puerilidade poderosa do Saci... Esta somente?

O próprio livro do sr. Plínio Salgado aponta outras barreiras que são, ao mesmo tempo, máquinas de nacionalização, retortas da brasilidade.

"Desgraçado do homem sem paredes". É o próprio estrangeiro — o irredutível — quem o proclama na dor do seu renascimento, à distância, no meio da sua miséria originária.

Daí a lição admirável: "Não o sonho-indivíduo, o sonho parcela, das experiências de Ivan, oriundas de um estado pessoal; mas o sonho-país, filho espontâneo da terra e da raça"...

E tudo o mais, naquele sério aviso da Apoteose de Anhangüera: "Juvêncio deve andar fugido pelo sertão. Ele era o

Anhanguera, palrador e iluminado. Como o Avanhandava, que estourava alí parte da sua maleita e do meu esquecimento — a vigilante força obscura...”

Para nós, nacionalistas racionais, e não somente, ou quase nada sentimentais, este poema de *O Estrangeiro* é, mesmo nos seus mais aflitivos e cruéis avisos, um livro de esperança e de fé.

* JACKSON DE FIGUEIREDO (1891/1928) — Nasceu em Aracajú (SE) a 9 de outubro. Bacharel em Direito, mudou-se para o Rio de Janeiro (1914), onde conheceu Farias Brito. Converteu-se ao catolicismo por intermédio de Alceu Amoroso Lima. Publicou a revista *A Ordem* (1921) e fundou o Centro D. Vital (1922) “tornando-se figura central do movimento da reespiritualização do Brasil, através de cursos e da revista”. Jornalista, publicou, entre outros, os seguintes títulos: *Xavier Marques* (ensaio), *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito*, *Crepúsculo interior* (versos), *A questão social na Filosofia de Farias Brito*, *Humilhados e luminosos* (crítica), *Do nacionalismo na hora presente* (carta). *A reação do bom senso*; *Pascal e a inquietação moderna* (ensaio de filosofia), *A coluna de fogo*.

O artigo (O Saci, o Avanhandava e o Imperialismo pacífico...) foi publicado na “Gazeta de Notícias”, em 1.º de dezembro de 1926.

ESTUDO SOCIOLÓGICO DE “GEOGRAFIA SENTIMENTAL”

Miguel Reale *

Há grandes livros que abrem tantas e tamanhas perspectivas, que não raro ultrapassam as intenções do próprio autor. Um crítico ousado poderia, nesses casos, afirmar que a sua função não é apenas a de ilustrar a obra ao público, mas também a de revelar certos aspectos àquele que a concebeu e criou.

Por mais paradoxal que pareça essa tese, nela se encontra uma preciosa cópia de verdade. Com efeito, o autor nem de tudo pode tratar profusamente, nem tudo esclarece com pormenores. Passa, às vezes, à margem de determinados assuntos, fazendo afirmações que outros em seguida podem considerar como ponto de partida de todo um mundo de cogitações novas e fecundas.

Escritores há, por outro lado, tão ricos de idéias e de intuições, que não se demoram no exame e na exploração deste ou daquele *veio* encontrado; limitam-se a chamar a atenção dos demais, prosseguindo na tarefa de descobrir novas coisas, novos fatos, novos tesouros.

A geografia do Brasil foi estudada por muitos. Só agora, porém, encontrou Plínio Salgado, para lhe dar sentido humano e social. E Plínio Salgado o faz com intuições poderosas que vão além do campo artístico e alcançam o mais profundo recesso das verdades sociológicas e políticas.

O Chefe do Integralismo pertence à categoria dos escritores ricos de intuições, fecundo de idéias novas. A faculdade intuitiva é mesmo a dominante em sua psique. Ninguém possui como ele um poder tão admirável de apreensão das coisas com tanta rapidez e segurança. É um gênio intuitivo por excelência,

por isso de difícil interpretação, especialmente se pensarmos que não se manifesta como sociólogo, político, filósofo e artista em momentos sucessivos, mas sim simultaneamente, integrando em um todo complexo e multiforme, as várias tendências e inclinações de seu espírito e de seu temperamento.

Os seus livros, desde os romances até aos que apresentam mais definido cunho político, refletem bem a complexidade de seu criador. Neles os valores artísticos estão fundidos com os demais, em uma síntese poderosa e sugestiva. Daí os médios encontrar-se em dificuldade para explicar Plínio Salgado, que ora lhes parece um literato fazendo política, ora um político fazendo literatura...

Dos livros de Plínio Salgado é, ao meu ver, *Geografia sentimental* aquele que mais fortemente exprime as múltiplas direções de sua energia criadora. Livro de poeta, de artista, de político, de cientista, de economista e de sociólogo. E é tudo isso com simplicidade, com a força que agita os elementos quando em estado nascente. Livro espontâneo, que parece ter sido escrito de maneira continuada, quando em verdade foi traçado em diferentes e espaçados intervalos. Foi pensado, isto sim, devagar, crescendo com o crescer das impressões, desde a infância até à vida agitada de pregador revolucionário.

Como observa o autor no Prefácio, há nas páginas desse livro uma força que se levanta. Com ela, ele ergueu as energias de seu povo. Esse milagre originou-se de "pequenos pormenores, tão insignificantes e tão grandes" que falaram nele, que sublevaram em ação tenaz todos os seus ímpetos criadores.

Na crítica que estou fazendo, minha intenção é estudar esses elementos de um ponto de vista sociológico. Há uma *sociologia subconsciente* em *Geografia sentimental*. Há toda uma doutrina política inspirando as páginas desse livro que é uma cartografia complexa da vida sentimental e espiritual do país.

Outros críticos já trataram dos méritos literários da obra, pondo em realce a delicadeza de suas expressões, os seus admiráveis e inconfundíveis recursos pictóricos, a simpatia que emana de suas páginas envolvendo o leitor em uma onda de

reminiscências, ligando-o mais fortemente às raízes da terra brasileira. São lembranças da infância e da adolescência, são imagens da pátria que o livro faz suavemente ressurgir, esperanças por todos sentidas, coisas que todos queriam, tinham vontade de dizer, mas não souberam.

Neste ensaio, porém, meu objetivo é mais modesto. Quero apenas chamar a atenção para certos aspectos sociológicos de *Geografia sentimental*.

O ESPAÇO, O DADO FUNDAMENTAL

O que primeiro impressiona no Brasil é a extensão.

"Nossa pátria dá sempre uma idéia de viagem."

Aviões, comboios, tropas, barcas de roda, jardineiras, sopas, canoas, fords, carros de boi... A multiplicidade dos lugares se entrelaçando. E os rios aparecem. Os afluentes do Amazonas trazendo em cada nome a sua fisionomia. Impressão de criança contando as grandezas da terra, reunindo na imaginação os quadrados imensos dos milhões de quilômetros. Montanhas, serras, planaltos, caatingas, capoeirões, o panorama se desdobrando, cidades, aldeias, povoados.

O Brasil é tão grande que o escritor enumera. A enumeração, afetada no estilo modernista europeu, entre nós torna-se uma necessidade. Diante da fartura, no meio da abundância, a vontade é mesmo a de contar. Plínio Salgado fixa a primeira conclusão de valor sociológico evidente:

"A pátria nos outros países, é uma coisa feita de tempo; aqui, é toda espaço. Quinhentos anos quase não é passado para uma Nação. Por isso, nós a compreendemos no presente, na síntese prodigiosa do nosso país.

"Nas Nações mais antigas, a idéia da Pátria é uma sequência de fatos no tempo. No Brasil, essa idéia é uma simultaneidade de fatos no Instante."

O nosso primeiro contato com o Brasil é todo ele de espaço. Nem é mesmo possível abranger a nossa pátria a não ser representando-a em um mapa. Só mesmo a criança consegue abranger a totalidade da Nação quando "faz rios em tinta

azul e montanhas com lápis marrom, traçando fronteiras com tinta vermelha e pintando coqueiros primitivos”.

Novicow escreveu, certa vez, que não é possível patriotismo sem representação gráfica do país. Plínio nos mostra que no Brasil é ainda o mapa o nosso maior poema.

Nos países jovens como o nosso, é costume passear-se com uma rapidez espantosa de um a outro extremo. Há bem pouco tempo, nossos prosadores e poetas, nossos pintores e até mesmo os cultores da ciência histórica se preocupavam mais com a natureza do que com o homem, menos com o protagonista do que com o palco imenso em que vive o brasileiro os seus triunfos e as suas desventuras.

Em seguida, reagindo contra esse ingênuo panteísmo cívico, nós passamos a cantar também a grandeza do Homem.

Pois bem, Plínio Salgado, que, desde 1922, ardorosamente à frente da escola moderna, conclamou a juventude literária para revelar os valores desconhecidos de nossa gente, agora — passada a época da antítese humanista — restabelece a síntese em que se integram e se harmonizam de maneira esplêndida os valores do Homem e os valores da Natureza.

Geografia sentimental exprime esse equilíbrio, traduz esse sentido profundo de unidade e de beleza.

O ESPAÇO E A ALMA BRASILEIRA

Mas a nossa terra não é linda porque tem rios colossais, “nem pelas florestas gigantescas, nem pela imponência do vasto litoral bravio, onde estouram as ondas do mar-atlântico”. A nossa terra é linda porque o homem tem bondade e doçura no coração.

Somos um povo que não é triste, como dizem. É ingênuo e amoroso, delicado e sentimental. Toda nossa alma reflete o infinito das distâncias. Desde o caboclo que galopa a perseguir o gado até ao remeiro das grandes caudais, todos “ao chegar a hora primeira da noite, são como a sussuarana: amolecem o coração, magnetizados pelas estrelas.”. Em mais de uma passagem, Plínio Salgado encarece a suavidade e a bondade da

alma brasileira, reforçando considerações já feitas em *Psicologia da revolução*.

A que se deve atribuir essa bondade? Ao elemento negro? Ao indígena ou ao português? Ou poderá ser explicada fora do setor das imprecisas relações étnicas, à luz de dados meramente históricos? Creio que será difícil uma resposta segura nessa matéria, onde os pontos de vista pessoais têm muita força.

Acho, porém, que Plínio Salgado focaliza com acerto também a influência do *espaço* na formação da psique brasileira.

Ninguém soube até agora, com tanta acuidade, explicar o sentido de nossa música popular como uma expressão das distâncias. “*A cantiga do caboclo tem um sentido de distância. É a geografia cantando.*”

Plínio Salgado revela, de maneira magistral, a ligação entre a alma do brasileiro e a extensão territorial. O canto popular, onde primeiro se firma a originalidade pessoal de um povo, é um canto que se desdobra quase como continuação dos panoramas infundáveis: “O canto dos carros de bois enche a carta geográfica. Com ele se construiu uma Nação. É olhar o mapa de nossa Pátria e escutá-lo. Parece a canção dos panoramas infinitos”.

UNIDADE DO BRASIL

Tão extenso, tão variado e no entanto o Brasil é um só. “Nossa terra tem mil cidadezinhas, iguaizinhas, com uma fonte da qual se diz: “Bebeu dela, não sai mais daqui!”.

E quando chega o mês de maio, “nenhum país é mais uniforme, nem mais harmonioso”.

As cidades são iguais. Com os mesmos costumes, as mesmas festas, a mesma capacidade de ser ingenuamente alegres. Todas elas têm as velhas igrejas amigas, os pátios familiares, os vaidosos coretos e os jardins onde “a banda vem tocar nos domingos para os rapazes namorarem.”. E nas farmácias “o juiz de direito conversa com o vigário sobre a instituição da família e o velho chefe político diz que o diretório está firme.”.

A semelhança das cidades brasileiras é das coisas que mais surpreendem os que percorrem o Brasil. Plínio Salgado

sente, na sua sensibilidade de artista e de político, o que representa esse fato que tem resistido a tudo como um tesouro à margem das investidas cosmopolitas. Esse o significado de seu poema às cidades do Brasil:

“Ó cidades históricas de Minas! Ó cidades patriarcais da Província Fluminense e do Norte de São Paulo! Ó cidades de germânicos telhados pontudos de Santa Catarina! Ó cidades de telhados vermelhos do sertão paulista! Ó cidades ásperas do sertão da Paraíba, do Ceará, de Sergipe e do Rio Grande do Norte! Ó cidades...” e o autor continua a invocá-las, vivendo-as na síntese prodigiosa de sua geografia e de sua história, para perguntar por fim, na vibração de seu entusiasmo patriótico: “Quem vos disse que sois diferentes?”

E o leitor, acompanhando o poeta, cerra os olhos e sente a unidade da Pátria, a unidade dos povoados obscuros, das freguesias humildes, das cidadezinhas ridentes, das grandes e velhas cidades tradicionais.

A RAÇA QUE SE FORMA

Nessas cidades, a Pátria brasileira mistura-se na confusão unificadora do tipo futuro. Cada homem é “um algarismo na grande equação proposta à solução do tempo e das fatalidades geográficas e geológicas”...

Isoladamente, os homens apresentam diferenciações evidentes. Nos agrupamentos porém, as diferenças têm feição apenas econômica. Os homens, diversos quanto à raça e à cultura, imigrantes antigos e recentes, brancos, negros e índios, mulatos, cafusos e mamelucos, todos possuem uma fisionomia distinta, quando individualmente considerados. Em grupo, unidos na rede de uma atividade econômica — tanto na exploração do café e do algodão como nos serviços da criação do gado ou no desbravamento dos sertões — surge e predomina, porém, uma unidade coletiva, própria de cada aglomerado humano: e os homens distintos falam o idioma do café, do gado, do fumo, da alfafa. Há todo “um temperamento de aglomerado humano modelado pelas fatalidades econômicas”...

Mas o Brasil vence essas diferenciações individuais e essas unidades secundárias de grupos econômicos. A própria disparidade, pelo fato de completarem-se os círculos de atividades diferenciadas, dá origem a uma *unidade total orgânica*. Integralizam-se as expressões particulares na harmonia de um todo especial, em “uma expressão idêntica, através de cujos acentos e intenções todos se sentem irmãos na Grande Aventura, na obra de construção material de que resultará, um dia, a construção étnica do tipo estável americano”.

Para isso tudo contribui. Os trens que acordam, na madrugada alta, as cidadezinhas que dormem no sertão. Os interesses econômicos interpenetrados. A multiplicação das cidades na conquista progressiva da terra, como centros de ligação cada vez mais estáveis, mais apegados à terra. O municipalismo justamente orgulhoso de todo o “Capim-Mirim” que espera logo se desmembrar da comarca de “Capim-Guassú”. A professora “que vai semeando o alfabeto, bandeirante também, como o homem de chafeira e catadura rija que derruba perobeiras e planta cidades”!

Tudo e todos contribuem para a unidade nacional. Só trabalha contra ela a pequenez do regime vigente...

O PATRIOTISMO BRASILEIRO

É natural que nesse povo em caldeamento ainda instável, com toda a força irrefletida das crianças que estão crescendo, o patriotismo seja diferente do que existe em outros povos.

Não temos, como em França, “o alto culto trágico do pavilhão nacional”, nem o “culto épico dos exércitos germânicos que marchavam com pé de ganso como uma população descida dos Niebelungen, levando as águias pretas da conquista; ou a força da tradição remontante aos séculos de Roma que conduz o povo italiano desde Cavour a Mussolini; ou ainda o senso do passado poemático, que sugerem as quinas portuguesas.”.

Nosso patriotismo não agride, não provoca ódio, nem se fortalece ou se alimenta de receios. É espontâneo, assim como quem olha para a sua propriedade legitimamente adquirida e

sente o orgulho de possuir. Nossa bandeira nos fala mais do espaço do que do tempo. Nela predominam as expressões das belezas e riquezas da terra, com as estrelas representando os Estados da Federação...

Por isso tudo, o "patrioteiro exprime uma precariedade histórica *irremovível* e *imprescindível*, num país em que estamos ainda trabalhando para formar uma consciência coletiva, definida, no espaço e no tempo".

O espaço é a *constante* do livro de Plínio Salgado. Pode-se mesmo dizer que estamos apreciando uma visão ética e histórica da pátria através da geografia.

A propósito de tudo, surge o espaço, como *realidade primeira* e dado fundamental. Há em todas as páginas uma lição sociológica pondo em evidência o fator *terra*. Se fôssemos dados a exageros e unilateralidades, diríamos que o que na Itália representa a idéia de *Império* e na Alemanha a idéia de *Raça*, no Brasil se exprime com a idéia de *Terra*. A terra, as características mesológicas, o patrimônio territorial que nossos avós nos legaram, é como que o eixo de nossa história e de nossa alma de povo. Nossas epopéias são ainda as da conquista direta ou indireta da terra, as das bandeiras, as das entradas, as dos criadores nordestinos, as dos plantadores de fazendas, as dos desbravadores do sertão.

A terra aos olhos dos brasileiros surge sempre como um desenrolar de distâncias. O brasileiro ama a terra na grandiosidade infinita de seus horizontes. Não é o amor personalista ou pragmático do europeu que ama a sua pátria com um sentido violento de posse e de domínio, como se fosse apenas um prolongamento ou uma visão engrandecida do imóvel que cultiva, que explora, que habita.

Nós podemos dizer, talvez sem exagero, que o amor à propriedade e à terra intensifica-se e torna-se violento na proporção direta da densidade demográfica.

Nós brasileiros ainda não temos um apego violento à terra, pelo simples motivo de que o espaço nos sobra. Amamos a terra brasileira, mas ainda de maneira genérica, sem ambicionar um contato direto e integral com as suas riquezas. Falta-nos cobiça, a cobiça que tiveram os primeiros colonizadores, a

cobiça que movimenta e impulsiona os imigrantes recentes, a cobiça que, no mais das vezes, não passa à primeira geração dos imigrantes ambiciosos...

Plínio Salgado escreve: "Nossa consciência coletiva depende da própria geografia, da ação do sol amorenando as raças, da luta com a selva e a comunhão cósmica, e temos de a ir preparando, também, com o nosso esforço, em prol da libertação completa dos preconceitos retardantes e opressivos das nações velhas".

Enquanto essa "consciência coletiva" não existir, teremos a ação precária mas útil do *patrioteiro* que ama a pátria, mas não a compreende, deseja-a grande mas não sabe o significado de sua presença, vibra por ela mas não a realiza na integridade de seu destino.

O que nos incumbe, pois, é dar alimento ao entusiasmo do patrioteiro, fazendo que a consciência nacional seja a síntese harmoniosa da compreensão e da atividade dos homens relativamente às riquezas potenciais da terra.

Destarte realizaremos o ideal a que se referiu Graça Aranha em *Estética da vida*: tornar o homem brasileiro tão grande como grande é a terra que ele conquistou.

* MIGUEL REALE (1910) — Nasceu em São Bento do Sapucaí (SP) a 6 de novembro. Filósofo de renome internacional, foi Reitor da Universidade de São Paulo, por duas vezes, assim como Secretário dos Negócios da Justiça do Governo de São Paulo. Fundou o Instituto Brasileiro de Filosofia (1949) e a Revista Brasileira de Filosofia. Foi membro da "Comissão de Alto Nível" que reviu a Constituição de 1967 resultando, desse trabalho, a Carta Magna ora em vigor (Emenda Constitucional n.º 1). É membro do Conselho Federal de Cultura, da Academia Brasileira de Letras, da Academia Paulista de Letras, Vice-Presidente da "International Association for Philosophy of Law and Social Philosophy" (IVR), com sede em Basiléia.

Principais obras publicadas: *O Estado Moderno*, *Formação da Política Burguesa*, *Capitalismo Internacional*, *Atualidades do Mundo Antigo*, *Teoria do Direito e do Estado*, *Horizontes do Direito e da História*, *Pluralismo e Liberdade*, *Imperativos da Revolução de Março*, *Teoria Tridimensional do Direito*, *Da Revolução à Democracia*, *Problema Institucional do Estado Contemporâneo*, *Experiência e Cultura*, *O Homem e seus horizontes*, *Poemas da Noite*. Teve, em 1983 todas as suas *Obras Políticas* (1.ª fase — 1931/1937), a fase integralista, portanto, publicada em três volumes pela Editora Universidade de Brasília. O presente ensaio foi publicado em *Atualidades Brasileiras*, 1937.

FORÇAS NOVAS

Monteiro Lobato *

Vem de S. Paulo um livro que vale pela mais pura revelação artística destes últimos tempos. *O estrangeiro*, de Plínio Salgado. É menos que um romance. Dá a impressão dum grande plano cíclico, ao molde da "Comédia Humana" de Balzac; qualquer coisa como notas estenografadas com mão febril para ulterior desenvolvimento. E talvez por isso seja tão forte, e tão nova a impressão que causa. A mesma que causaria a "Comédia Humana" se do estado de diluição analítica passasse ao de concentração sintética em um só volume.

Plínio Salgado consegue o milagre de abarcar todo o fenómeno paulista, o mais complexo do Brasil, talvez um dos mais curiosos do mundo, metendo-o num quadro panorâmico de pintor impressionista.

Que formidável *steeple-chase* é São Paulo! Confluem para ele não só as incoercíveis energias do homem que arregaça as mangas na Itália, na Síria, na Alemanha, na Rússia, no inferno e vem para a América vencer, como os elementos mais eugênicos de todos os estados do Brasil. E referve a *curée* da terra roxa em torno do Café, ouro-fenix de eterno rebrotar. O atropelado *rush* ao Klondike repete-se. Faca nos dentes, músculos retesados e um grito só: Dinheiro!

Essa onda ádvena, arreitada de ambição, choca-se com os primeiros ocupantes, os desbravadores já vitoriosos, e deflagra o drama de luta que Plínio Salgado traceja a espatuladas fulgurantes, com nababesco desperdício de tintas raras. E, como sempre, vence o mais forte.

Nos Mondolfis descreve Plínio o ciclo ascendente dos colonos de boa cabeça, rijos no trabalho. Com rapidez passam da

Hospedaria dos Imigrantes à riqueza e à direção política. Formam o amanhã de S. Paulo.

Ao lado deles, ciclo descendente, os Pantojos, família velha mas já dessorada das boas energias vitais, morrem na curva da parábola. Pantojo vende aos Mondolfis suas terras e vai para São Paulo esbanjar em farras o dinheiro. Morre na penúria, com os filhos já a se diluïrem na massa anônima dos vencidos.

Zé Candinho, caboclo rijo de cerne, simboliza a velha guarda que se retira para o sertão, mas não se rende. Vai continuar a obra de seus maiores, néo-bandeirante que é, violador nato de terras virgens.

O professor Juvêncio resiste crispado no seu nacionalismo de raciocínio, mas vai sendo posto de banda naquele violento parigato, como voz de éco impossível na algazarra da refrega.

O major Feliciano representa a política vitoriosa, safadíssima, toda em resumo no "vencer para gosar".

Eugênio Fortes, o poeta, figura o intelectualismo doentio, sem forças para a violência da ação. Contempla e comenta, mas de planque.

Ivan, um russo, constitui a figura central do livro. "Síntese de todos os personagens (diz o autor no prefácio onde esquematiza a obra), consciência de todos os males. Ação norteada por um realismo *a priori*, anulado por ceticismos cruéis em face do utilitarismo ambiente e do preconceito esmagador. Pletora de personalidades contrastantes e incapazes".

Mas de nada valeria o belo esquema prefacial se o autor não introvertesse na realização da obra uma revolta onda de talento, e a não fizesse exatamente como fez, numa desordem procurada e sem preocupação de forma. De tontura em tontura segue o leitor pelo livro a dentro, empolgado pela força do estilo, que é única e sem rival entre nós. Quadros há pintados como os pintaria Júpiter — a coriscos. A outros esboça o autor com tintas novas, inéditas na palheta acadêmica, audaciosíssimas.

Um chá dançante: “Na nuvem dourada do jazz, corpos brancos e macios enroscavam-se na empernada delícia das mor-nas chamadas jeitosas e discretas. Os róseos lábios entreabertos e os olhos de ternura molhada adivinhavam premiadas puberda-des. Mas os chás-dançantes, em geral, eram em benefício de Santa Terezinha de Jesus”...

Mais uma transcrição que dê medida do seu impressionis-mo. Juvêncio, o exasperado nacionalista, vai com seus alunos em excursão ao salto do Avanhanda e leva consigo os três papagaios que dera de presente a Carmine Mondolfi e tomara de novo. Que tomara porque tinham as aves aprendido o hino fascista e outras italianidades. Queria, dentro da natureza sel-vagem, restaurar a brasilidade dos papagaios.

— “Vou curá-los no sertão.

Mas foi inútil...

Uns caboclos de Santa Bárbara acercaram-se, curiosos.

Os fords pinoteavam como cabritos na estrada pedrenta que furava a mata-virgem.

O Tietê tombou, de chofre, com ribombo e estilhas. Cata-dupa de ouro líquido. Piscina larga de muros a pique. E os papagaios de Carmine gritavam, roucos:

— *Giovinezza, giovinezza, primavera di bellezza!*

Uma grande arara gargalhou gostosa no alto de um ipê. Juvêncio, de pé sobre a rocha, exclamou:

— Quem ri desta cachoeira? — E voltando-se para os discípulos e caipiras amontoados:

— Vamos! É algum de vocês capaz de rir-se desta ca-choeira?

E explicou:

— Esta queda d’água poderia fornecer força a muitas ci-dades, mover usinas, iluminar. Assim é o homem da nossa terra. No litoral desmancha-se em arroio, mas aqui é bruto e forte.

Agarrou então os papagaios — *giovinezza! giovinezza!* — e um por um os foi estrangulando e lançando à onda brava da catadupa. Indígnos todos os seres que falam como papagaios, sem pôr nas palavras a força e o calor da Terra! Indígnos os homens que falam com os lábios e acabam transformando-se na insensibilidade dos fonógrafos!”

Todo o livro de Plínio Salgado é uma inaudita riqueza de novidades bárbaras, sem metro, sem verniz, sem lixa acadê-mica — só força, a força pura, ainda não enfiada em fios de cobre, das grandes cataratas brutas.

Não cabe nesta página o muito que há a dizer de livro tão forte e novo.

Nela fique, pois, apenas, um brado de entusiasmo pelo “algo nuevo” que vem de revelar-se ao país. Já tardava que São Paulo, terra de prodígios, desse da sua uberidade mental tão saboroso fruto. Plínio Salgado é uma força nova com a qual o país tem que contar.

* MONTEIRO LOBATO, JOSE BENTO (1882/1948) — Nasceu em Taubaté (SP) a 18 de abril. Bacharel em Direito, foi Promotor Público e jornalista. Foi um dos grandes pioneiros na editoração de livros no Brasil com a Editora Monteiro Lobato. Em 1931 fundou a Cia. Petróleo do Brasil. Foi preso e condenado pela Ditadura de Getúlio Vargas. Foi membro da Academia Paulista de Letras. Publicou, entre outras obras: *Urupês* (contos), *Idéias de Jeca Tatu*, *Cidades mortas* (contos e impres-sões), *O choque das raças ou o presidente negro* (romance americano), *América*, *O escândalo do petróleo* e as *Obras Completas* (17 volumes) de literatura infantil.

O artigo *Forças Novas* foi publicado no jornal *A Manhã* do Rio de Janeiro, em 19 de setembro de 1926.

O ROMANCE DE UMA CIDADE MORTA

Nereu Corrêa *

Entre os escritores que participaram do Movimento de Arte Moderna, em 1922, ou que a ele aderiram mais tarde, podemos distinguir, no tocante ao tratamento da língua, dois grupos bem diferenciados: os que procuraram pela própria linguagem trazer uma contribuição nova à literatura brasileira, indo ao extremo de pretender para o português falado no Brasil um "status" de língua independente; e os que, mais moderados, embora não menos pugnazes nos seus ardores nacionalistas, buscavam apenas uma renovação estilística, sem maiores implicações sintáticas ou gramaticais.

Ao primeiro (muito mais reduzido que o segundo), pertenceram os dois lanceiros do Movimento, Oswald e Mário de Andrade, este mais do que aquele pela persistência com que, até o fim da vida, lutou por aquilo que julgava ser a mais autêntica bandeira do Modernismo: a língua brasileira. No segundo grupo podemos incluir Menotti Del Picchia, Cândido Mota Filho, Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho, Plínio Salgado e Cassiano Ricardo, para nos referirmos apenas aos combatentes da primeira linha.

É claro que o grau de fidelidade aos cânones da língua não foi igual neste grupo, havendo aqueles que, como Cassiano Ricardo (um dos mais ardorosos advogados da chamada "língua brasileira"), incorporaram ao seu estilo certas peculiaridades do falar brasileiro, imprimindo-lhe um nítido sabor de oralidade, sem se aventurarem, todavia, a pôr abaixo o muro da sintaxe.

A este grupo podemos creditar o equilíbrio, o poder de conquista e o sentido de permanência dos valores estéticos aflorados em 22, evitando destarte que o Movimento submer-

gisse no torvelinho levantado pela fúria demolidora dos que "sabiam o que não queriam, embora ainda não soubessem o que queriam", na frase famosa de Aníbal Machado.

Exemplo típico de escritor que soube estruturar o seu estilo em linhas modernas sem transigir com a incorreção gramatical, foi Plínio Salgado. Creio mesmo que, de todos os seus companheiros de geração, foi ele um dos que se mantiveram mais fiéis aos padrões tradicionais da língua. Entretanto, ninguém lhe pode negar o mérito de ter sido, pelo seu nacionalismo, pelas suas idéias estéticas, pela leveza e o colorido do seu estilo, um dos mais legítimos representantes do seu grupo dentro do Modernismo. Com Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Cândido Mota Filho fundou o grupo *Verde e Amarelo*, que mais tarde desaguardaria em duas vertentes políticas, a do movimento *Bandeira*, liderado por Cassiano Ricardo e Mota Filho, e o *Integralismo*, chefiado por Plínio Salgado.

O último romance de Plínio Salgado, *Trepandé*, confirma essas características do seu estilo e oferece subsídios para uma melhor avaliação da sua contribuição ao Movimento de 22. O fato de o livro ter sido na década de 30, como informa o autor no Prefácio, não o torna menos atual do que se fosse escrito hoje. Não é o elemento cronológico que dá atualidade ao *plot* romanesco. O que conta é a temporalidade ficcional, a verossimilhança, a atmosfera, o poder de criatividade do autor, de tal forma que a intriga, embora inserida numa outra época, é sempre atual para o leitor. A linguagem e a técnica, sim, estas é que podem situar o autor no presente ou no passado, dentro dos critérios de modernidade ou de tradicionalidade pelos quais deverá ser julgado.

Nos últimos cinquenta anos, como se sabe, o romance passou por várias e sucessivas experiências, não só na mudança dos ângulos de representação da realidade, como na pluralidade das técnicas de montagem a partir da estrutura, envolvendo problemas de linguagem e introduzindo novos processos de pesquisas do tempo em suas dimensões psíquicas. O monólogo interior com Joyce, o realismo-metafísico na arte complexíssima

de Kafka, o "point counter point" de Huxley, o "nouveau roman" de Robe-Grillet, o realismo-mágico do moderno romance latino-americano são apenas algumas etapas dessa revolução que acabou destruindo as estruturas do romance tradicional.

Sem fugir totalmente aos parâmetros tradicionais, Plínio Salgado é, nesse romance, como já o havia sido nos anteriores, um novelista moderno, sobretudo para a época em que foi escrito. É nítida a influência da técnica cinematográfica no autor de *Trepandé*. No capítulo "Idílios e Pastorais" há uma pluralidade cênica de sugestivo efeito imagístico. A narrativa se enriquece aí de novos recursos, entre os quais podemos notar os cortes visando à ação simultânea de dois planos mentais, o linear e o vertical. Essa técnica repete-se nos capítulos "O Víspera" e "A Canção da Tesoura Leve", onde a conversa no interior de uma barbearia parece ter sido gravada e esteriofonizada na multiplicidade dos diálogos e no entrecruzar de assuntos e imagens fonovisuais.

Ao contrário dos seus romances anteriores, neste não encontramos nenhuma nuance política ou ideológica. Escrito há mais de trinta anos, cumpre observar que naquela época o Modernismo já havia superado de há muito a fase satírica e panfletária, abrindo um ciclo de obras inspiradas na realidade brasileira com um elenco de romancista de primeira linha, como José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Amando Fontes, Érico Veríssimo e outros. Surgiram, assim, os primeiros estereótipos da ficção nacional da fase que se convencionou chamar de neo-modernista.

São aspectos daquela realidade, tendo por tema uma cidadezinha do interior de São Paulo, que o autor nos apresenta nesse romance, onde mais uma vez confirma as suas inegáveis qualidades de ficcionista, amplamente reconhecidas pela crítica. *Trepandé* é a história de uma cidade, mas uma história formada de mil outras histórias que se tecem na urdidura da teia romanesca. Seus protagonistas são os próprios habitantes da cidade através dos seus tipos mais característicos: o Vigário, o Juiz, o Prefeito, o poeta, o jornalista, a professora, o barbeiro,

o farmacêutico, o Delegado de Polícia etc... A intenção do autor porém, não é apenas enfocar a vida de uma população no interior do Brasil, há quarenta anos atrás, com os seus hábitos, as suas ambições, os seus preconceitos, as suas esperanças e os seus fracassos. Se fosse apenas isso, ele teria feito um documentário, não uma obra de ficção. Mas nesse livro Plínio Salgado nos mostra como a ganância de alguns, e a ambição de muitos, podem matar uma cidade.

Até a metade do romance a ação se desenvolve lentamente, o que, de certa forma, decorre da própria mesmice do fluir dos dias numa pequena cidade antes de dar os primeiros passos em direção do progresso. Observa-se que a estratégia do autor é apanhar, através de descrições em mosaico, os aspectos isolados da paisagem física e humana. Vencida essa etapa o fluxo da narrativa adquire um ritmo mais dinâmico, quando todas as partes se encadeiam na preparação do clímax. Só então é que damos conta de que todas as histórias marginais se constelam para compor a história da própria cidade. De simples cenário a princípio, eis que agora ela nos aparece identificada com os seus habitantes, chegando mesmo a antropomorfizar-se, como uma entidade abstrata que aos poucos se humaniza e acaba nos comovendo como se fosse uma criatura de carne e osso.

Trepandé é um dos romances mais amargos da literatura brasileira. Alguns críticos viram nele apenas a história de uma cidade em processo de transição para a fase industrial, com as consequentes alterações na vida e nos hábitos da população. O ciclo transitivo, porém, não chega a se completar, sobrevivendo uma reviravolta nas ambições dos seus líderes e a derrocada da cidade. Mas essa é apenas a parte exterior da fabulação, o enredo propriamente dito. Um exame menos superficial nos mostra que por trás da trama episódica há um tríplice relacionamento entre o homem, os seus costumes e o progresso, resultando daí um conflito dos valores postos em questão, ou seja, o eterno confronto entre a moral e o material. O núcleo temático de *Trepandé* esteia-se nesse desafio, do qual decorre, em última análise, a própria condição humana. Ressalte-se ainda

o humor, que é um dos traços dominantes neste romance. Um humor que oscila entre o cômico e o amargo mas que está longe de assumir a forma satírica dos romances de Oswald e Mário de Andrade.

Não desejo terminar estas considerações sobre *Trepandé* sem uma referência aos recursos estilísticos do seu autor. Como nos romances anteriores, a linguagem de Plínio Salgado se caracteriza pelo ritmo sincopado da frase, por vezes ofegante, mas de grande poder sugestivo, tanto no desenho dos tipos como na pintura dos quadros. Há passagem de puro sabor impressionista, como a cena do palhaço (págs. 104 e 105). E é admirável o seu poder de síntese. Em duas ou três palavras ele arma um cena, debuxa um quadro, fixa uma paisagem. Observe-se este exemplo:

“Espiam de uma cabana mulheres magras e crianças
[barrigudas.

Uma rede de pesca.
Um pilão”

Há trechos em que raramente encontramos um verbo, sobretudo naqueles em que o autor procura transmitir uma impressão de imobilidade:

“Uma canoa parada...
Uma árvore quieta...
Um homem imóvel...
Uma vara de anzol...
E o silêncio.”

Não são raros os momentos de puro lirismo, como neste trecho:

“A noite, que se fecha carregada de estrelas, traz nos olhos o capricho das mágicas matutinas. Ninguém sabe a cor das auroras que ela ofertará aos pescadores, quando as constelações desmaiarem...”

As vezes, numa só frase, o autor nos transmite todo um capítulo de sociologia sobre o drama do nosso caboclo em face do imigrante:

“Em torno, na vasta amplidão sertaneja, o brasileiro que desbravou a mata para o japonês, tirita de frio, e amarela de amarelão.”

Lamento não dispor de espaço para me alongar nestas transcrições, pelas quais se pode aquilatar a força deste escritor que, além de possuir uma copiosa bagagem de livros literários, políticos e filosóficos, é um dos grandes romancistas modernos do Brasil.

* NEREU CORRÊA DE SOUZA (1914) — Nasceu na cidade de Tubarão (SC) a 18 de julho. Professor Catedrático de Português e Literatura, Ministro do Tribunal de Contas de Santa Catarina, jornalista, colabora na imprensa de Florianópolis, Porto Alegre e São Paulo. É membro da Academia Catarinense de Letras (ex-Presidente), do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, da União Brasileira de Escritores. Pertenceu ao Conselho Estadual de Cultura. É autor, entre outros, de: *Temas do nosso tempo*, *O Canto do cisne negro* (e outros estudos), *Democracia, Educação e Liberdade*, *Cassiano Ricardo — prosador e poeta*. *A palavra* (Uma introdução ao estudo da oratória), *A Tapeçaria lingüística dos Sertões* (e outros estudos).

O texto “O romance de uma cidade morta” foi extraído do livro *A Tapeçaria Lingüística dos Sertões* (e outros estudos).

UMA OBRA ANTOLÓGICA

Otacílio Colares *

A personalidade de Plínio Salgado, realmente invulgar e de grande significação nos quadros evolutivos das letras e da cultura nacionais, pode ser analisada através de um vasto leque de peculiaridades.

Homem de vasta e sólida cultura humanística, professor e jornalista desde a juventude, filho do sertão paulista, nasceu com o findar do século passado, (São Bento do Sapucaí, São Paulo, 22-1-1895) e, ao longo de uma sempre agitada vida de ficcionista, homem de idéias e líder político-doutrinário, jamais desmentiu a sua profissão-de-fé nacionalista, quer no campo da criação literária, quer no âmbito agitado e nem sempre muito suave de uma atividade pública que, no Brasil, mais que em qualquer outro país, é, ainda hoje, tal como ontem, pista escorregadia, estrada cheia de imprevistos e de traiçoeiras devesas, quando não de sorvedouros que se escondem sob o compacto apenas aparente dos água-pés.

Neste ano de 1978, quando a literatura brasileira comemora o cinquentenário de livros significativos do chamado Movimento Modernista (*A Bagaceira*, de José Américo de Almeida; *Canto do Brasileiro* Augusto Frederico Schmidt; *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo, e *Macunaíma*, de Mário de Andrade) justo seria lembrar, como atitude pioneira de uma geração que apontava nova em nosso país, o surgimento de *A Anta e o Curupira*, manifesto que se deve aos ideais reformuladores do então moço Plínio Salgado e que, em 1927, era publicado pelo próprio autor.

Realmente, Plínio Salgado foi um dos primeiros, em São Paulo, a erguer a voz no sentido de uma nova estética e de

uma diferente filosofia coletiva para nosso país, com o brasileiro sendo levado a debruçar-se sobre a realidade que o cercava, realidade bem contundente, e menos imbuído de uma tranqüilidade que era toda artifícios, à conta do luxo de certos escalões privilegiados das metrópoles, em detrimento do homem proletarianizado desses mesmos grandes centros e sobretudo das populações, que eram ainda a grande maioria, do vasto "hinterland" dos brasis.

Como integrante da primeira hora desse surto renovador, foi ele, desde aqueles idos, um pensador, como aliás o foram companheiros seus nessa luta anti-acomodatícia e revolucionária: Alceu Amoroso Lima, Jackson de Figueiredo e Tasso da Silveira, estes mais no campo vasto da indagação filosófico-doutrinária, e Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo, no campo das novas concepções literárias e na perspectiva de um futuro ativismo político, ele e estes dois últimos impregnados de um nacionalismo que era, antes, puro e límpido nativismo renovado.

Aliás, a tal propósito, não vai mal citar o próprio Alceu Amoroso Lima, em declarações feitas a Medeiros Lima, ao longo do encontro que durante sete a oito meses tiveram ambos e que resultaram no livro *Memórias Improvisadas* em que diz o brilhante e pontifical mestre da crítica modernista brasileira haver-se mantido equidistante entre os grupos dos primeiros e agitados anos, no Rio como em São Paulo. São palavras suas:

"O grupo de *Estética* e em seguida da revista *Klaxon* estava tão unido aos antropófagos ou primitivistas, como o dos espiritualistas deles divergiam, considerando-se descendentes dos simbolistas e considerando os paulistas como derivados dos naturalistas e realistas do século XIX". Para prosseguir: "Mantive sempre durante esse longo dissídio uma perfeita equidistância entre eles assim como em relação ao outro grupo paulista dos nacionalistas de Plínio Salgado, Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo."

A julgar por estas palavras até certo ponto recentes, pois são da década de sessenta, o autor de *Idade, Sexo e Tempo* persiste em afirmar que aqueles jovens eram puros e simplesmente esteticistas, não viam o Brasil dos anos 20 como um

campo a ser trabalhado, não só no tocante à arte mas, sim, com respeito a uma arte que fosse superiormente interessada, uma arte anti-torre-de-marfim e política no mais elevado sentido da palavra.

Segundo ele, havia apenas entre os moços daquela época “uma preocupação de mudança, de busca de soluções para os problemas que nos angustiavam. E isto era tudo.” E, prosseguindo: “O Movimento Modernista, tanto pelas suas fontes de inspiração como pelos elementos que o lideraram, era um movimento essencialmente estético, sem qualquer vinculação de ordem política. A política não era objeto de cogitações.”

Dessas marteladas afirmações atuais do mestre deduz-se que, no caso, a palavra *política* relacionou-se à partidária, quando hoje não se pode negar que, embora dividido em grupos em muita coisa discordantes, ou até por isto mesmo, o Modernismo, observado de um ponto de vista mais desassombrado, pode ser dado como também político, a par de estético. Assim é que Oswald de Andrade no início puro e exclusivamente *antropofágico*, iria ser sucedido por um Oswald declaradamente integrado na esquerda internacional, vindo a surgir, opoente, o grupo verde-amarelo, de Plínio Salgado e seus companheiros já citados, núcleo indiscutível da doutrina e da posterior Ação Integralista Brasileira.

Diga-se de passagem que o próprio Alceu Amoroso Lima, sem talvez se aperceber, ao longo das afirmações quanto ao Modernismo em seus primórdios, dá idéia de um movimento de importação de idéias européias e de uma posição de declaração nativista nacionalista, por parte de um outro grupo. Senão, leiamos-lo:

“Apesar de fortemente influenciado em seu começo por princípios e técnicas importadas, a verdade é que terminou se caracterizando pelo seu sentimento eminentemente nacionalista e até regionalista. Com ele dava-se a *redescoberta do Brasil pelos brasileiros*. Assim pelo menos julgou a nossa geração. Toda a nossa literatura foi animada por esse espírito, que chegou à necessidade de um primitivismo, de um indigenismo total.”

Os que fizeram a Semana da Arte Moderna, em São Paulo, e lideraram o Modernismo que a originou e sucedeu têm feito memória e citam sempre Plínio Salgado como soldado de primeira linha.

Senão, leia-se o que lá está, à página 34 desse saboroso livro de memórias do já citado Cassiano Ricardo, *Viagem no Tempo e no Espaço*:

“Logo depois, minha entrada para o *Correio Paulistano*, onde já se encontravam Menotti Del Picchia e Plínio Salgado, me tornou um modernista convicto e até um teórico do Movimento, em artigos e estudos que deram a consciência de que a reforma literária era inadiável e imprescindível.”

E não será nem demasiado nem inoportuno, no presente ensejo, contrariar opiniões que, antes e ainda hoje, aligeiraram e aligeiram ou diminuem, ou mesmo pintam nada significativo o movimento, como sendo mera ocupação brincalhona de moços paulistas freqüentadores de salões aristocráticos, citando, ainda uma vez, o autor de *Borrões de Verde-Amarelo*, quando, em suas já citadas memórias, revela:

“Fundamos então, Menotti, Plínio, Alfredo Ellis, Mota Filho e eu o grupo verde-amarelo que marcou e continua marcando até hoje uma das fases da ‘renovação de costumes’ na história de nossa literatura.”

Ainda, à guisa de complementação, citemos, do mesmo autor e do mesmo livro, este perfil do romancista de *O Estrangeiro*, *O Esperado* e *O Cavaleiro de Itararé*:

“Caipira do Vale do Paraíba mas civilizado, pode-se incluir na família intelectual de Lobato e Euclides, pelo feitio pessoal, teluricamente brasileiro. Inquieto, instantâneo para escrever; mas, a um só tempo, capaz de grandes reflexões sociológicas, artísticas, ‘poiéticas’ que exigiam vagar. Vivo como corruptura no seu poder de invenção, era cinético o seu convívio. Capacidade de comando e de proselitismo.”

Agora, ainda com base em Cassiano Ricardo, testemunho insuspeito, destaquemos em Plínio e no seu tempo o *tonus* na-

tivista, sem dúvida o responsável pela mensagem especialíssima de seu magnífico *A Voz do Oeste*. Escreveu, em sua memória, o autor de *Deixa Estar, Jacaré*:

"... De um modo geral, todos estávamos de comum acordo e pretendíamos todos a mudança da velha mentalidade estética por outra, em valores e propósitos." E, mais adiante: "Particularmente os do grupo a que pertencia queríamos opor um 'ismo' brasílico, bem visual, aos 'ismos' europeus que alguns arautos da *Semana* começavam de novo a importar."

"Oswald havia descoberto o Brasil na Europa; queríamos descobrir o Brasil no Brasil mesmo; somar mais Brasil dentro do Brasil. Verdamarelismo contra futurismo italiano, contra dadaísmo francês, contra expressionismo alemão."

Logo mais, taxativo:

"Outro ponto de divergência com os demais grupos foi o de que pretendíamos *uma arte participante, integrada no contexto cultural, social e humano da época e sua problemática*."

Prosseguindo, franca e lealmente, o poeta sempre renovado de *Jeremias Sem Chorar* depõe:

"Lembrarei que Mário de Andrade (por exemplo) e seu grupo confessam que pra eles o Modernismo era salonista e amigo de 'festanças', até 1930, 'nas fazendas opulentas' de Paulo Prado e D. Olívia Guedes Penteado (leia-se *O Movimento Modernista*, p. 42) e o nosso grupo colocava-se exatamente em sentido contrário, com o seu manifesto nascido num café, o antigo Café Guarani. Era anti-salonista pelo conteúdo ideológico, já em contacto com a rua e com o povo. O de Mário e Oswald era 'social' mundano; o nosso era 'social' político. O próprio autor de *Macunaíma* esclareceu o caso, afirmando que Plínio Salgado 'nunca pisou em salões'. Nem Menotti, nem Mota, nem eu — acrescente-se."

A nosso ver, nada mais evidente do que o atrás citado, para mostrar, no grupo de Plínio, a par do nativismo como bandeira de reformulação estética, as preocupações integrativas de ordem filosófica, sociológica e política, entendido o termo

política numa acepção bem diversa da politiquice de campanário, que então se fazia, à base de oligarquias inamovíveis e contra cujo predomínio se constituíram jovens grupos apolíticos, civis-militares, que viriam a determinar os movimentos armados de 1922 e 1924, que culminariam com a chamada Revolução de 30, bem intencionada mas cedo frustrada pela imaturidade e fraco embasamento ideológico de seus líderes e adeptos.

O que até agora foi dito e citado tem em vista uma colocação desapassionada e clara, no tocante à ficção propriamente dita de Plínio Salgado, representada inicialmente pelos romances *O Estrangeiro*, 1926, (cujo cinquentenário a "inteligência" brasileira deixou passar em brancas nuvens...) *O Esperado*, 1931, e *O Cavaleiro de Itararé*, 1932, os quais seriam seguidos, em 1933, por *A Voz do Oeste* e, depois, por *Trepandé*, este somente vindo a lume em 1972, embora, segundo o próprio autor, no que chamou "Informações", pertença 'àquela fase da literatura brasileira, cujo período máximo foi de 1926 a 1940.'

Como se verifica, foi o livro pensado e escrito ainda quando o autor encontrava vagares para a criatividade puramente estética, ainda não de todo empolgado pelo movimento doutrinário-político que faria surgir, antagonista do comunismo, ao tempo do longo consulado Vargas.

No caso desse romance, como nos anteriores, é nativista a mensagem, no que o autor considerou a existência de "um pensamento central, que vela pelas tradições da nossa Pátria e autenticidade do nosso povo, e um sentimento de compreensão e simpatia humanas pelas nossas populações abandonadas em tantos trechos do território nacional."

É assim, *A Voz do Oeste* integrante, com tintas bem singulares, de um quinteto ficcional de suma importância e de permanência assegurada no complexo já bem significativo da cinquentenária literatura moderna brasileira, se dá para admitir ainda o adjetivo.

Neste romance, que o autor, com muita propriedade, intitulou — "romance-poema da época das Bandeiras", o ficcionista divide, na concepção e realização da obra, o seu caminho: a

par da arte poética, que emprega no trato das coisas ligadas aos *brasis* de antes do advento do branco, a do historiador atento, lido no vasto documentário da sua paulicéia colonial, revelando o tráfego, nem sempre limpo, nem sempre digno, e em muitos casos aventureiro, de lusos e espanhóis, no trabalho da conquista das terras litorâneas, para a exaltação do mameluco em quem as qualidades mais pronunciadas são reveladoras do sangue e das tradições indígenas, esteriotipados no velho índio Antônio e em seu descendente mameluco, Martinho.

Poder-se-á dizer, sem receio de erro grave, que, em *A Voz do Oeste*, Plínio Salgado, leitor, como todo brasileiro de sua contemporaneidade, de Alencar, indianista por vocação, e estudioso da língua e dos hábitos dos tupis quis, e a nosso ver conseguiu, complementar, com seu poema histórico em prosa de 1933, a obra histórico-indianista do cearense, empreendida com *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*, prosseguida com *O Gaúcho* e *O Sertanejo*, na mestiçagem de Manoel Canho e Arnaldo, respectivamente.

E não vai mal, nesta oportunidade, citar trecho da *catilinária* com que foi, à época, recebido o Movimento Verde-Amarelo, seu, de Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e outros:

"...Os verdadeiros verdeamarelos daqui querem o gibão e a escravatura moral, a colonização do europeu arrogante e idiota e no meio disso o guarani de Alencar dançando valsa."

Essa reação do grupo radical e meio anárquico de Oswald de Andrade feria apenas superficialmente os moços que tinham, no tocante à sua concepção de arte em geral e em especial à literatura, "os pés fincados na terra", para usarmos a expressão do mestre português contemporâneo Adolfo Casais Monteiro.

Ao revolucionário *salonismo* do irrequieto autor do *Primeiro Caderno do Aluno de Poesia* O... não se comportava com a reformulação do que se pode denominar neo-indianismo, com que Raul Bopp, Plínio, Cassiano e o próprio Mário de Andrade tentavam e conseguiam realizar: uma literatura revolucionária nas idéias e na forma, nesta, uns com mais ou menos liberalidade ou exageros, todos porém pensando na perpetuação de um espí-

rito de autêntica brasilidade, que em nós, como povo, já estava perpetuado, desde a absorção, em apenas dois séculos, do branco invasor minoritário pelo silvícola dono do imenso território.

A Voz do Oeste é, assim, parte completiva, malgrado o lapso decorrido, da obra alencarina, e é a integração, pela revivência das Bandeiras, de todo o ocidente brasileiro, desde as primeiras *entradas*, simbolicamente firmadas no livro, em águas-fortes, numa como antecipação do que ora aí está, depois da construção de Brasília, que é o grande núcleo em que se estão refundindo, ao longo de duas décadas, os autênticos valores étnicos nacionais, na figura representativa do *candango*, tão perfeita e alegoricamente retratado por Vinicius de Moraes, no seu texto-poema para a *Sinfonia da Alvorada*, que realizou com música de Antônio Carlos Jobim:

"...foram chegando do Grande Norte, do Meio Norte e do Nordeste, em sua simples e áspera doçura; foram chegando em grandes levas do Grande Leste, da Zona da Mata, do Grande Oeste e do Grande Sul; foram chegando em sua mudez cheia de esperança, muitas vezes deixando para trás mulheres e filhos a aguardar suas promessas de melhores dias; foram chegando de tantos povoados, tantas cidades da imensa pátria, sobretudo do Norte; de tantas cidades cujos nomes pareciam cantar saudades aos seus ouvidos, dentro dos antigos ritmos da imensa pátria."

É a conquista, já programática, do oeste e do nordeste brasileiros, uma espécie de resposta ao que prognosticara Plínio Salgado quando, ainda em princípio deste século XX, da influência indiscutível da europeização até certo ponto apressada de nossos comportamentos individuais e coletivos, puramente sociais como administrativos e políticos, procurava reavivar, neste livro basilar da moderna literatura brasílica, que é *A Voz do Oeste*, os sentimentos de uma brasilidade que, antes de ser ideológica, é fruto espontâneo do amor à terra e ao povo, no que a terra e povo se constituem num corpo só — a Nacionalidade.

Dizendo, no pórtico de seu romance, cujo estilo é algo me-recedor, ele só, de aprofundado estudo, que "só a arte tem o

direito de criar a História", com o que lembra Homero dando História ao povo grego, na *Iliada* e na *Odisséia*, o autor da *Vida de Jesus*, a cada dia que passe, sobretudo depois que a morte acabou nele com a vulnerabilidade da triste e vária contingência humana material, mais e mais firmará seu nome como o de um escritor de centelha excepcional, voltado todo ele para a sua terra de berço.

Sem jamais ter caído nos cacoetes de Oswald de Andrade, com respeito à linguagem escrita, sem ter ido aos primeiros exageros radicais do impetuoso Mário de Andrade da não concretizada embora tantas vezes anunciada "Gramatiquinha do Falar Brasileiro", antes, comportando-se no poético da simplicidade coloquial, aqui e ali dosando seu discurso uma alta e jamais contundente simbologia, o autor, para crianças, de *Sete Noites de Joãozinho*, ao longo de seus livros de literatura propriamente ditos, foi um criador ao mesmo tempo que um observador de nossa história, evolução social, costumes, dramas e alegrias, num painel variegado e rico de substância autóctone de que *A Voz do Oeste* é, sem dúvida, o mais completo e indiscutivelmente antológico.

* OTACILIO DOS SANTOS COLARES (1918) — Nasceu em Fortaleza (CE) a 1.º de setembro. Bacharel em Direito. Jornalista. Professor da Universidade Federal do Ceará, membro da Academia Cearense de Letras e do Conselho Estadual de Cultura. Entre outros, tem publicado: *Os hóspedes*, *Poesias*, *Os saltadores de abismos*, *Lembrados e esquecidos* (crítica literária), *Crônicas de outra província*.

O presente trabalho foi escrito, por solicitação de Gumerindo Rocha Dorea, especialmente para a 5.ª edição de *A voz do oeste*, publicada em 1978 pela editora Voz do Oeste.

PARTE III

ENSAIOS

Adolfo Vasconcelos Noronha

A. Machado Paupério

Benedito Nunes Dias

Eurípedes Cardoso de Menezes

Fernando Whitaker da Cunha

Hélio Galvão

UM HOMEM COMO EXEMPLO

*Adolfo Vasconcelos Noronha **

Foi a argúcia genial de Plínio Salgado que vislumbrou esse novo campo de pesquisa científica, ao diagnosticar muito claramente a figura central da Sociopatologia.

De resto, não faltaria à seleta organizada pelo bom companheiro Rui de Arruda Camargo, as mais abalizadas análises da obra policrômica de Plínio Salgado. Mais raro, por certo, o enfoque das infâmias assacadas contra o Chefe do Integralismo e as distorções quanto à sua Doutrina e aos seus reais objetivos.

Jornalista, escritor, sociólogo, político, Plínio Salgado, desde a mocidade, encetou uma luta obstinada pela defesa das tradições pátrias, o culto pela língua portuguesa, o sentimento religioso nacional, a estrutura moral da família.

Falecido há alguns anos, desfeito seu movimento político há muitos, cremos que até seus veteranos adversários políticos, ainda vivos, já poderão esquecer velhos pré-conceitos, pré-juízos, pré-julgamentos, que aceitaram de cruz e sem maior exame no passado, e finalmente medir, pela primeira vez, o real valor da obra desse homem.

A REVOLTA DE MAIO

Um dos episódios históricos do Integralismo explorados pelos adversários políticos de Plínio Salgado foi a chamada "Revolta de Maio".

Não aceitando a Carta Constitucional de 1937, de caráter nazista, outorgada por Getúlio Vargas mediante um golpe de Estado; recusando, inclusive, participar desse Governo, que

lhe oferecera o Ministério da Educação, — o Chefe do Integralismo foi convidado por líderes da oposição, reconhecidamente liberais, para integrar um movimento contra-revolucionário, objetivando a reimplantação da democracia com base na Constituição de 1934, com pequenas alterações.

A iniciativa não era, pois, de Plínio Salgado. O chefe militar desse movimento era o General Castro Júnior; o seu chefe civil, Otávio Mangabeira, e o encarregado da parte financeira, Flores da Cunha.

Plínio Salgado estava em entendimentos com esses líderes quando, no Rio de Janeiro, em 11 de maio de 1938, alguns integralistas, que eram ferozmente perseguidos pela ditadura recém-implantada, juntamente com elementos de outras correntes políticas, dentre eles o Cel. Euclides Figueiredo, o Gal. Guedes da Fontoura e o ex-Tenente Severo Fournier, — precipitaram os acontecimentos, comprometendo o próprio movimento revolucionário anti-golpista que se estava articulando em plano nacional.

O líder do grupo integralista, dessa revolta, foi um médico, Dr. Belmiro Valverde, considerado "idealista, valente, mas exaltado", por isso mesmo conservado à margem dos entendimentos de cúpula.

A reposição da verdade histórica só pôde ser feita após a Guerra 1939/1945, com a restauração das liberdades democráticas, quando Plínio Salgado voltou do exílio.

O primeiro esclarecimento público ocorreu numa entrevista do Prof. Miguel Reale, aos "Diários Associados", em 1945, logo a seguir confirmada pelo General Castro Júnior, que declarou ao mesmo jornal: "É substancialmente verdadeira a afirmativa do sr. Miguel Reale de que o objetivo do movimento de maio seria a volta ao regime constitucional, sob a direção de uma junta militar, que seria, por desistência de camaradas certamente mais indicados, por mim presidida."

"Tratava-se de um movimento nacional estreme de intuítos partidários em que se aproveitava o concurso do Integralismo, à época ferozmente perseguido, como de outras correntes de opo-

sição, para levar a Nação ao campo da democracia, onde todos se poderiam entender, conforme nossas tradições seculares. O que deu aspecto integralista ao "putsch" de maio foi a precipitação da ala exaltada daquela corrente, no Rio, na suposição, provavelmente, de que já contava com forças suficientes para expulsar do Catete o intruso. A ação foi tão inopinada que nem os integralistas de São Paulo e de outras circunscrições tiveram tempo de se manifestar. Mais tarde, soube pelo próprio sr. Plínio Salgado que enviara ele um emisário de absoluta confiança para impedir a deflagração do movimento "sem ser de acordo comigo."

Assim mesmo, nesse episódio, um grupo de integralistas, comandados pelo Tenente Nascimento, logrou assenhorear-se do Palácio da Guanabara, onde Getúlio e sua família estiveram presos durante quatro horas. Nessa ocasião, o Tenente disse ao Presidente que os integralistas eram contrários à violência e nada devia temer, cumprindo-lhe aguardar o desfecho da "revolução".

Horas mais tarde, retomado o Palácio, alguns dos invasores, já então presos e desarmados, foram fuzilados naquela mesma noite, no jardim da residência presidencial, — em verdade, nove assassinatos.

ANTI-VIOLÊNCIA

Consubstanciando seu pensamento político na Filosofia Espiritualista; adaptando à realidade brasileira a Doutrina Social da Igreja (a autêntica); tendo como divisa a trilogia *Deus, Pátria e Família*, — Plínio Salgado sempre condenou a violência.

Curioso foi o depoimento de um deputado federal, — cujo nome omitiremos, por motivo compreensível. Disse-nos que, ainda estudante, acercou-se de Plínio Salgado para indagar se queria que ele matasse Getúlio Vargas... Explicou que seu pai tinha uma fazenda no interior do Estado de S. Paulo, vizinha à propriedade de um amigo do Presidente; que este cos-

tumava passar alguns dias na fazenda do vizinho; que Getúlio, nessas ocasiões, costumava conversar com o amigo sob um caramanchão, próximo à cerca divisória; que seu pai tinha uma boa espingarda e ele, boa pontaria; que, daquele ponto, numa ocasião dessas, não perderia o tiro...

E rememorava o deputado: "Quando ouvi a resposta de Plínio Salgado, não sabia onde meter a cara!..." Pondo as mãos à cabeça, o chefe integralista exclamou: — "Santo Deus! Que língua devo usar para fazer-me entender?! Escrevi dezenas de livros; publico artigos todas as semanas; tenho feito centenas de discursos, por todos os recantos do País! Sempre, sempre, combatendo a violência! Venho pregando insistentemente o respeito ao ser humano, aos valores morais, aos altos ideais da Pátria e da humanidade! E vem o senhor aqui, à minha presença, perguntar se eu concordo que mate um homem?!..."

Por fatos como esse, pode o leitor aferir o quanto é importante a filosofia dos que exercitam a política. Não faltam os desequilibrados, dentre eles os explosivos, onde se incluem os moços que sofrem da *psicose juvenil*, que tendem naturalmente para a violência e para a destruição. Quando um desequilibrado mental se torna líder, há fogo permanente para todas essas "bombas humanas"!

A QUESTÃO JUDAICA

Quando Gustavo Barroso aderiu à Ação Integralista Brasileira, pretendeu incluir em sua bandeira de luta a questão judaica.

A posição de Gustavo era diametralmente oposta à nazista, já por ser anti-racista, já por não pretender colocar o judeu como bode expiatório dos males do mundo...

Poderíamos sintetizar o pensamento desse escritor e historiador com uma imagem de que se utilizou: o Brasil estava bem simbolizado pelo Cristo Redentor, no alto do Corcovado, com seus braços abertos para a entrada da baía da Guanabara, como a acolher todos os homens, de todas as raças, para a

festiva miscigenação étnica nacional. Entretanto, dizia ele, somente o judeu se recusava a essa fraternização brasileira, enquistando-se e constituindo um verdadeiro Estado à parte, dentro do nosso Estado.

A solução por ele oferecida era, não a perseguição ao judeu, mas a repulsa pública ao "espírito judaico"...

Passaram-se alguns anos e, como Plínio Salgado, em momento algum, embarcou nessa canoa, Gustavo Barroso, a certa altura, resolveu obter dele uma resposta clara. O chefe integralista, nesse momento, disse-lhe francamente o que pensava: não lhe parecia justo generalizar essa tese. Além disso, a posição dele, Gustavo, ainda que refletisse o "espírito" da maioria dos judeus brasileiros (o que era sumamente improvável), não se prestaria a uma campanha de massa: o povo, de um modo geral, não saberia distinguir entre "lutar contra o tal espírito judaico" e hostilizar o próprio judeu, como criatura humana!... Acrescia que, longe de resolver o alegado impasse, a campanha de Gustavo corresponderia a um tiro pela culatra, agravando a situação, porque os judeus, quando se sentissem de algum modo hostilizados, mais se uniriam e se isolariam!

A partir daquele momento, embora continuassem bons amigos, Gustavo Barroso afastou-se discretamente do movimento. Mais sintomático e eloquente seja o fato de Gustavo ainda ter vivido cerca de vinte anos após esse episódio, e jamais ter tido a preocupação de reeditar qualquer das obras em que veiculava sua tese.

Outro fato relevante acontecera antes, já em 1935, nos alvares da Ação Integralista Brasileira. Um rabino procurou Plínio Salgado em sua residência: queria saber o que pensava ele sobre o judeu e o judaísmo. Esse encontro só mereceu maior atenção quando, pouco tempo depois, o "Times", de Londres, noticiou a visita desse mesmo rabino ao Brasil, acrescentando que ele retornara satisfeito por saber, do próprio chefe do Integralismo, que esse movimento nada tinha de anti-semita.

A verdade é que Plínio Salgado, expoente do pensamento laico do Catolicismo no Brasil (como tal, representante dessa

corrente no Conclave de San Sebastian, na Espanha, que debateu e fixou os *Direitos e Deveres do Homem*, segundo a Doutrina Cristã, como subsídio à ulterior declaração da O.N.U.), não podia esquecer que judeu era Jesus Cristo, José, Maria e quase todos os apóstolos. Sua admiração por esse povo manifestou-se muito cedo, quando, ainda moço, visitou a Palestina, de cuja viagem resultou o seu livro *Oriente*.

Daí, mais uma grosseira ação difamatória dos sociopatas amorais, engajados na ideologia, que lograram incutir, sobretudo entre os judeus, que o Integralismo reeditava o Nazismo e que Plínio Salgado era anti-semita... Em seus tenebrosos e inescrupulosos acessos, era explicável que omitissem até mesmo a verdadeira posição de Gustavo Barroso.

Dentre várias manifestações impressas, escolhemos uma, consignada em *Trechos de uma Carta*, publicada na revista "Panorama", n.º 4, abril-maio de 1936, em que Plínio faz esta afirmação cristalina: "Não sustentamos preconceitos de raça; pelo contrário, afirmamos ser o povo brasileiro tão superior como quaisquer outros. Em relação ao judeu, não nutrimos contra essa raça nenhuma prevenção. Tanto que desejamos vê-la em pé de igualdade com as demais raças, isto é, misturando-se, pelo casamento, com os cristãos."

Vários judeus, amigos nossos, casaram-se com brasileiras cristãs. E outros, que se casaram com judias, frequentadores da Sinagoga, acham-se perfeitamente integrados na sociedade brasileira e vibram com os problemas desta Nação como bons patriotas.

Talvez fosse desnecessário acrescentar que o judeu, embora seja o *povo eleito*, não está livre de sua quota negativa, de 1% de lesionados, como qualquer outro povo. O que muitas vezes perguntamos a nós mesmos é se as perseguições ao judeu não teriam sido fruto das generalizações acusatórias, sempre injustas e perigosas, onde se atribuem à maioria os descabridos mentais e comportamentais de uma minoria insignificante de psicopatas e sociopatas...

A MÍSTICA

Para a dinamização dos movimentos de massa, nada mais eficiente do que a mística. Entretanto, arma de dois gumes, ela tanto pode funcionar para o bem como para o mal, para as grandes obras e para as grandes ruínas.

Quem quiser um exemplo simples da força-mística, atente para a "torcida" dos clubes de futebol, verdadeiras falanges fanatizadas, por vezes agressivas, cujo comportamento obedece à Psicologia das Multidões. E há outras modalidades frequentes, a exemplo de certos sectarismos religiosos.

O Fascismo e o Nazismo também adotaram a mística, a fim de congregar e dinamizar seus sectários, cuja força se fez sentir além das fronteiras italianas e alemãs. Em S. Paulo, instalou-se o "Doppo Lavoro", onde se procedia à doutrinação dos filhos de italianos, no culto da "origem superior" da cultura milenar de Roma, com manifesto desprezo pelas "sub-raças" miscigenadas... Em Santa Catarina, entre Joinville e Blumenau, a mística nazista fez proesas: todas as escolas ensinavam em alemão, cultuavam-se as datas históricas daquele país, com sua bandeira impunemente desfraldada em solo brasileiro.

Foi ante esse quadro que Plínio recorreu à mística, pondo na camisa o verde da bandeira nacional e sacramentando o "anauê", que era o cumprimento indígena. Em verdade, ele recorria à *anti-mística*, objetivando neutralizar a força de místicas alienígenas e reintegrar conscientemente na nacionalidade brasileira essa juventude.

Um prestigioso chefe militar, que não era integralista, declarou que esse mérito ninguém poderia negar àquele movimento: realizara uma portentosa obra nacionalizadora, especialmente no Sul do País, em apenas cinco anos, que o Exército não conseguira em meio século!

Era natural, pois, que Plínio Salgado fosse duramente combatido pelos nazistas e pelos fascistas, como também era natural que o fosse pelos comunistas.

SUA OBRA

O Integralismo já não existe, como movimento político, — mais precisamente desde 1937, quando foi dissolvido, juntamente com os demais partidos políticos. Além disso, Plínio Salgado já se despediu do mundo dos vivos, razão pela qual não nos pode mover, a nós e a ninguém, outros motivos que não a mera reposição da verdade histórica e a prestação da justiça que lhe é devida, ainda que “post mortem”.

Sua filosofia de vida e seu programa de ação política inspiravam-se na corrente tradicionalista e na Doutrina Social da Igreja. Dificilmente se encontrará, na obra de um só homem, repositório maior de críticas ao Socialismo Marxista.

Nesse monumental esforço, onde ao mais alto valor doutrinário se junta o mais apurado estilo, não faltou o rasgo do gênio, ao pressentir que estava demolindo a faina inglória de mentes anormais, de sofistas patológicos, tal como vislumbrou, mais recentemente, o gênio de Solzhenitsyn.

Nas *Obras Completas*, vol. 15, pg. 213, em *Mensagem às Pedras do Deserto*, diz Plínio Salgado que “a Rússia, transformada em inferno dos demônios vermelhos, continuará bárbara e selvagem, oferecendo o espetáculo das matanças sucessivas e pretendendo implantar no mundo o regime da atrocidade e do sangue”. *Positivamente: os intelectuais que ainda são pela Rússia Soviética não podem ser homens normais. O caso pertence ao campo da psico-patologia e deve ser entregue a médicos especialistas.*

Nessa mesma obra, Plínio denuncia as infiltrações, primeiramente nas igrejas protestantes norte-americanas, depois ensaiando as primeiras investidas na Igreja Católica; aí também se reporta a Alger Hiss, “arquiteto do acordo de Yalta, pelo qual Roosevelt entregou à Rússia metade do mundo”, — posteriormente condenado a vinte anos de prisão, como agente soviético (pgs. 244 e 253).

Ainda nas *Obras Completas*, vol. 6, pg. 307, “in” *Reis dos Reis*, referindo-se ao Nazismo: “Não é o messianismo racista,

trabalhando pelo advento do Messias-Raça, tipo supereugênico anunciado como dominador do mundo desde os mistérios insondáveis do plasma germinativo”.

No mesmo volume, “in” *Primeiro, Cristo!*, Plínio Salgado desabafa: “Assim como, hoje, todos os que insurgem contra o comunismo e o materialismo são tidos por fascistas e nazistas, também naquele tempo” (referia-se à mentalidade agnóstica das correntes em voga no Século XIX), “todos os que proclamavam os direitos do espírito em contraposição à predominância das exclusivas preocupações materiais, eram acusados de tacanhos, rotineiros, beatos e supersticiosos” (pg. 223).

Idem, à pg. 230: “Não foi a exaltação nazista da força que preparou o mundo para a catástrofe?! E, então, como fundar no arbítrio dos fisicamente apetrechados a definição dos direitos e a aplicação da justiça?!”

Hitler, protótipo do sociopata pseudo-moralista, era muito menos sanguinário do que os chefes das senzalas socialistas (sociopatas amorais investidos de poder), conquanto se auto-denominasse *socialista* (*Nacional Socialismo Germânico*). Mussolini, por sua vez, era muito menos virulento do que Hitler (mais afeito a ministrar óleo de rícino aos seus adversários, do que a matá-los), conquanto fosse egresso das hostes socialistas.

O signatário do Tratado de Latrão era, senão um materialista, ao menos um agnóstico, relativista, casuístico, que ignorava o Direito Natural e não aceitava parâmetros de ação. Em sua filosofia de vida se escancara a justificação do arbítrio, como a lastrear os fluxos e refluxos caprichosos do *duce*.

Nenhum líder espiritualista, sobretudo católico, ficaria indiferente à confissão que Mussolini fez sob o título “Navigare necesse”, publicada no *Popolo d'Italia*, a 1.º de janeiro de 1922, bem como em “Diuturna”, pg. 223, e que aparece nas citações do livro “Doutrina do Fascismo”, pg. 49/50 (*Vallecchi Editore Firenze*): “A nossa batalha é mais ingrata, porém mais bela, porque nos obriga a contar somente com as nossas forças. Estrçalhamos todas as verdades reveladas, cuspimos sobre todos os dogmas, repelimos todos os paraísos, zombamos de todos os

charlatães, — brancos, vermelhos, pretos, — que põem à venda as drogas milagrosas destinadas a dar a “felicidade” ao gênero humano. Não acreditamos nos programas, nos esquemas, nos santos, nos apóstolos; não acreditamos principalmente na felicidade, na salvação, na terra prometida. Não acreditamos numa salvação única, — quer econômica, quer política, quer moral, — numa solução linear dos problemas da vida, porque, — ó ilustres cantores de sacristia, — a vida não é linear e não conseguireis encerrá-la num setor fechado, entre as necessidades primordiais.”

A propósito do seu sistema corporativo, Mussolini sentenciava que “na órbita do Estado organizador, o fascismo quer que sejam reconhecidas” (as classes sociais), “fazendo-as valer no sistema corporativo dos interesses conciliados na unidade do Estado” (op. cit. pg. 13). Assim, as corporações fascistas eram instrumentos do Estado absolutista (mais precisamente, do arbítrio do ditador), funcionando de cima para baixo, como suportes do controle oficial das classes sociais, notadamente as obreiras.

O programa oficial do Integralismo preconizava um corporativismo com sentido precisamente inverso, com estrutura similar à das corporações medievais em seu apogeu, funcionando de baixo para cima, como base da própria constituição do poder político. Era o que se denominava *democracia orgânica* ou, com mais propriedade, *democracia institucional*.

Plínio Salgado alimentava um sonho, um grande sonho, propondo uma estrutura fundada nos grupos naturais da sociedade, como a família e os núcleos profissionais, onde o idealismo e o espírito associativo de cada brasileiro confluíssem num esforço comum, pelo desenvolvimento do Município, do Estado e da União.

A última coisa que desejamos dizer sobre esse homem tão perseguido e difamado, é que se o leitor estiver preocupado com a formação espiritual e moral do seu filho, dê-lhe uma obra de Plínio Salgado. São muitas, mas apanhe uma delas, ao acaso. Todas exibem o vernáculo castiço e o estilo primoroso,

que fazem do autor de a *Vida de Jesus* um astro de primeira grandeza na constelação dos clássicos da Literatura Luso-Brasileira; e todas elas guardam mensagens imorredouras, que edificam Homens!

Bastaria isto, para o consagrar “ad perpetuum”, especialmente numa época em que os sociopatas amorais, engajados na ideologia e aboletados nas cátedras universitárias visam à produção, em massa, de ratos e de monstros.

PLÍNIO E A IDEOLOGIA

A propósito, é oportuno invocar certas reflexões desse homem sobre o Marxismo (in *A Quarta Humanidade*).

“O coletivismo comunista deforma o indivíduo e cria a massa em que este deve desaparecer. Ao passo que Nietzsche arranca o homem de seu plano natural, para projetá-lo na expressão dominadora do “Super Homem”, e enquanto o poeta Leopardi (que será como Musset, Heine e Byron, seu grande teorizador em Schopenhauer), arrasta a criatura humana de seu nível, para rolar com ela para os abismos do niilismo, da anarquia e do tédio, Karl Marx idealiza a Super-Coletividade, tomando o instinto, o sangue, a carne e o espírito de todos os componentes da Massa, para fixar o tipo uniforme do *homem medíocre* e plasmar nessa argila, em que se confundem os contornos do Dominador Apolíneo e do Quasímodo Misanthropo, o monstruoso Ente-Plural, agindo segundo os impulsos desenfreados dos sentidos animais. O homem que se hipertrofia em Nietzsche e se amesquinha em Schopenhauer, desaparece na concepção de Marx.”

Adiante, mostra o quanto o individualismo agnóstico é socialmente corresponsável pelas agitações e injustiças do mundo hodierno, na medida em que se desvincula dos valores sociais e éticos, cultuando o próprio materialismo, já na versão pragmática, do que se aproveitam os comunistas, “cuja luta Sorel sistematiza em suas *Reflexões sobre a Violência*, que se tornou a bíblia dos agitadores de massa.”

Enfocando as contradições de Marx, diz que “a doutrina do materialismo histórico se baseia no pressuposto da *idéia da negação da própria idéia*. Tem, por tanto, origem idealista. Afastando-se do apriorismo dogmático, vai cair, por sua vez, no apriorismo científico, logo transformado em novo dogma.

“Foi Marx, aceitando a dialética e rejeitando a idéia, que pretendeu uma filosofia de pernas para o ar.”

“O Marxismo é, não somente, unilateral na consideração do mundo, do homem e da sociedade, que ele visiona do ponto de vista do desenvolvimento das formas materiais, mas é, sobretudo, contraditório, porque a negação não passa, em última análise, da própria afirmação. O conceito de prevalência da matéria sobre a idéia representa, ele mesmo, a expressão da primordialidade de uma idéia: a idéia da negação.”

Plínio Salgado, por ter autopsiado, com todo o rigor da Lógica, o complexo incongruente da ideologia, foi um dos poucos intelectuais que, ao menos de modo explícito, chegou a suspeitar da anormalidade dos indivíduos que ali perfilam. Isto já era mais do que suficiente para que os sociopatas esquerdistas não o perdoassem, nem depois de morto, abusando da falta de escrúpulos, — mesmo porque este é um termo que lhes faz qualquer sentido.

* ADOLFO VASCONCELOS NORONHA (1922) — Nasceu em Olímpia (SP) a 5 de setembro. Bacharel em Direito, Ciências Sociais e Filosofia. Fundador das Faculdades Integradas de Guarulhos e Diretor da Faculdade de Direito; Presidente da Sociedade de Ensino Superior Mozartéum e Diretor da Radiodifusora Universitária de Guarulhos. Professor efetivo no Magistério Secundário Oficial do Estado e no Ensino Superior. Foi vereador e presidente da Câmara Municipal de Guarulhos. É membro da Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo. Publicou, entre outros: *O sonho da mariposa* (O romance da Sociologia Política), *O Cooperativismo* — embasamento sócio-filosófico, *Os bóias-frias*, *O Sociopata*.

O CARÁTER ANTITOTALITÁRIO DO INTEGRALISMO

A. Machado Paupério *

O melhor depoimento que poderíamos dar sobre a filosofia do movimento político desfraldado por Plínio Salgado é o que se constitui pelo que escrevemos na época (1936) em nosso livro de estréia, *Introdução ao Integralismo*, da Record Editora, aprovado pela Secretaria Nacional de Doutrina, da qual era titular Miguel Reale.

Já lá vão seguramente quarenta anos mas, apesar da nossa mocidade e da nossa inexperiência cultural de então, poderíamos ainda hoje subscrever, sem quaisquer modificações, o teor antitotalitário que ali deixamos bem claro, às páginas 173/182:

“O fascismo apresenta uma tendência imanente ao estatismo ou ao que Pio XI chamou *estatolatria*.

Reagindo contra o Estado liberal impotente, caiu o Fásccio no exagero que deveria ter evitado: tornou-se *totalitário*.

“Nada fora do fascismo” — “Tudo dentro do Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado” é a afirmação categórica de Mussolini.

A concepção do Fásccio parece ter feito do Estado um verdadeiro *tabu*, um verdadeiro *absoluto*.

Rocco, o próprio ministro da Justiça da Itália, não esconde esse espírito de absorção estatista do regime quando faz a apologia da absorção do indivíduo pela sociedade.

“Os velhos sistemas, diz ele, ignoravam que os indivíduos tomados isoladamente têm um valor quase nulo, apesar disto ser uma realidade na vida social” e noutro ponto: “a sociedade

deve ser considerada na continuidade da sua existência que ultrapassa a dos indivíduos, elementos transitórios. Ao predomínio do indivíduo sobre a sociedade, substituiu-se o predomínio da sociedade sobre o indivíduo”.

Por certo negamos a concepção de Rocco. Se rejeitamos o predomínio do indivíduo sobre a sociedade, também rejeitamos o predomínio da sociedade sobre o indivíduo. O absolutismo social parece-nos tão perigoso quanto o absolutismo individual. A sociedade, à luz de uma concepção integral, não é um fim em si mas um *meio* pelo qual o indivíduo deve atingir a plenitude. A sociedade não pode, portanto, absorver o indivíduo: deve-lhe mesmo respeitar os direitos inerentes à sua qualidade de pessoa humana. No homem distinguimos o *indivíduo* e a *pessoa*. Como indivíduo, isto é, como átomo do organismo social, deve o homem subordinar-se à sociedade, sacrificando mesmo o seu bem individual ao bem superior da coletividade. Como pessoa, porém, isto é, como realidade espiritual individuada e distinta, é o homem dotado de direitos imprescritíveis e inalienáveis que devem ser, por certo, respeitados pelo Estado. *O Estado cristão deve ser até, como diz Maritain, tão fundamentalmente antiindividualista quanto fundamentalmente personalista.*

Só assim livrar-se-á ele do individualismo liberal e do estatismo totalitário, absorvente da personalidade.

O fascismo, tirando, por exemplo, da família a faculdade da educação dos filhos e tolhendo a liberdade de associação religiosa, como aconteceu por ocasião do fechamento das associações católicas da juventude, mostra-nos à evidência o caráter absorvente do Estado italiano que devemos a todo transe combater. Esse caráter, que se tornou um verdadeiro endeusamento do Estado, fez do fascismo uma verdadeira religião. Não somos nós que o afirmamos. É o próprio Gentizou, num dos seus notáveis telegramas ao “Temps”:

“Com o fascismo, nasceu na Itália uma nova religião. Na verdade, nada tem de eclesiástica. É até uma religião civil, pode dizer-se, mas que não deixa, por isso, de ter um culto completo. A divindade é a Pátria, não aquela que os teólogos constante-

mente têm colocado no céu, a Pátria celeste, mas a terrena e transitória do homem. A veneração que lhe manifestam comporta uma completa terminologia sagrada. Lede os jornais fascistas, em todas as páginas aparecem as expressões: Itália santa, Itália divina. Os mortos pela Pátria ou na Revolução dos Camisas negras são os mártires dum ideal de que eram os apóstolos. Em sua homenagem erguem-se altares, acendem-se chamas votivas, celebram-se ritos etc. Fala-se dos lugares santos da Pátria e os novos obedecem a decálogos e a credos que, bem entendido, nada têm que ver com os dez mandamentos da Lei de Deus. Essa curiosa transferência do estilo litúrgico para o campo profano dos sentimentos, dos fatos e dos acontecimento de caráter civil chega a ter efeitos ainda mais singulares. Um dia é uma revista encarregada de espalhar pelo mundo a idéia italiana, que intitula um dos seus artigos de *propaganda fide*. Noutra ocasião é um jornal de província que qualifica o Duce de *nosso deus*, o deus duma magnífica fé que tem os seus mártires, os seus confesores e os seus heróis”.

O fascismo tornou-se, assim, uma verdadeira religião, *em tudo digna do naturalismo do século.*

Um dos lugares-tenentes do Duce, Bottai, ministro das Corporações, dizia-o ainda recentemente:

“Assim como um católico não discute os dogmas da sua fé, também nós não discutimos os dogmas do nosso credo fascista”.

Aliás, *Mussolini tem sempre razão*, já o dizia um dos mandamentos do miliciano fascista.

Fetichismo intolerante e intolerável, talvez necessário para uma nova divinização do Estado, à maneira do antigo império romano.

Aliás, parece que a alma imperialista da Roma dos Césares refloresce novamente no espírito da Itália Nova. A águia romana não morreu. Parece mesmo perdurar através da orientação criminosamente guerreira que a Península vem dando à educação de seus filhos.

Já o próprio Mussolini, em discurso pronunciado em 25 de maio de 1929, ousava dizer: "Não podemos renunciar a essa educação a que daremos, finalmente, o verdadeiro nome pois nos repugna a hipocrisia: a *educação guerreira*, a palavra não nos deve assustar".

Até a apologia da guerra parece fazer-se. Pelo menos, num discurso dirigido aos novos, já dizia o ministro da Instrução Pública, em 25 de março de 1928:

"Ah! como será bela a *guerra* que vós fareis, a guerra na qual sentireis dentro de vós e atrás de vós toda a Itália unida, que vos ajudará, vos acompanhará e vos beijará a frente, em recompensa da vossa vitória!"

Em lugar da concórdia e da confraternização, chega-se a elogiar o próprio ódio. Assim, falando aos estudantes da Universidade de Pádua, diz-lhes o professor Bodrero, vice-presidente da Câmara dos Deputados e antigo vice-ministro da Instrução Pública: "Há uma virtude que deve ser o vosso estimulante, que deve ser a chama da vossa juventude e essa virtude chama-se *ódio*".

Evidentemente não podemos bater palmas a essa culposa orientação com que se prepara a geração italiana de amanhã.

A própria infância foi militarizada. A organização dos Balilas constitui, por assim dizer, uma organização pré-militar. Desde cedo adentra-se, assim, a criança no manejo das armas de que recebe até exemplares artificiais. *O gênio guerreiro parece invadir a Itália Nova*.

De modo nenhum justificamos "esse espírito que prepara as crianças para a conquista e forma os conquistadores", espírito censurado pelo próprio Papa em discurso público de 14 de maio de 1929.

O século XX já não comporta o espírito belicoso das primeiras civilizações. Sob o influxo do Cristianismo, pugnamos por uma educação mais racional, mais pacífica e sobretudo mais humana.

Nesse ponto-de-vista, coloca-se o Integralismo, dentro de sua concepção orgânica e espiritualista da vida.

A crítica que fizemos ao Estado fascista, estendemos ao Estado nazista, cujo espírito totalitário se denota ainda de modo muito mais intenso e revoltante.

Ao totalitarismo de Hitler acresce, porém, ainda, na Nova Alemanha, a política racista, *de fundo profundamente materialista e anticristão*.

Baseado numa pretensa superioridade do ariano, proclama a pelas teorias, hoje caducas, de Chamberlain e Gobineau, desencadeou o nazismo a luta racial, movendo contra todos os não arianos a mais acentuada e ignóbil campanha.

O racismo apoia-se, sem dúvida, em teorias passadistas e unilaterais. Hoje reconhece a ciência moderna que não é a raça o único fator concorrente da superioridade de um povo. Inúmeros outros fatores (e entre eles o geográfico, o histórico, o econômico, o educacional, o religioso etc.) concorrem, além do índice étnico, para essa superioridade.

Nós, graças a Deus, não temos preconceitos de raça. À luz da comunhão cristã, não distinguimos pigmentos nem caracteres cranianos.

Somos mesmo o produto do caldeamento de três raças (branca, negra e indígena) que se fundiram e que permanecem ainda em continuada evolução. Não temos ainda um *tipo brasileiro*. Além disso, povo novo, não podemos dispensar o concurso imigratório. Mister é povoarmos-nos, se queremos a nossa vida e a nossa grandeza.

Por tudo isso, e principalmente pelo ideal cristão que nos anima, jamais fizemos campanha racista. À diferença étnica opomos a igualdade espiritual de todos os homens.

Branco e negro, caboclos e mamelucos, jagunços e caudilhos, todos são brasileiros, capazes de cooperar com a sua parcela de esforço, de coragem e de dedicação na obra de reconstrução da Pátria.

Se o índice étnico os separa, o espírito os irmana.

Dentro do nosso caráter cristão não há lugar para antagonismos e preconceitos raciais. Esse caráter que se revela a cada

passo na concepção do Integralismo é o grande motivo de sua superioridade e de sua vitória.

Quando morrer a civilização da velha Europa e se realizar o sonho de Keiserling, através da grandeza da Nova América, será esse caráter para o mundo o despertar de novas energias, sob o influxo das quais talvez se abrande o paganismo hodierno dos povos decrépitos. Pois, como diz Plínio, "enquanto os demais povos se movimentam no sentido do Estado Forte, nós vamos mais longe, porque desejamos o Estado Integral, que contém todas as forças e representa o equilíbrio perfeito.

O Estado Forte é a transição para o Estado Integral. Um dia, a Europa virá aprender com o Brasil.

Do Continente Sul-Americano sairá a palavra de ordem. Essa palavra é a mesma que está realizando o maior movimento do mundo atual, como extensão geográfica, e o mais profundo, como significação cultural e espiritual.

No limiar do século XX, alvorece a Civilização Atlântica. É a voz da América pela voz da Pátria Brasileira".

* ARTHUR MACHADO PAUPÉRIO (1914) — Nasceu no Rio de Janeiro (RJ) a 15 de julho. Bacharel em Direito, Professor Catedrático e Rio de Janeiro. Foi membro da Comissão Nacional de Moral e Civismo. Foi Chefe da Assessoria Jurídica do Departamento Nacional do Trabalho. É membro efetivo do Instituto dos Advogados Brasileiros, da Academia Carioca de Letras, da Société Internationale de Droit du Travail et de la Sécurité Sociale, da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra e de inúmeras entidades culturais. Entre outras, tem as seguintes obras publicadas: *Teoria Geral do Estado* (em diversas edições), *Presidencialismo, Parlamentarismo e Governo Colegial, O município e seu regime jurídico no Brasil* (prêmio Pandiá Calógeras), *O direito político de resistência, Teoria do Estado Democrático, Introdução à ciência do Direito, Fundamentos, diretrizes e imperativos da Educação Moral e Cívica*, sem esquecermos de citar *Introdução ao Integralismo*, em 1936.

PLÍNIO E A JUVENTUDE

Benedito Nunes Dias *

Foi na década de 30, depois da Revolução Constitucionalista, que ouvi, pela primeira vez, o escritor Plínio Salgado expor suas idéias. Ocorreu em Campinas, num sábado, no antigo Teatro Municipal, que esteve repleto pela elite intelectual da época.

O conferencista revolveu a História do Brasil, analisou seus fatos mais importantes, interpretou-os sob aspecto da Sociologia Política e estabeleceu liames da sua marcha no tempo, arancando, daí, seu pensamento nacionalista e cristão e o apontou como caminho seguro para despertar a consciência nacional e estabelecer novo conceito de Estado, calcado na realidade histórico-cultural brasileira.

Plínio, naquela noite, foi notável: suas idéias, transformadas em frases, eram tão espontâneas e autênticas, que pareciam ser o próprio Brasil metamorfoseado naquele corpo franzino e falando pela sua boca. Tais idéias tinham aparência de novas, porque estavam sendo reveladas, por ele, pela primeira vez, mas, na realidade, eram bem antigas, porque dormiam na consciência de todos.

Lembro-me de que a peroração daquela monumental conferência foi sobre a ópera "Lo Schiavo" do campineiro Carlos Gomes. Ao terminar sua exposição o teatro explodiu em aplausos e houve muita alegria entre os presentes, porque tudo indicava, naquela noite de cultura e civismo, que o Brasil iria tomar rumo novo nos seus destinos. Plínio tornara-se, para a juventude de então, verdadeira bússola a apontar a direção a ser seguida naqueles tempos incertos em que vivíamos. Foi uma noite de brasilidade e civismo.

Ao fim da inesquecível conferência, ouviam-se os mais diferentes comentários, todos favoráveis à sua pregação nacionalista e cristã. Das muitas opiniões expendidas, uma perdura em meu subconsciente: disse inteligente universitário, que, até aquele instante, o Brasil dava idéia de imenso País, onde tudo estava amontoado, em disponibilidade, mas daquela noite em diante, iríamos ter um amálgama, porque havíamos encontrado motivo para nossa união.

Data daí o primeiro elo de inúmeros contatos que Plínio fizera com o povo campineiro que, naquela época, já era o mais progressista de todo o interior do Estado. Todos quantos estiveram no famoso Teatro Municipal naquela noite memorável, passaram a acreditar no Brasil e na capacidade de trabalho dos brasileiros. A aceitação da pregação cívica de Plínio era uma prova de que a Nação iria se apoiar num ideal nacionalista e cristão de Democracia Representativa.

Ginasiano ainda, despertava eu para os problemas nacionais, que, ao mesmo tempo já eram numerosos, e que me pareciam, até então, insolúveis. De tal maneira eram postos tais assuntos pelos homens públicos daquela quadra de tempo, que a minha compreensão de adolescente era a de que, os problemas políticos, econômicos e sociais eram assim mesmo, por natureza complicados e sem solução. Aceitava-se, gratuitamente, a afirmação de que o Brasil era um País fadado ao malogro, ao atraso, ao analfabetismo, à ignorância, à miséria. Soprava de todos os lados forte e desolador fatalismo político. Afirmava-se que o povo brasileiro era indolente e que não aproveitaria jamais o solo exuberante do País e suas riquezas naturais. Difundiu-se até uma frase, cheia de pessimismo, que era insistentemente repetida pelos incautos e que era verdadeira sentença de morte para a nossa Pátria e que dizia: "O Brasil é um deserto de homens e idéias".

Respirava-se, pois, atmosfera de desânimo, verdadeiro marasmo deprimente, que parecia ter sido longa e criminosamente preparado, para reduzir a sociedade brasileira a simples expressões, em proveito, evidentemente, de poderosos interessados do estrangeiro. Toda iniciativa em nosso benefício era logo levada ao ridículo e à pilhéria. Até as piadas eram em detrimento de

nosso povo. Preparou-se pelos de lá, com a cumplicidade ingênua dos de cá, a disponibilidade psicológica e mental da nossa gente ao domínio externo. Desconhecia-se até na faixa populacional mais esclarecida, a sentença euclidiana (que estamos condenados à civilização!), inserida, pateticamente na grande obra sobre o Brasil, que são *Os Sertões*. Repetia-se, sem nenhuma base na realidade, que referido livro era difícil de ser lido e compreendido, quando ocorria exatamente o contrário: verdadeira obra de arte, sua compreensão e entendimento são transmitidos não só pela inteligência e sensibilidade de quem lê, mas também pela beleza e sonoridade da forma com que foi escrito. A comunicação da realidade das coisas feita pela arte, em todos os países em todas as épocas, se expressa, não há dúvida, pela universal linguagem que a arte, por si mesma transmite. A obra de Euclides não poderia escapar a essa regra.

Quando tudo parecia perdido, surgiu no cenário político-literário valoroso brasileiro que foi Plínio Salgado. Natural da Região do Vale, moço ainda, cheio de vida, palavra fácil, grande cultura, Plínio era por si mesmo categórico desmentido ao que se propalava na época: havia homens e havia idéias no Brasil! Inundou o País de manifestos, pronunciamentos, programas, livros, revistas e jornais, todos orientados na doutrina nacionalista e cristã que pregava.

Como exemplo, basta citar a bela atitude que tivera, com os revolucionários outubristas, atitude essa nem sempre compreendida pelos seus coevos. Explica-se: como a Revolução de 30 não trouxe idéias para a reformulação da vida nacional e como havia necessidade de dizer algo novo ao País e consubstanciar as conquistas revolucionárias em normas jurídicas, foi o paulista Plínio Salgado quem ofereceu aos revoltosos do Sul um manifesto — o da Legião Revolucionária — como suporte doutrinário para a implantação da mudança que se pretendia fazer, após o desmoronamento da chamada República Velha.

A verdade é que Plínio impressionava pelo vasto conhecimento que tinha adquirido, por esforço próprio, de História e de Geografia, de Ciência e de Religião, de Filosofia e de Arte, de Sociologia e de Política. Era verdadeira "enciclopédia ambulante" e ninguém mais duvidava ser ele o maior exemplo de

autodidata que se conhecia no País. Demonstrava ter opinião própria de tudo. Acreditava no Brasil e nos brasileiros e se impôs como o maior e mais dinâmico portador de idéias da época. Fez escola, e deixou discípulos.

Antes, em 22, Plínio havia sido um dos êmulos da "Semana de Arte Moderna". Naquele ano do 1.º centenário da Independência notava-se que alguma coisa nova estava surgindo no Brasil, que se expressava na arte e que nos insinuava, desde logo, que iríamos ter motivação brasileira para as nossas expressões artísticas. Era a consciência nacional que despontava, mais nítida, mais firme, querendo impor personalidade à Nação. Plínio viveu intensamente esse momento histórico, quando a Música se tornou mais brasileira, a Pintura hauriu novo alento, a Escultura revelou-se em formas diferentes e a Literatura surgiu voltada para a nossa terra e a nossa gente, refletindo a nossa maneira de ser, nesse empolgante diálogo do homem com a terra e o meio ambiente. Não se pode esquecer um pensamento de Plínio, a respeito do assunto e que está num dos seus livros: "Toda mudança político-social profunda tem seus primeiros sintomas nas expressões artísticas". Aquela "Semana" estava a indicar que muita coisa nova evoluía para adquirir forma concreta no terreno político-social.

Nesse seguimento de atividades tão úteis, Plínio organizou e dirigiu a primeira sociedade, que tinha por objetivo estudar os problemas brasileiros, num sentido sistemático e amplo. Era a Sociedade de Estudos Políticos, conhecida pela sigla de SEP. Durou pouco tempo essa instituição, porque Plínio se serviu dela para lançar o maior movimento cívico-político do País, que foi a AIB.

Nessa altura de uma vida tão útil e tão laboriosa, Plínio atingiu a maior fase de sua produção intelectual editando livros e artigos doutrinários, todos vasados nos princípios de brasilidade e cristianismo. Foi considerado o maior doutrinador da época, no bom sentido, não só no Brasil, como em Portugal, país em que esteve exilado por quase oito anos.

A obra política de Plínio Salgado é de grande utilidade para a Nação, porque despertou na juventude brasileira, o gosto pela

Sociologia e pela Política, pelas Tradições e pela História, tendo conseguido inocular na nossa sociedade imunidade contra as doutrinas extremistas, que sempre nos ameaçaram de morte, se um dia conseguissem sair vitoriosas.

Plínio pregou com grande ardor e convicção, o civismo democrático, a integração nacional, o desenvolvimento harmônico do País e o culto dos heróis nacionais.

Na Política, Plínio foi o primeiro doutrinador brasileiro a estudar, com amor e sinceridade, a realidade brasileira e a oferecer um modelo político para o Brasil. Nesse sentido ninguém lhe tira a originalidade da iniciativa.

Na literatura teve a primazia de lançar o célebre livro — *O Estrangeiro* — como o primeiro romance social escrito em prosa modernista. Neste livro focalizou a vida interiorana do País, principalmente a rural, constando a ascensão do colono na vida social das cidades, registrando o aparecimento dos funcionários públicos, percebendo a formação das classes liberais, notando o nomadismo do caboclo, que mais se aprofundava no sertão aos primeiros toques da civilização, o surgimento dos primeiros vagidos nacionalistas e a nota negativa de alheamento dos intelectuais pelos problemas políticos. O livro *O Estrangeiro*, publicado em 1926, foi considerado e com justa razão, como o melhor romance social do ano, por críticos da estirpe de Monteiro Lobato, Jackson de Figueirero, Rodrigues de Abreu, Oliveira Vianna, Agrippino Grieco, etc.

Ninguém nega a Plínio Salgado seu grande amor ao Brasil, demonstrado em todas as suas obras e escritos, durante toda a vida. Foi um amor sincero, desinteressado e autêntico. Em alguns livros, esse apego à terra e gente brasileiras extravasa-se tanto, que assume aspecto ingênuo e lírico, como, por exemplo, em *Geografia Sentimental*.

Plínio é reconhecido como um dos primeiros homens públicos a tratar, em profundidade, dos problemas municipais, que se apresentavam angustiantes nos primeiros decênios da República. É que o município, que deveria ser dotado pelo legislador constituinte de 91 de recursos financeiros que possibi-

litassem realmente sua independência, não o foi e, por isso mesmo, não se desenvolveu como deveria ter desenvolvido. Plínio percebeu essa falha gritante. Nesse período (1918) ele fundou no Vale, com Gama Rodrigues, o Partido Municipalista, que alcançou grande prestígio em toda a região, para reabilitar o município. Nunca mais se esqueceu do município em seus estudos, pronunciamentos, conferências e livros, colocando-o, no seu verdadeiro lugar no contexto sócio-político nacional. Foi considerado "municipalista número um".

Plínio liderou a mocidade da época, empolgando-a, culturalmente, com estudos de Sociologia e de História, de Política e de Doutrina Cristã. Livrou-se das teorias extremistas que grassavam na velha Europa e que ameaçavam contaminar as nações do Novo Mundo. Deixou uma obra vasta e variada, que precisa ser analisada, em todos os seus ângulos, para melhor compreensão do seu pensamento e da sua personalidade. Ocupou sempre lugar de merecido destaque nos meios culturais do País. Fisicamente já não existe, mas sua obra sobreviverá com a Nação Brasileira, porque dela faz parte integrante.

* BENEDITO NUNES DIAS (1917) — Nasceu em Avaí (SP) a 2 de agosto. Bacharel em Direito e Professor no Ensino Superior. Foi diretor do DOPS, membro do Grupo de Trabalho para a elaboração da Lei Orgânica da Polícia de São Paulo e Assessor Jurídico da Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública.

PAULO DE TARSO — PLÍNIO SALGADO AFINIDADES

*Eurípedes Cardoso de Menezes **

Debatia-se nos estertores da agonia a civilização ocidental. Roma entregara-se à luxúria e precipitava-se no abismo. Seus vultos mais eminentes transigiam com todos os cretinos. Degradara-se completamente a natureza humana. Naufragava um grande império!

É quando surge o Cristianismo! A princípio menosprezado, depois odiado e caluniado, mais tarde perseguido do modo mais atroz. Começou pobremente, entre escravos. E pouco a pouco avassalava o mundo. Dominava as multidões. Incendiava as almas. Purificava os corações!

Ao cabo de três anos de heroísmo nunca visto, a cruz do Nazareno substituiu a orgulhosa águia de Roma pagã.

Ao se esfacelar também a nossa Pátria, vítima da filosofia agnóstica e unilateralista que inspirou os legisladores de 91; ao se debater o Brasil nas garras do agiotarismo internacional; quando se invertiam todos os valores e se erguiam por toda parte altares a *Mammon*; quando os homens de caráter, desanimados já, se retiravam da política desacreditada, entregando a sorte da Pátria à plutocracia epicurista, — brilha no nosso céu uma nova estrela, que a todos enche de esperança e fé! Começando pobremente no meio de operários e ferroviários de São Paulo, a Doutrina do Sigma, bela e luminosa, venceu o coração e convenceu a inteligência de um grande povo, que se levantou de braço erguido para o Alto, de onde lhe vem inspiração e força e para onde se encaminha impávido e varonil.

Se "Deus dirige o destino dos povos", lança mão, todavia, de instrumentos humanos, por Ele predestinados e adrede preparados para a grande obra de evangelizar um povo ou construir uma Pátria!

Na cristianização dos gentios o grande predestinado foi Paulo de Tarso. Na salvação do Brasil, Plínio Salgado!

E a quem estuda a vida de ambos, não poderá escapar a extraordinária afinidade que os une por cima de vinte séculos!

Coloquemo-nos diante de Paulo de Tarso e de Plínio Salgado. Quanta semelhança!

Paulo era senador, doutor da Lei, filósofo, escritor emérito e conceituadíssimo na sua cidade; tudo abandonou para se dedicar de corpo e alma à Causa do Evangelho. Plínio Salgado, também filósofo e grande escritor, respeitado e querido na sua terra, tudo deixou, inclusive a cadeira de deputado, para se consagrar à Causa do Brasil, para ir de vila em vila, de cidade em cidade, pregar aos seus irmãos a doutrina redentora do Sigma!

Ambos sofrendo a separação da família, ambos franzinos fisicamente e duma resistência admirável; falando horas seguidas, pela noite a dentro, aos ouvintes insaciáveis e eletrizados!

Ambos bondosos e enérgicos, absolutamente identificados com a sua tarefa e atribuindo não a si mas ao auxílio de Deus o êxito de seu grandioso apostolado.

Paulo rodeou-se de moços decididos, fortes, sinceros, capazes de grandes realizações, idealistas e abnegados, que viam no mestre um eleito de Deus. Plínio Salgado, igualmente. Foram os moços que o compreenderam primeiro, que o seguiram, que levaram o Integralismo às cidades e aos sertões. E o Chefe, comovido vendo nos discípulos os continuadores de sua obra, exclama, cheio de júbilo: "Eles já estão aí!"

Timóteo Tito Silvano e todos os outros cooperadores de Paulo o tinham como um segundo pai, o mesmo se dá conosco em relação ao Chefe!

Quando o ódio dos judeus fanáticos jogou a Paulo no fundo da prisão mamertina, sem luz nem ar suficiente, onde sofria o apóstolo o frio do chão úmido e a gelidez da indiferença de falsos irmãos, eis que brilha na pena do impertérito Campeão da Verdade a frase consoladora e grandiosa que bem lhe revela o estado d'alma: "*Regozijai-vos sempre! Outra vez vos digo: Regozijai-vos, irmãos!*" Semelhantemente ao se acender o fogo das perseguições, das injúrias, da calúnia mais audaz, sofrendo a incompreensão dos medíocres e o ataque covarde dos invejosos, angustiado e com motivos de sobra para se abater, — eis que cai da pena de Plínio Salgado aquele artigo maravilhoso: "*Sofrei, sonhadores do bem!*"

Contemplando a miséria de milhões de escravos e a vida nababesca e criminosa dos parasitas sociais, Paulo produz o Capítulo XIII de I Coríntios e Plínio Salgado escreve *A oração de Natal da Pátria criança* e *O sofrimento universal*.

Ambos despreocupados com o *amanhã*, pouco ligam à vida material: quando os efésios, industriados pelos judeus, conspiravam contra a vida de Paulo e berravam horas seguidas na rua e na praça — "GRANDE É DIANA DOS EFÉSIOS! GRANDE É DIANA DOS EFÉSIOS!" —, quis o apóstolo, desprezando o perigo, apresentar-se ao povo no teatro! Igualmente na Bahia, onde se conspirou contra a vida de Plínio Salgado, onde se lhe faziam as mais terríveis ameaças, insiste o chefe em percorrer a cidade de carro aberto, de pé, oferecendo o peito às balas comunistas, como fizera em Bauru, em Campos e em São Paulo!

Um e outro lançaram mão duma arma apenas, aliás, a mais poderosa: a palavra. E pela palavra, "pela loucura da pregação", no dizer de Paulo, foi-se libertando o povo do jugo criminoso dos "sensatos", dos "criteriosos" — intelectualmente míopes, espiritualmente mortos.

Ambos tidos por "paroleiros"; ambos conquistando os corações bem formados, convertendo os pervertidos e levantando um edifício cuja construção exige abnegação porque seu destino é sobreviver aos séculos!

Nem um nem outro se deixa levar pelo respeito humano. Paulo sofre os maiores vexames, ouve zombarias e injúrias por toda parte, prosseguindo sereno na sua missão. Plínio Salgado, da mesma maneira: "foi preciso que um homem se tornasse ridículo para mostrar quão ridículos eram os seus patrícios".

Duramente censurou o apóstolo a inconstância dos gálatas. De Plínio Salgado poderemos dizer que é a perseverança personificada: não há obstáculo, não há dissabores, não há perseguições nem calúnias que o demovam de seu intento. Quis, e agora pode porque fala e meio milhão de homens conscientes lhe obedecem alegremente. E os próprios adversários o respeitavam e admiram-lhe a obra, como, aliás, sucedeu também a Paulo.

Ao despedir-se dos baianos, neste último Congresso Provincial, choravam os integralistas, semelhantemente aos presbíteros de Éfeso que se lançavam, chorando, ao pescoço de Paulo, que seguia para Jerusalém.

Outro fato extraordinário: Paulo guardava na memória o nome de milhares de cristãos de todas as cidades por onde andava. No final de suas epístolas, como, por exemplo, no último capítulo aos romanos, vem extensa lista de cooperadores a quem envia saudações pessoais. É outra qualidade do Chefe Nacional: recorda-se do nome de milhares de "camisas-verdes", de Porto Alegre e de S. José do Rio Preto, de Marim e de Tiuna, de Pesqueira e de Petrópolis!

Como Paulo se identificou com o Cristianismo e com seus discípulos e irmãos, também o Chefe se identificou com a Causa do Sigma e com os seus "camisas-verdes". Um e outro, privando-se do aconchego do lar, constituíram uma enorme família espiritual composta de brancos, pretos, sábios, ignorantes, velhos e moços, gente do norte e gente do sul, de todas as províncias e classes e condições sociais!

Viajar — a sina de ambos, e por todos os meios possíveis e imagináveis de locomoção. O destino proibiu-lhes o que permitiu a todos os outros: *morar*. O Chefe ainda não conseguiu

morar, desde que a Providência o lançou nessa corrente que cresce dia a dia e que não pode mais parar.

E essa agitação se estampa no físico, duma forma ou de outra: Paulo, que fôra apedrejado e açoitado muitas vezes pela Causa do Evangelho, escreve numa de suas luminosas epístolas: "*Trago no corpo as marcas do Senhor Jesus*". E o Chefe, tão moço ainda, já se cobriu de rugas no afã sagrado de rejuvenescer a Pátria e prematuramente surgem os cabelos brancos, que o fazem mais amado e respeitado porque são *as marcas da Pátria*, os sinais de sua luta, de sua angústia, de sua paixão pelo Brasil!

Paulo combateu com todas as forças o vírus do personalismo que já no seu tempo ameaçava a Igreja nascente. Um semeia, dizia ele, outro rega, outro colhe, mas é Deus que dá o crescimento. Ninguém mais do que o Chefe Nacional tem combatido o mesmo mal nas fileiras do Sigma. E com razão. Com toda razão.

A Igreja, porém, ergue monumentos e venera S. Paulo, terminando em Deus essa justíssima homenagem porque dEle provieram as virtudes que notabilizaram o grande apóstolo. Nossa admiração, nossa veneração e os louvores que tributamos a Plínio Salgado não param nele: vão terminar em Deus, do qual o Chefe é um instrumento, do qual promanam as suas virtudes e a Quem rendemos ações de graças!

* EURÍPEDES CARDOSO DE MENEZES — Professor, Escritor, Jornalista. Foi Diretor da Revista ANAUÊ! — órgão do movimento integralista. Foi Deputado Federal em várias legislaturas e acérrimo defensor da participação do Brasil na exploração científica da Antártida.

O trabalho incluído nesta edição foi extraído da Revista ANAUÊ!, Ano II, n.º 6, Janeiro de 1936.

FICÇÃO E IDEOLOGIA

Fernando Whitaker da Cunha *

Como Gladstone e Disraeli, Plínio Salgado é uma elogiável vocação intelectual absorvida pela política. Há nele inegáveis qualidades de artista e pensador que deram à sua obra literária um lugar definido no panorama cultural brasileiro. Confundindo o beletrista com o ideólogo, que é de princípios, reconheça-se, as paixões têm dificultado um julgamento lúcido de seus romances, ensaios e estudos históricos, aos quais não se pode, com justiça, recusar talento e méritos.

Ainda não se fez um estudo da influência da "Semana da Arte Moderna" sobre os movimentos políticos que a sucederam. Daí afirmar Oliveira Viana que era necessário inocular "sangue de tatu" em nossas instituições políticas, antes de qualquer transplantação de regimes (*Problemas de política objetiva*, pg. 48). O reencontro da nacionalidade, com suas próprias potencialidades, era um imperativo categórico. O nacionalismo pregado pela doutrina integralista, que se enraiza, por outro lado, em Bilac, em Farias Brito, em Jackson de Figueiredo, e de modo geral na filosofia espiritualista, vem daí e da obra de Alberto Torres, de insondável influência em nossa mentalidade (Cândido Motta Filho — *Alberto Torres e o tema da nossa geração*). Suas sementes já se encontram nos primeiros romances de Plínio. "Criação da Pátria integral", escreve ele, em *O estrangeiro*, "com sua consciência própria, sua aspiração, seu tempo definido." Marco de nosso pensamento modernista, a ficção de Plínio merece reexame sereno, porque fundada em sólidas meditações sobre a nossa realidade, e dá razão a Marcel Prelot, ao afirmar o publicista francês que "a literatura política engloba, assim, textos de toda espécie, não apenas tratados

ou ensaios, mas romances, peças teatrais, inclusive poemas" (*A ciência política*, pg. 68). "A idéia da necessidade desse grande movimento nacional (o Integralismo) que já existia, em Plínio Salgado, desde a fundação do Partido Municipalista, tomou forma consciente na revolução literária de 1922, em que ele atuou", depõe Augusta Garcia Dorea (*O romance de Plínio Salgado*, pg. 10). "La poésie ici est action politique", diria Aragon (*Hugo, Poète Réaliste*, pg. 47).

O *Verde-amarelismo* era uma das facções modernas, e a ele, que, segundo Alarico Silveira (*Enciclopédia Brasileira*, tomo I, pg. 554), "era uma espécie de nacionalismo literário, buscando assuntos brasileiros, aspectos paisagísticos e cores tropicais", se filiou Plínio, até vir a liderar, com Raul Bopp, a *Revolução da Anta*, que objetivava aprofundar o indianismo de Alencar e Gonçalves Dias, penetrando no verdadeiro significado da simbologia indígena e dar expressão ao pensamento brasileiro.

"Só a arte pode criar a história", ponderou o autor de *A voz do oeste*, mas é de se concluir, quando nela fundada.

Disso é que vem a importância do romance *O estrangeiro*, que possui o tom polêmico de *O curupira e o carão* (em colaboração com Cassiano), a suavidade mística de *O sonho daquela noite* e anuncia o pensamento político de *Extremismo e Democracia* e de *A Doutrina do Sigma*. Romance de tese, *O estrangeiro*, suas coordenadas sociológicas e seu entrecho (a chegada e a aculturação de emigrantes) fazem lembrar *Canaã*, de Graça Aranha, sem a prolixidade desse livro e sem seu tom maçante de crônica. Não é possível, aliás, considerar-se o livro de Graça Aranha um grande romance. Publicado em plena efervescência da campanha modernista, *O estrangeiro* tem todas as qualidades, mas também alguns dos defeitos da fase heróica do movimento. A preocupação pela solidariedade humana, pelo amor à terra, pelas frases extravagantes, nem sempre de bom gosto, o estupro das palavras em busca de um sobressignificado, nele se encontram, juntamente com um "quid" filosófico que se esbate, de constante, num suave clima poético ("O vento zagal tange as nuvens").

De *O Estrangeiro*, como do *João Miramar*, de Oswald, pode-se extrair deliciosas "boutades", pitorescos modismos, diretrizes estéticas, locuções originais e verdadeiros achados verbais (já se quis identificar no estilo sincopado, marinetiano, e rápido de Plínio, influência machadiana, dizendo Cassiano Ricardo que ele é um "Alencar corrigido por um Machado"). Registre-se, por exemplo, como revide à estandardização e formalismo reacionários, as seguintes metáforas: "O comboio alvejou a treva com um tiro cegante de holofote", "a samambaia tem um jeito lindo, parece uma risada verde", "o crepúsculo martini-seco mastigado com azeitonas e amendoim preludiava a noite coquetel". Era do tempo. O modernismo ainda não havia adquirido a estrutura e a espiritualidade elevada, que hoje o distinguem e o justificam. É comum nos poetas de hoje a valorização do instrumento expressional, por artifícios inúmeros, um dos quais: o hífen entre duas palavras, muito usado por Neruda e, entre nós, por Guimarães Rosa, encontra um dos precursores em Plínio, quando este se refere a um "dormitório treva-sanguíneo" ou à "montanha-dromedário". Consignei acima que no romance, ora examinado, se consagram princípios estéticos, entre outros. Veja-se como o autor de *O Esperado* formula a idéia de "objetivismo dinâmico", defendida por Marinetti e seus discípulos, sobre a necessidade de a arte exprimir, visceralmente, o seu momento social: "A própria arte, considera ele, precisava ser sintética, simultânea, dinâmica, intencional, recreio rápido de gente atarefada."

Sobremodo interessante é a forma pela qual se conceitua o estrangeiro, aqui. Seria aquele que não possui, para com o país que o recebe, herança cultural comum, como "verbi gratia", um tasmaniano no Brasil. Já o italiano ou o francês, por ligados a nós pela latinidade, não seriam rigorosamente estrangeiros.

Interessante problema de filosofia da literatura nos propicia, ainda, Plínio no romance "in casu". Reportando-se ao personagem Ivã (imigrante russo, expulso pelos comunistas, que aqui prospera, e após se aclimatar se suicida), medita ele: "Não serei uma criação de Ivã? Existo eu ou existe Ivã?"

Gide também se preocupava com essa indagação, jamais dirigindo seus tipos, mas sendo dirigido por eles. Nascendo a ficção da realidade e da possibilidade, o romancista é, na verdade, criação dessa realidade e dessa possibilidade.

Numa de suas meditações de *A Doutrina do Sigma*, afirmou Plínio ser o brasileiro um povo traído em sua sentimentalidade. Talvez seja esse um dos motivos pelos quais constitui ele uma coletividade marginal, no sentido de total alheamento de seu processo histórico e de seu jogo político. Desde o início de sua colonização, ferozmente violentado e explorado pela metrópole ("talvez herança sentimental dos perseguidos pelo fisco português, regalista e escorchante, observou Magalhães Drummond — "Comentários ao Código Penal", vol. IX, pg. 356 — talvez forma de obviar aos desbaratos dos dinheiros públicos, o certo é que falta muito comumente, ao brasileiro, voluntária aquiescência à contribuição fiscal"), que ordenhava, de preferência algumas regiões, relegando outras, como São Paulo, que se viu obrigada a bastar-se a si mesma, tornando-se autárquica e egocêntrica ("a nação brasileira," escreveu Oliveira Martins, "desenvolveu-se colonialmente ao norte, orgânica e espontaneamente ao sul"), o Brasil não teve melhor sorte com a Independência e a República, por sua hipossuficiência que o mantinha colônia e presa dos grupos econômicos. O "ressentimento" inicial ("A mim me preocupa o povo", afirmou Capistrano, "durante três séculos, capado e recapado, sangrando e ressangrando"), nutrido por um certo masoquismo, como notou Gilberto Freyre, transformou-se em "complexo" nutrido pela não redenção das "três raças tristes", no dizer de Paulo Prado, que compuseram nossa verdade étnica. Desinteressado, por isso, de seu destino, porque primordialmente injustiçado por ele, o brasileiro não criou uma tradição nem interveio, em sua história, deixando-a ao próprio sabor, e às contingências locais. Todos os nossos fatos importantes se deram sem que o povo deles tomasse consciência. Aliás, como consignou Hermes Lima, ao longo de nossa história política se nota um disfarçado receio de participação ativa do povo na vida política, da qual se omite. "Na vida política nacional", diz ele (*Idéias e Figuras*, pg. 43), "há uma grande ausência: a ausência da opinião pública

organizada". A indolência e um fatalismo muçulmânico, como havia notado Rui, em *A Questão Social e Política no Brasil*, ao tratar do displicente "caboclo acocorado", célebre pelo tipo criado por Monteiro Lobato, em *Urupês*, nos impregnam numa dimensão de ceticismo pirrônico.

"É curioso notar-se", ponderou Sergio Buarque de Holanda, em livro fundamental sobre nossa formação histórica (*Raízes do Brasil*, pg. 122), "que os movimentos reformadores no Brasil partiram sempre de cima para baixo: foram assim de inspiração intelectual, tanto ou mais que sentimental. A nossa independência, as conquistas liberais que fizemos durante o decurso de nossa evolução política, vieram quase de surpresa; a grande massa do povo recebeu-as sempre com displicência, quando não com hostilidade."

Não destoia Caio Prado Júnior, com relação à Independência (*Evolução Política do Brasil*, pg. 98): "Fez-se a independência praticamente à revelia do povo; e se isto lhe poupou sacrifícios, também afastou por completo sua participação na nova ordem política." Na verdade, a falta de assistência do povo nos movimentos faz com que todos os poderes sejam absorvidos pelas classes privilegiadas que, assim, fruem, exclusivamente, os benefícios da situação. Lírico e conservador, por excelência, o brasileiro foi sempre refratário à mudança da ordem estabelecida. Como endossa o ilustrado Machado Paupério (*O Direito Político de Resistência*, pg. 16) "as revoluções são sempre fruto das eras antitradicionalistas, das eras racionalistas".

Gasset, complementando essa assertiva, poderia dizer (*El ocaso de las revoluciones*) que "o filósofo, o intelectual anda sempre entre os bastidores revolucionários". Aos caracteres psicológicos do brasileiro, acima referidos, se poderia juntar o de seu impulso anti-associativo, hostil ao interesse público, como agudamente observou Odilon de Andrade (*Alguns Problemas Nacionais*, pg. 22): "A verdade é que o brasileiro, em geral, não tem espírito associativo, concorrendo para isto, parece, duas causas de natureza diversas, atuando, porém, no mesmo sentido de retraimento: a preguiça de comparecer a reuniões

e o desgosto de qualquer disciplina, maravilhosamente amalgamadas por natural displicência ao que não lhe toca de perto. Todas as nossas associações vivem do punhado de sócios que as dirige, emprestando-lhes a própria atitude, sendo tão habitual a abstenção dos demais que os estatutos, via de regra, prevêm a falta de quorum na primeira e segunda convocação de reuniões, dispondo que na terceira se deliberará com qualquer número." Isso, aliás, poderia ser aplicado na órbita política. E assim se equaciona a nossa realidade: A traição da sentimentalidade provoca um "ressentimento" e um retraimento que se aliam a derivativos sexuais, entre outros, e gera o desinteresse pelo processo histórico, com um apego instintivo às ordens existentes, apego ainda mais exacerbado pela falta de verdadeiros ideólogos que fermentem novas idéias e abram outros horizontes. É certo, contudo, que o apontado isolamento do brasileiro não lhe tira aquela "cordialidade", notada por Sérgio Buarque de Holanda, por sua própria constituição antirracionalista e que estrutura, no entender de Cassiano Ricardo (*O Homem Cordial*, pg. 21), "uma civilização de fundo mais emotivo que a dos outros povos".

Fecundas, pois, de sugestões as obras de Plínio Salgado, detendo-se sobre nossos problemas, como ele mesmo o diz, como "um rio que pára por amor à paisagem".

* FERNANDO WHITAKER DA CUNHA, LUIS (1930) — Nasceu em São Paulo (SP) a 27 de abril. Bacharel em Direito, Magistrado, Professor Universitário. É membro da Academia Carioca de Letras e membro correspondente da Academia Paulista de Letras. Entre outras, tem as seguintes obras publicadas: *Ensaio de Direito Público*, *Democracia e Cultura* (prêmio da Academia Brasileira de Letras), *O Novo Código Penal*, *Ficção e Ideologia*.

O texto publicado no presente volume foi extraído do livro: *Ficção e Ideologia*, Ed. Pongetti, RJ, 1972.

PLINIO SALGADO, PROFESSOR DE BRASILIDADE

*Hélio Galvão **

Parece que o tempo ainda não dá perspectiva para exato julgamento do Integralismo brasileiro. Identificado como o fascismo caboclo, acusado de planejar e dirigir o assalto armado contra a ditadura de Vargas, caluniado pela propaganda organizada para a deturpação de seus objetivos, o grande movimento de idéias tem sido considerado muito mais nas exterioridades e nas aparências de aliciamento, na camisa que distinguia seus adeptos, no ritual de suas reuniões, do que na substância da sua doutrina nacionalista e cristã, na profunda repercussão que imprimiu na formação da juventude, no sentido de disciplina que impregnou nas gerações de entre as duas guerras, na formação de uma consciência nacional, conformada às realidades históricas e às peculiaridades geográficas.

O Integralismo espera o analista de suas projeções na vida brasileira. Creio que um de nós deveria tomar a peito fazê-lo, já que o primeiro a tentá-lo, Hégio Trindade, não escapou às deformações que envolveram — e ainda envolvem — o movimento desencadeado por Plínio Salgado. A monografia do prof. Hégio Trindade, que pretendeu apresentar um exame objetivo do Integralismo começou, entre outras omissões indesculpáveis, por não apresentar em sua integral exposição, a carta fundamental de doutrina integralista, que é o Manifesto de Outubro. Desde o subtítulo, ficou o autor comprometido com a tese difundida pelos adversários do Integralismo, que eram muitos, dos impenitentes liberais aos exacerbados comunistas de todos os matizes. Enquanto dispunham estes de todos os meios de divulgação, aos integralistas o Estado Novo impôs o mais intransponível silêncio.

Pode-se todavia formular a indagação em torno da influência ou da repercussão das idéias e doutrina política de Plínio Salgado sobre as gerações que o Integralismo atraiu, educou e formou, para constatar se ao longo dos anos aquelas idéias se afirmaram com saldo positivo para o Brasil.

O Manifesto de Outubro de 32, que traçou “os rumos da nossa marcha”, abria com a declaração enfática da crença em Deus, na sua Providência presente nos destinos dos povos. Partindo dessa afirmação inequívoca de aceitação dos princípios cristãos, a que o Brasil está vinculado desde as raízes mais fundas de sua formação histórica, o Manifesto de Outubro acrescentava logo no parágrafo segundo, que “a nação brasileira deve ser organizada, una, indivisível, forte, poderosa, rica, próspera e feliz.”

Lançado o movimento, seus líderes mais responsáveis aceitaram o desafio para despertar a nação e arrancá-la do conformismo a que estava condenada, porque a Revolução de 30 perdera os rumos e renunciara aos anseios de renovação.

De sua cátedra no jornalismo, Plínio Salgado ganhava novos horizontes à expansão de sua palavra, quente e aliciante, multiplicada agora em livros, discursos e conferências e sobretudo pela pregação constante e fiel dos “primeiros, os que acreditaram”.

O movimento alcançava, com a mesma adesão consciente, o operariado, a mocidade universitária, os estudantes de outros graus de ensino, a elite do pensamento brasileiro, os jovens oficiais das Forças Armadas, o Clero, as mulheres.

Nessa incoercível maré montante de crescimento e expansão, os dirigentes velavam pela fidelidade da doutrina, pelo estímulo da investigação histórica, pelos estudos da doutrina social da Igreja, pela abordagem sociológica dos problemas nacionais e, sobretudo, pela implantação do sentido de disciplina e de ordem conscientemente aceita numa época de generalizada indisciplina mental. Tudo isto assegurava a consistência doutrinária do movimento e garantia simultaneamente força e respeito que nenhum outro jamais alcançara.

Oliveira Viana, Alberto Torres, Eduardo Prado, Calógeras, Euclides da Cunha, Tavares Bastos, os mestres da nacionalidade, passaram a ser vistos e relidos, e uma geração de novos escritores florescia nos mais variados ramos de investigação sociológica, da crítica histórica, dos fundamentos da nacionalidade. Helio Viana aparecia com *Formação Brasileira*, que anunciava o grande historiógrafo. Miguel Reale antecipava o filósofo do direito. Gustavo Barroso, embora já consagrado, mergulhava nas fontes mais fundas da história nacional. Quantos mais, na ficção, na crítica ao liberalismo positivista, na exposição de aspectos particulares do *corpus doutrinário*?

Entre todos, entusiasmo de jovem, prudência de dirigente, invulgar poder de criação, Plínio Salgado estava presente nos artigos de jornais e revistas, na tribuna das conferências e dos comícios, à frente dos desfiles, na presidência das grandes assembleias e concentrações públicas.

O autodidatismo de sua formação terá talvez contribuído para a versatilidade de sua cultura, para a visão larga no trato dos problemas que uma formação especializada certamente limitaria. Este horizonte ecumênico em que se situou, permitiu-lhe a formulação da doutrina integralista e de sua concepção filosófica na grande síntese de *Psicologia da Revolução*. Daí partiria para a notável obra de análise, múltipla e variada, e para a exposição didática dos princípios a nível popular. Nela se inscreve toda a atividade do escritor, servido por singulares recursos do seu estilo literário, presente nos artigos de vulgarização doutrinária como em trabalhos mais aprimorados destinados a públicos mais exigentes.

Ao lado de tudo isto, a indesejada linha de coerência do pensamento político e filosófico: não é sem relevo observar — como ele próprio o fizera — que parágrafos da Carta de Natal de 1935 foram transferidos sem retoques para um dos capítulos da *Vida de Jesus*, no comentário à perícopes evangélica dos Reinos de Deus e de César.

Nessa oportunidade, a nação traumatizada com os acontecimentos de fins de novembro, ele denunciava a “perigosa tendência pagã do hitlerismo” e proclamava em palavras de claro e indeturpável sentido:

“O Integralismo não quer construir o Estado Totalitário, mas sim, construir o Estado Integral, o Estado Harmonioso, o Estado Imutável na sua essência e mudável na marcha revolucionária que lhe impõe os deveres do Espírito e lhe faculta o livre arbítrio do Espírito, que nele se reflete.”

Os livros do exílio (*O Rei dos Reis*, *A Mulher no Século XX*, *Primeiro, Cristo, Aliança do Sim e do Não*, *Conceito Cristo da Democracia*), não são criações originais do seu pensamento político ou religioso. Serão antes reafirmações de princípios já expostos ou explicitações de sua doutrina a partir do Manifesto de Outubro de 32.

Cabe aqui acentuar o testemunho de fidelidade doutrinária que marcou sua passagem pela Câmara dos Deputados. Refiro-me à Emenda n.º 609, ao art. 28 do Projeto de Constituição remetido ao Congresso pelo Presidente Castelo Branco. Introduzia no corpo da Constituição entre os órgãos do Congresso a Câmara Orgânica, constituída pelos representantes diretos das categorias econômicas e culturais da nação, para funcionar como órgão técnico de assessoramento das outras casas do Congresso e no plano estadual a câmara orgânica regional. A justificação que acompanhou essa emenda é uma página de sociologia política, partindo da realidade constatada no processo legislativo. O fenômeno fora detectado pelo insigne Ripert, em França, ao examinar o problema da formação das leis, muito mais obra de grupos interessados, do que do legislador.

“Quem exerce um mandato parlamentar na Câmara ou no Senado — dizia o deputado Plínio Salgado — observa, ao cabo de algum tempo, um fato que só escapa aos distraídos: as atividades dos ‘grupos de pressão’, procurando influir nos trabalhos legislativos. Não é uma interferência indébita, mas o natural e humano interesse das categorias econômicas, profissionais, que se constitui em comissões, às vezes volumosas, atuando nas antessalas do Plenário e muitas vezes manifestando-se nas galerias. Trazem memoriais e representações, analisando artigos e parágrafos de projetos de lei que, afinal aprovados, sobem à sanção presidencial. E se do Presidente da Repú-

blica a lei votada volve ao Congresso com vetos totais ou parciais, também voltam as classes interessadas a exercer cabala sobre deputados e senadores, visando a rejeição igualmente total e parcial das decisões do Executivo. E são novos comentários, mimeografados ou impressos, fortalecidos por argumentos orais junto aos legisladores.

Será isto um mal, ou um bem? Podemos assegurar não ser uma coisa nem outra, porque representa apenas uma realidade social, ainda não considerada jurídica ou politicamente. (...) Portanto, o que precisamos é transformar uma realidade social em norma constitucional”.

Observa que esta pressão se exercia originária das forças vivas da Nação, categorias econômicas e categorias culturais, que não deveriam continuar à margem da vida nacional.

“Essas forças representam — acrescentava — a essência e a substância dos grupos naturais de que se devem estruturar as sociedades cristãs, pelo que lhes são inerentes ou direitos de auto-determinação oriundos da lídima fonte dos direitos da pessoa humana.”

“Este é, portanto — dizia — o momento de integrá-las na comunidade brasileira de que parece terem sido expulsas. Em fases normais da vida do País talvez isso não fosse possível, ou pelo menos seria difícil. Mas vamos ter uma Carta Constitucional filha da Revolução. E não há Revolução onde não há transformações profundas na vida do Estado.”

Assinada por 199 deputados, a Emenda 609 teve parecer contrário do sub-relator, subscrito pelo Relator Geral e na Comissão mista. Rejeitada na 55.ª sessão: 9 votos sim; 206 não, 6 abstenções.

Perdida nos nunca lidos Anais da Constituição de 67, a emenda e sua lúcida justificação merecem ser lembradas na oportunidade da edição de um volume à memória do egrégio brasileiro.

Procurava ele, com a introdução desse órgão, institucionalizar o costume, impedir o patrocínio pessoal dos congressistas a pretensões de pessoas ou grupos e ao mesmo tempo ir ao

fundo do problema, “não somente inovando mas revolucionando, como compete ao espírito frequentíssimamente invocado do Movimento de 31 de março de 1964.”

Por que não procuramos as bases naturais da organicidade do País? — perguntava. Mencionava constatações gritantes: advogados em comissões de Minas e Energia ou Saúde Pública, médicos e engenheiros em Comissão de Justiça, etc. E acrescentava ainda:

“E que dizer do Poder Executivo, onde se recrutam técnicos e teóricos, leitores de livros e soeses em citações de autores e mais versados em algarismos frios de estatísticas do que na palpitante realidade humana dos fatos, mais apegados a conceitos e aforismos de doutrinas muitas vezes superadas, do que no sincero desejo de pesquisar e sobretudo de ouvir e ver o que na verdade se passa no País?”

Na Câmara Orgânica estarão homens em cuja própria carne doem os problemas.”

Era uma parcela mínima da sua experiência de mestre, na ciência política, de observador atento dos nossos costumes políticos e administrativos.

Se me fosse dado falar na primeira pessoa, ou prestar um depoimento pessoal, diria que devo ao Integralismo, à formação que recebi na militância local, as direções posteriores dos meus estudos, ao rumo que tracei para minhas atividades: a antropologia cultural, a sociologia aplicada, a etnografia e o folclore, a investigação histórica. A leitura do romance *A Voz do Oeste*, pouco lembrado na obra ficcionista de Plínio Salgado, criou em mim um sentido novo e deu-me perspectivas para compreender melhor o conteúdo profundo das Bandeiras no devassamento do território ou na segurança das áreas já conquistadas, como foi o caso da Guerra dos Bárbaros ou Confederação Cariri. Evidentemente as sugestões daquela leitura poética conduziram-me à obra mestra de Afonso Taunay.

Necessário assinalar também, para além da vasta obra de exposição política de Plínio Salgado, ou de sua original contribuição de romancista, ou de sua participação na Revolução Modernista, outra face pouco destacada do escritor, com *Geografia Sentimental*, *Como Nasceram as Cidades Brasileiras*, *Nosso Brasil* e *Compêndio de Instrução Moral e Cívica*, com os quais colaborou na educação da juventude, pondo-lhe nas mãos uma literatura otimista e criadora, de exaltação dos valores da Pátria, dos seus homens e dos seus heróis, da sua paisagem rural, da vida nas pequeninas vilas e povoações distantes.

De doutrinador político e expositor doutrinário, descia à literatura infantil, plantando na alma plástica da infância a crença nos destinos do Brasil, a confiança no futuro nacional, as idéias-mestras indispensáveis à criação de uma consciência eminentemente brasileira. Professor de brasilidade e de otimismo.

Vida toda dedicada à Pátria, que amou. Estudos que elaborou, livros que escreveu, peregrinações pelos remotos interiores do País, perigos que enfrentou com risco de sua própria eliminação.

Apostolado que desenvolveu, na tribuna das conferências, na colaboração dos jornais e das revistas, nunca negou a sua fé. Cruzado fiel, cavaleiro andante da causa cristã, andou como o outro apóstolo, aquele que caiu no caminho de Damasco para reerguer-se nos combates pelo Cristianismo. Foi aliás, salvo equívoco, Eurípedes Cardoso de Menezes, que, em artigo na revista "Anauê" notou identidade nas marcas de apostolado entre S. Paulo e Plínio Salgado.

Plínio Salgado perguntava uma vez, falando depois que regressara do exílio, porque o censuravam de clamar perante as multidões a sua fé e o seu amor a Cristo. Era a censura dos fariseus, crentes de oportunidade, cristãos de circunstância.

Nunca, em nenhum momento, o Integralismo desviou-se da primeira regra inscrita no Manifesto de Outubro. Seu fundador, responsável pela pureza dessa doutrina, também nunca, por amor a qualquer motivo circunstancial, esquivou-se a proclamar a impregnação cristã da sua doutrina e a sinceridade de

sua fé. Os teóricos do Integralismo seguiram a mesma linha e ainda hoje a nota de pureza inicial aos princípios formulados distinguem o Integralismo como o movimento brasileiro mais coerente ao seu programa.

Plantada na terra fértil, a doutrina integralista produziu frutos. Os integralistas aí estão: na atividade empresarial, nas lideranças operárias, no episcopado, nos altos cargos da Administração Pública, nos quadros das categorias profissionais. Não foi em vão que Plínio Salgado sacrificou-se até a amargura do exílio e pregou até o fim. Plantando, dá.

* HÉLIO MAMEDE DE FREITAS GALVÃO (1916) — Nasceu em Tibau do Sul (RN) a 18 de março. Professor de Sociologia na Faculdade de Ciências Econômicas, de Antropologia Cultural na Faculdade de Filosofia, de Pesquisa Social na Escola de Serviço Social. Jornalista, membro da Academia Norte Riograndense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Entre outras, publicou as seguintes obras: *Mutirão no Nordeste*, edição do Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura; *Canais de circulação vertical da sociedade nordestina*; *Tipos de povoamento rural no Nordeste*.

PLINIO SALGADO E O INTEGRALISMO

J. O. de Meira Penna *

Estive recentemente no lançamento, pela biblioteca da Câmara dos Deputados, de um dos volumes da coleção "Perfis Parlamentares", dedicado à memória de Plínio Salgado. Talvez haja chegado o momento de rever o papel do Integralismo na História Contemporânea brasileira. Encontramo-nos numa melhor perspectiva para compreendê-lo segundo o sábio conselho de Tácito, *sine ira et studio* — o que não é fácil. Além de alguns estudos de brasilianistas, em geral tendenciosos, o que de mais recente existe a respeito é o livro de Héglio Trindade, de 1974 (SP — Difel) — mas este não cobre a parte mais importante da história do Integralismo, em 1937/38. Trindade, além disso, fixa-se no modelo fascista vulgar e não é capaz de distinguir as diversas correntes, às vezes contraditórias, que entraram na constituição da Ação Integralista Brasileira. Miguel Reale, Ricardo Benzaquem de Araújo e Gumercindo Rocha Dórea, entre outros, queixam-se com razão da falta de entendimento e crítica honesta do pensamento de Plínio Salgado, sem os quais não é possível colocar a AIB em seu verdadeiro contexto histórico. Como escreve Miguel Reale, "uma espécie de Vulgata sobre o fascismo e o Integralismo, que não corresponde à realidade", obnubila os espíritos. A propaganda marxista russa realmente obteve o mais retumbante sucesso em utilizar o termo "fascista" como espantalho sobre o qual despejar todos os rancores que sua própria ideologia desperta, em termos de culto da violência, de autoritarismo e de populismo messiânico. O DIP getulista fez o resto: Getúlio projetou sobre o Integralismo, que o havia ajudado a galgar o poder, os ressentimentos pelo Estado Novo.

A dificuldade de entendimento reside precisamente nesse ponto. Plínio foi muito mais um intelectual do que um chefe de partido. Carecia inteiramente das qualidades que fazem um *duce*, um *führer* ou um "grande timoneiro". Por esse motivo, certamente, foi com tanta facilidade manobrado e ludibriado por um político que, esse sim, correspondia ao modelo ideal do príncipe maquiavélico, dono dos segredos do poder: Getúlio Vargas. Se Plínio conseguiu fixar sua doutrina com certa coerência, na base de conceitos originados no pensamento autoritário católico dos princípios do século, não impediu que convivêssem, na cúpula da AIB, outras tendências, algumas aberrantes. O Integralismo era nacionalista, era também socialista. Representou a forma mais legitimamente brasileira da grande corrente ideológica que desgraçou nosso século e, ainda hoje, contamina o Terceiro Mundo. Mas o próprio Plínio procurou extrair dessa ideologia o que de melhor se coadunava com legítimos posicionamentos do pensar brasileiro — de homens muito anteriores ao Fascismo, como Alberto Torres, Oliveira Viana, Farias Brito, Tavares Bastos e Euclides da Cunha. Em outras palavras, foi o que ele retirou da Europa de sua época (triste época!) o que lhe afetou a substancial doutrina.

Isso explica a diversidade dos destinos que tomaram os integralistas após 1945. Uns foram para a "Esquerda", como Santiago Dantas e os principais dirigentes do Iseb. O antiameiricanismo também transitou da Direita para a Esquerda. Outros permaneceram no conservadorismo católico, como Américo Lacombe. Outros ainda, como Miguel Reale, Raymundo Padilha e A. Buzaid, iam exercer ponderável influência sobre o regime de 1964, talvez em seu aspecto autoritário. Mas notai o seguinte: Plínio identificava o "capitalismo burguês" com o comunismo numa mesma ojeriza ao "materialismo". Isso constitui um traço típico do conservadorismo europeu do século XIX. Mas a identificação é hoje sustentada pela Igreja dita progressista, da Teologia da Libertação. Nesse ponto, menos incoerente do que parece é d. Hélder, e sua transição do Integralismo para o Marxismo teológico não foi difícil. A tendência mais tipicamente anti-semita e fascista, representada por outro intelectual,

Gustavo Barroso, desapareceu de todo — salvo se considerarmos certos pendores anti-sionistas da Esquerda Festiva atual.

O que tudo isso sugere é o seguinte: o Fascismo e o Nazismo eram filosoficamente pobres. Mussolini preparou um *pot-pourri* de idéias de Croce, Sorel, Pareto e Gentile, com limitada harmonia. Nunca houve realmente um ideólogo do Fascismo. No Hitlerismo, encontravam-se elementos do Racismo (Gobineau, Chamberlain), do anti-semitismo esparso (inclusive em Wagner), da geopolítica dos espaços vitais (Haushofer), da herança da direita hegeliana no prussianismo e até mesmo de Nietzsche, muito embora fosse o grande pensador tudo menos um coletivista, um nacional-socialista ou um anti-semita.

Tentando obviar essas carências, o Integralismo tornou-se uma “ação” característica de intelectuais. Na verdade foi o movimento de idéias mais criativo da década dos 30, desmentindo a assertiva de Oswaldo Aranha de que era então o Brasil um deserto de homens e de idéias. Ora, os intelectuais, conquanto possam ser potentes na crítica social, são geralmente incapazes na liderança política (a objeção que se poderia levantar, a de Lenine, não é válida; Lenine, grande revolucionário profissional, era um pífio pensador). Nesse sentido, a falha que se nota no Integralismo é a mesma que, felizmente, afeta hoje a Esquerda brasileira: ela permanece forte no terreno da logorréia, ineficaz no da *praxis*...

Partido de intelectuais, o movimento integralista procurou naturalmente refletir o que, na época, parecia mais “avançado” na Europa. Não resistiu à eterna fraqueza que atinge o brasileiro inteligente — a de querer vestir uma *persona*, uma “máscara” no sentido psicológico junguiano (no caso, uma camisa colorida), condizente com os requisitos do que de mais “moderno” domina a “sociedade exemplar” européia ou norteamericana. Adotou assim as formas externas do fascismo, como os sinais, a retórica e o tipo de organização partidária paramilitar. Tudo isso era artificial, o que ficou comprovado quando, havendo chegado a mobilizar 700.000 “companheiros”, caiu praticamente sem resistência ante o bem assestado golpe do ditador, esse sim, verdadeiro político e mentor de massas.

Quando Platão propôs a tese de que os povos continuarão a sofrer enquanto os filósofos não se tornarem reis, ou os reis não se fizerem filósofos, não estava talvez consciente de sua própria frustração ante a incompatibilidade de essência entre filosofia, como pensamento puro, e política como arte do possível. Melhor falou Cristo quando distinguiu radicalmente a moeda de César da de Deus. É assim de certo modo trágico que um pensador tão legitimamente cristão como foi Plínio Salgado, autor de uma das mais soberbas vidas de Cristo da literatura mundial, não tenha compreendido a tensão irrefragável que vigora entre a utopia, o paradigma ideal do *dever-ser*, e a realidade pragmática, sólida e cruel do *ser* cotidiano; não tenha sabido expurgar de sua própria meditação os elementos revolucionários messiânicos que tantos males hão causado ao mundo (esses elementos presentes em seus romances, como *O Esperado*, e em obra de fôlego como *A Quarta Humanidade*).

Contudo, a influência do Integralismo perdurou de modo sensivelmente positivo, como no famoso desfile de 1.º de novembro de 1937, em que, como estudante, tomei parte, enlevado, como tantos outros milhões naquela terrível década dos 30, pela esperança ardente de uma escapatória para as tensões do mundo moderno. O próprio Getúlio utilizou suas idéias para o Estado Novo, malbaratando as que poderiam haver contribuído para lhe dar conteúdo programático, o Corporativismo, por exemplo. Mas, se, por hipótese, Plínio Salgado e seus melhores companheiros se houvessem mantido no terreno da atividade filosófica, renunciando à tentação revolucionária, talvez grande parte dos conflitos ideológicos estéreis que marcaram nossa vida política no pós-guerra teria sido evitada.

Em última análise, foi Getúlio que, temporariamente, venceu, em proveito de seu próprio baixo populismo carismático, a tensão Esquerda x Direita, em que, como uma esquizofrenia, se cinde o Nacional-Socialismo moderno. Ora, essa tensão renasce em nossos dias. Um recurso ao cerne mais autêntico e mais honesto do pensamento de Plínio Salgado demonstraria, entretanto, que ela é superável. Se o relêssemos acima das paixões, acima dos comprometimentos fatais envolvidos,

precisamente, nessa mórbida dicotomia totalitária, encontraríamos quiçá em sua doutrina algo mais serena e legitimamente brasileiro, na linha do pensamento tradicional do Ocidente de que somos os herdeiros responsáveis.

* MEIRA PENNA, J. O. — Nasceu no Rio de Janeiro (RJ). Bacharelou-se na Universidade do Brasil, cursando também a Universidade de Colúmbia (NY), Diplomata de carreira, Embaixador. Jornalista, colabora em revistas especializadas e em jornais brasileiros. Entre outras, tem as seguintes obras publicadas: *Política externa — segurança e desenvolvimento*, *Psicologia do subdesenvolvimento*, *Em berço esplêndido*, *A utopia brasileira*, *O Evangelho segundo Marx*.

O texto publicado no presente volume foi extraído do Jornal da Tarde (S.P.), edição de 19 de outubro de 1982, e está inserido no volume *A ideologia do século XX*, ed. Convívio, SP, 1985.

PARTE IV

DISCURSOS PARLAMENTARES

No dia 10 de março de 1976, a Câmara Federal, cumprindo determinação do Plenário ao requerimento dos Deputados A. H. Cunha Bueno e Oswaldo Zanello, reuniu-se em sessão solene de homenagem ao ex-Deputado Federal Plínio Salgado, estando presente sua viúva, Dona Carmella Patti Salgado. As galerias da Câmara estavam repletas de amigos e admiradores do homenageado. O Presidente, Deputado Federal Célio Borja, ao encerrar a Sessão, e depois de declarar que a Presidência e a Mesa se associavam às homenagens do Plenário a Plínio Salgado, afirmou: “relembramos a sua atuação parlamentar, marcada pelos discursos ricos de idéias e de cultura. Também o homem de letras, o historiador, o campeão de suas próprias idéias geradas pelo seu imenso amor à Pátria e pelo seu extraordinário espírito crítico, inconformado com a decadência dos valores em que acreditava e pelos quais viveu”.

Foram oradores da Sessão os Deputados Federais *Oswaldo Zanello* (ARENA—ES), *A. H. Cunha Bueno* (ARENA—SP), e *Agostinho Rodrigues* (ARENA—PR).

DISCURSOS PARLAMENTARES

DISCURSO DO DEPUTADO FEDERAL OSWALDO ZANELLO

O DEPUTADO SR. OSWALDO ZANELLO (ARENA — ES) — Sr. Presidente. Srs. Deputados. “Deus dirige o destino dos povos!” Com esta máxima, rica de conteúdo e plena de verdade, Plínio Salgado, em 1932, oferecia ao povo brasileiro a mensagem de renovação contida no Manifesto de Outubro, que lançava a Ação Integralista Brasileira. Dirigido à Nação, ao operariado do País e aos sindicatos de classe, aos homens de cultura e pensamento, à mocidade das escolas e das trincheiras e às classes armadas, iniciava no Brasil uma intensa pregação nacionalista e patriótica contra o colonialismo e o comunismo. Combatia os trustes internacionais e o imperialismo, defendendo o monopólio estatal do petróleo e as nossas riquezas naturais.

O Integralismo, com a mente voltada para Deus, visava aos interesses supremos da Pátria, anseios esses profundamente arraigados no seio da família.

Nesta sessão solene em que homenageamos o grande brasileiro que foi Plínio Salgado, não venho a esta tribuna lamentar a morte de um dos nossos maiores pensadores políticos e dos mais significativos literatos. Antes, venho relembrar episódios de sua dignificante existência, toda ela devotada à grandeza do Brasil.

Nascido em território paulista, na cidade de São Bento do Sapucaí, em 22 de janeiro de 1895, era filho do coronel-farmacêutico Francisco das Chagas Esteves Salgado e da professora Anna Francisco Rennó Cortez, sendo seus avós paternos portugueses e os maternos espanhóis. Da mãe, recebeu as primeiras lições de História do Brasil, Geografia, Aritmética e Francês. Do pai recebeu lições de patriotismo. Era hábito da família reunir-se para ouvir relatos, feitos pelo pai, da vida dos grandes

A Ação Integralista Brasileira tinha, por princípio básico, a unidade da Nação, a implantação do princípio da autoridade e o ideal da justiça humana.

Quem acompanhou a vida política do País, qualquer que seja sua ideologia, não pode deixar de reconhecer que o movimento idealizado por Plínio Salgado apresentou acertos e erros. O que, aliás, é próprio das ações humanas mais importantes. Até os mais radicais adversários de Plínio Salgado e de seus seguidores não podem negar os inestimáveis benefícios que advieram ao Brasil com a pregação cívica então desencadeada. Núcleos integralistas espalharam-se por todos os rincões da Pátria, estudando os problemas nacionais e apresentando soluções para os mesmos. Junto a esses núcleos funcionavam postos de alfabetização para adultos e ambulatórios médicos. Ensinava-se a língua nacional no Sul do País, ajudando a extirpação dos quistos raciais.

Apenas para registro desejo transcrever trecho de artigo de Austregésilo de Athayde, publicado após a morte de Plínio Salgado. Após declarar que sempre mantivera posição antagônica e irretratável, acentua:

“Sei que seu nome ficará na história política de uma fase, ainda sob certos aspectos, bastante obscura de nosso tempo. Não foi dito ainda inteiramente o que convém sobre o integralismo e as suas responsabilidades. Uma coisa diga-se e é incontestável: Plínio era um idealista desinteressado, um homem que não se movia por motivos subalternos. É possível distinguir os erros de suas concepções políticas dos sentimentos de civismo e amor ao Brasil, que não lhe faltaram e eu aqui invoco para prestígio de sua memória.”

Os acontecimentos políticos do Estado Novo são do conhecimento de todos. Despiciendo seria recordá-los. Gostaria apenas de rememorar que, hoje, tem-se como certo que a Intentona de 1938 não foi um movimento exclusivista do Integralismo, embora a ele tivessem aderido muitos de seus seguidores.

vultos do passado brasileiro, em especial dos estadistas do Império.

A morte do pai, quando Plínio possuía 16 anos de idade, obrigou-o a interromper os estudos de Humanidades que fazia na cidade mineira de Pouso Alegre. Nunca mais retornou aos bancos escolares. Toda a sua imensa cultura foi fruto de um autodidatismo digno das figuras geniais.

Plínio Salgado foi casado, em primeiras núpcias, com Dona Maria Amélia Pereira, tendo uma filha, que levou o nome da mãe. Posteriormente, casou-se com Dona Carmella Patti.

Muito jovem ainda, iniciou-se no jornalismo e na política. Reagindo contra a oligarquia dominante na política paulista, arregimenta partidários e funda o Partido Municipalista, com maciço apoio e forte penetração no Vale do Paraíba. Jornalista vibrante, doutrinador emérito, é logo atraído para a Capital do Estado, onde ocupa lugares de destaque no *Correio Paulistano* e na *Folha da Manhã*. Em 1928 é eleito Deputado Estadual. Dois anos após realiza viagem à Europa e ao Oriente. Quando regressa ao Brasil, encontra a Revolução nas ruas, fato que o obriga a adiar o lançamento de um Manifesto apresentando nova linha de ação política. Em 7 de outubro de 1932 lança as bases da Ação Integralista Brasileira, cuja linha de ação já foi delineada, no início desta oração.

Podemos — nunca é demais — relembrar as próprias palavras de Plínio Salgado, que podem ser consideradas a síntese das forças que o levaram a idealizar uma nova frente de atuação política:

“Cento e poucos anos após as declarações da Revolução Francesa, uma nova proclamação precisa erguer-se na face da Terra. Que ela parta do Brasil, como um protesto que ecoará, principalmente, entre os povos meridionais, sem hulha, sem petróleo, sem ferro, sem possibilidades para exercer um imperialismo econômico, mas com possibilidade de exercer uma poderosa influência moral.”

A opressão policial e a atuação do famigerado DIP fizeram com que muitos só contassem a plena verdade dos fatos longos anos após. Mas os integralistas foram o bode expiatório. Sofreram, foram humilhados, esmagados. Eu mesmo conheci, em muitas oportunidades, a solidão do cárcere, as torturas, os espancamentos e a justiça cruel do Tribunal de Segurança Nacional. Mas, assim como eu, nenhum integralista renegou sua crença, nenhum delatou companheiros, nenhum inventou desculpas. Assumimos, com hombridade, responsabilidade que não nos era totalmente devida. O Integralismo foi um movimento patriótico, inspirado em nossas origens, que valorizou os aspectos de nossa cultura. Foi radicalmente contra a exploração de nossas riquezas pelos estrangeiros.

Não desejo neste momento — nem seria esta a oportunidade adequada para fazê-lo — discorrer sobre a doutrina integralista. Todavia, não me posso furtar a transcrever um curto trecho de pronunciamento de Plínio Salgado, em que o insuperável doutrinador político refuta a mais solerte das acusações que, até hoje, são dirigidas ao seu movimento político:

“Nós, integralistas, adotamos um conceito de Estado que se contrapõe à teoria da escola histórica alemã e aceita pelo nazismo, a qual superpõe o Estado à Nação, e é parte do socialismo marxista.

Para nós é a Nação que cria o Estado, para ser seu instrumento na manutenção da ordem interna e das relações exteriores.

Um outro aspecto da filosofia integralista é o da concepção integral do homem. Não há solução isolada para nenhum problema, pois todos e cada um se interligam.”

Exilado em Portugal, Plínio Salgado dedica todo o seu tempo à pesquisa de documentos históricos sobre o nosso País, ao mesmo tempo em que escreve a monumental *Vida de Jesus*. O acendrado amor a Cristo e ao Brasil foi o seu sustentáculo durante sua ausência forçada da Pátria.

Regressando ao País, em 1945, funda o Partido de Representação Popular, pelo qual, tempos depois, candidata-se à Presidência da República, recebendo expressiva votação.

Sempre atento ao desenvolvimento da política brasileira, entende ser necessária sua presença na Câmara dos Deputados. Candidata-se pelo Estado do Paraná e é eleito para o primeiro de vários mandatos. Posteriormente, reelege-se pela representação paulista.

Em 1974, sentindo desfalecerem as forças físicas e consciente dos verdadeiros rumos que a Revolução de Março impôs ao País, renuncia à disputa de nova reeleição. Em seu discurso de despedida, recebido em ambiente do mais profundo respeito por parte deste Plenário, declarou:

“Se fosse preciso recomeçar mil vezes a obra da salvação nacional, eu a recomeçaria.”

Retirado das lides parlamentares, Plínio Salgado permanece em Brasília, recolhido à sua residência, revendo documentos históricos e preparando o lançamento de novas obras literárias.

A doença, todavia, impossibilitava-o de realizar a produção que pretendia e da qual nos falava com entusiasmo juvenil. Agravando-se seu estado de saúde, vai para a cidade de São Paulo, ali se internando por longo período. Finalmente, na madrugada do dia 8 de dezembro findo, Plínio Salgado entregou sua alma a Deus. Ele, que tanto amou Nossa Senhora, iria, por ela ser recebido no céu no dia de sua mais gloriosa festa: a da Imaculada Conceição.

Sr. Presidente, ainda agora emociona-me relembrar a partida, desta terra de mortais, de Plínio Salgado.

Neste discurso é impossível abranger toda uma intensa atividade por ele desenvolvida em 80 anos de uma fecunda existência. Recordei alguns de seus traços biográficos. Nele não se sabe o que mais admirar: o católico, o humanista, o político, o filósofo, o pensador, o escritor.

A intensa participação literária de Plínio Salgado, iniciada em 1919 com o volume de poesias *Tabor*, abrange os mais diversos gêneros literários: romance, ensaio, filosofia, sociologia, religião, política, didática, ficção, literatura infantil, viagens, biografias. Dentre outros livros, podemos destacar:

O Estrangeiro, O Esperado, Psicologia da Revolução, O que é o Integralismo, Direitos e Deveres do Homem, Palavra Nova dos Tempos Novos, O Conceito Cristão de Democracia, O Espírito da Burguesia, A Mulher no Século XX.

Plínio Salgado pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ocupando, ainda, a cadeira de n.º 6 da Academia Paulista de Letras. Integrou o chamado Grupo Verde-Amarelo, colaborando na divulgação do Movimento Modernista de 1922. Junto com Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia, escreveu *O Curupira e o Carão*, programa doutrinário e estético do verde-amarelismo.

Desejo, ao finalizar este meu pronunciamento, lembrar aspectos da vida parlamentar de Plínio Salgado.

O velho plenário do Palácio Tiradentes conheceu momentos de rara sensação com o primeiro pronunciamento do experimentado líder político, em 1959. Cercado de expectativa incomum, Plínio Salgado assomou à tribuna e discorreu sobre sua pregação cívica. De um início tumultuado, perturbado por parlamentares de rasteira expressão, a sua oração foi crescendo, rica de conteúdo, dominando o recinto e ganhando a admiração de todos e, principalmente, o respeito de adversários. Ainda me recordo de comentários partidos de velhos líderes, mostrando-se alegres com a presença de Plínio Salgado no Parlamento e lamentando que somente então houvesse ele aceito uma cadeira.

Com o correr dos dias, todos puderam sentir que o grande líder nacional nada tinha de arrogante ou presunçoso: sua fala era ponderada, suas idéias objetivas, sua experiência sempre aberta a quem o procurasse. Muitas e muitas decisões ímpares deste Parlamento foram encontradas graças à lucidez de Plínio Salgado.

Sempre que ocupava a tribuna, ele o fazia de modo insuperável. Ocasões especiais requereram sua indicação para orador oficial. Assim aconteceu quando das homenagens ao Príncipe Herdeiro do Japão, em que sua peça oratória, fugindo às abordagens tradicionais, revestiu-se de brilho inusitado.

O ponto mais alto de Plínio Salgado como tribuno parlamentar ocorreu em 10 de junho de 1965, quando o Congresso Nacional comemorava o I Centenário da Batalha do Riachuelo e homenageava a Marinha de Guerra do Brasil. O próprio momento histórico reclamava uma oração que, sem descer aos ufanismos medíocres ou às bajulações mesquinhas, concitasse todos para a união em torno dos altos interesses da Pátria e, ao mesmo tempo, não contivesse alusões capazes de melindrar nossas crescentes afinidades com o Governo paraguaio.

O plenário apinhado, as galerias superlotadas, inúmeros convidados ilustres, presente quase todo o Almirantado. Plínio Salgado discursa de improviso, como era de seu hábito. A oração flui cadenciada, precisa, com idéias coordenadas em períodos perfeitos, frases esmeradas, contendo singulares associações de adjetivos raros com substantivos incisivos. O orador domina a platéia. Sente-se no ar estranha vibração. Os assistentes acompanham, fascinados, a facilidade com que o parlamentar expõe os fatos, cita nomes, recorda datas.

Em determinado trecho, ao descrever o auge da batalha, o Plenário não se contém e aplaude, demoradamente, o orador domina a platéia. Sente-se no ar estranha vibração. Os assírios brasileiros neste trecho:

“Grandes dificuldades encontram nossos navios, a ponto de o *Jequitinhonha* ter encalhado. Os outros entram em luta: é o *Mearim*, o *Iguatemi*, o *Ivaí*, o *Ipiranga*, o *Belmonte*, o *Araguari*, o *Parnaíba*, o *Beberibe*, nomes de rios brasileiros.

Que misteriosa simbologia aquela! Os rios que correm por nossa Pátria são os portadores das mensagens das longas distâncias de que vieram. Nada melhor para significar a unidade nacional do que o curso dos rios. Eles trazem recados de remotos sertões. Eles vêm despertar lembranças de todo o território da Pátria. Enquanto as montanhas são paradas, estáticas, os rios são dinâmicos e levam nas suas águas recados e mensagens.

E ali nossos navios têm nomes dos rios brasileiros. E, a comandá-los, o maior dos rios, o *Amazonas*, nome da fragata capitânea. Foi realmente o Brasil, a alma da Pátria que se levantou naquele instante para cumprir uma missão histórica."

O orador agiganta-se. Todo o seu amor pelo Brasil transborda, desaguando em um Plenário estuante de emoções. Perorando, Plínio Salgado exclamou:

"Ó marinheiros do Brasil! Soldados do mar! Quando estive, por motivos políticos, preso na Fortaleza de Santa Cruz, eu escutava o vosso, o nosso mar bater nas pedras e entrar pelas casamatas com ribombos oceânicos.

O Conde de Lippe, nos fins do século XVII, introduziu, com a reforma do exército português, um costume altamente significativo. Ali, naquela fortaleza, de hora em hora, um sentinela gritava: *Sentinela, alerta!* E outro, nas sombras da noite, com a cabeça coroada pelas estrelas, respondia: *Alerta estou!*

Sejam estas palavras a minha suprema homenagem, no centenário da Batalha do Riachuelo, às Três Forças Armadas do Brasil, e, no particular, à nossa Marinha de Guerra, para que, gritando *Sentinela, alerta!* cada brasileiro, em cada rincão de nossa Pátria, se sinta, pela defesa da liberdade, da democracia, da soberania, da honra e da dignidade do Brasil, com a responsabilidade de responder: *Alerta estou!*

Quem esteve presente se recorda: as palmas estrugiram de todos os recantos. Olhos se encheram de lágrimas. Cresceram os louvores. O Plenário, as autoridades civis e militares presentes, e as galerias aplaudiram de pé, como nunca, com raro entusiasmo, o orador. Filas imensas formaram-se para os cumprimentos a Plínio Salgado, que os recebeu humildemente, como era de sua índole.

Plínio Salgado marcou época nos Anais parlamentares. Sua presença, entre nós, será sempre reverenciada com saudade, carinho e admiração.

Sua atuação na vida política nacional foi incalculável. Plínio Salgado morreu cercado do respeito de todos. Desempenhou, com todo o ardor de sua alma pura, o papel que lhe foi destinado por Deus. E, ao descansar de suas lutas, de suas canseiras e de seus sofrimentos com a incompreensão de tantos, partiu tranqüilo, pois hoje, mais do que nunca, e em especial no Brasil, configura-se que *Deus dirige o destino dos povos!*

APARTES

Do Deputado Sr. Herbert Levy — Nobre Deputado Oswaldo Zanello, a Câmara homenageia hoje um brasileiro autêntico, um líder sempre fiel às suas idéias, homem de uma integridade total. Morre pobre, deixando o País rico com as idéias que espargiu durante sua longa vida pública. Não concordei sempre com o pensamento político do Sr. Deputado Plínio Salgado, mas nos últimos anos, desde a Revolução de 1964, encontramos o caminho comum, na defesa dos interesses de nossa Pátria. É com respeito e emoção que revivo neste momento a memória de Plínio Salgado, homem íntegro, autêntico e patriota. Quero que V. Excia. me permita juntar a voz de São Paulo ao seu brilhante discurso em homenagem a este grande brasileiro desaparecido.

Do Deputado Sr. Antônio Bresolin — Nobre Deputado, associo-me à homenagem que V. Excia. presta ao Deputado e grande escritor brasileiro que foi Plínio Salgado. Tive a honra de privar da amizade daquele nosso colega, cuja obra literária conheço praticamente toda. Inclusive, publiquei um artigo fazendo a apreciação do seu belo livro *A Mulher e o Século XX*, como também sobre seu último romance, *O Trepandé*, que descreve cenas ocorridas no litoral de São Paulo, tendo recebido de S. Excia. uma carta magnífica. Fiz também um comentário sobre o seu livro *Vida de Jesus*, que foi transcrito em seis jornais e revistas, inclusive no jornal "A Boa Nova", do

Rio de Janeiro. Quando se presta homenagem a um homem como Plínio Salgado, melhor seria fazê-lo de joelhos, porque, como escritor, S. Excia. destacou o nome do Brasil fora das fronteiras de nossa Pátria.

Do Deputado Sr. Lauro Leitão — Permita-me, nobre Deputado, não será necessário que a Liderança da ARENA, por meu intermédio, manifeste a sua solidariedade ao oportuno discurso que V. Excia. está proferindo, em homenagem à memória do grande brasileiro Plínio Salgado. E não será necessário, porque V. Excia. está falando em nome da ARENA. Daí querer eu, em caráter pessoal, realçar também a figura singular desse grande brasileiro, admirado pela sua sólida cultura, reconhecido como historiador, como sociólogo emérito e político eminente. No exercício de todas essas atividades, prestou ele inegáveis serviços à nossa Pátria, projetando-a pelo mundo inteiro. Deixo consignada minha homenagem particular à memória de Plínio Salgado e minha solidariedade a V. Excia. pelo brilhante discurso.

Do Deputado Sr. Daso Coimbra — Nobre Deputado Oswaldo Zanello, não sabemos o que mais apreciar na figura do extinto: se a sua brilhante inteligência, se a sua grande cultura, se a facilidade com que se expressava, se o seu espírito patriótico. A verdade é que Plínio Salgado se ornava de incontáveis qualidades, possuidor de um grande caráter. Tive o ensejo de assistir à sua última intervenção nesta Casa, na Comissão de Educação e Cultura, quando proferiu brilhante parecer e uma grande aula. Ainda nos lembramos daquelas palavras e do seu convívio. Fazemos votos para que V. Excia. que era seu discípulo amado, saiba sempre honrar a figura do grande Plínio Salgado.

Do Deputado Sr. Gastão Müller — Nobre deputado Oswaldo Zanello, falo em meu nome e em nome da bancada de Mato Grosso. Tive a honra de conviver, nos últimos quatro anos, com o eminente e saudoso Deputado Plínio Salgado, não só no Plenário da Câmara como na Comissão de Educação e Cultura. Conversava muito com ele, considerava-o mesmo um

dos gênios da política e da literatura nacionais. Seu livro *Vida de Jesus* é também obra-prima não só da literatura brasileira, mas da língua portuguesa. Presenteou-me Plínio Salgado com um exemplar desse livro, em edição especial e com dedicatória também especial. Esse ilustre brasileiro, a quem eu muito apreciava, possuía dezenas de amigos no nosso Mato Grosso. Assim, em nome dessa gente que o admirava, em nome de toda a bancada, juntamente com V. Exa., venho render homenagens àquele grande vulto nacional, não só da política, mas da literatura, quer como escritor, quer como contista, poeta, artista, enfim, todos aqueles dons com que foi aquinhoado pela natureza, numa obra aprimorada do Supremo Criador do Universo.

Do Deputado Sr. Eduardo Galil — Prezado amigo Deputado Oswaldo Zanello, é com grande satisfação que trago a minha solidariedade e, acredito, de toda a bancada da Aliança Renovadora Nacional do Estado do Rio de Janeiro, às palavras de homenagem que V. Exa. está a proferir nesta tarde, à memória de Plínio Salgado, sem dúvida um dos maiores intelectuais desta Pátria. Deixou uma obra que deve ser respeitada, lida e estudada. Deixou na sua ação a marca corajosa de uma personalidade firme, altruísta, idealista. Não tive, como V. Ex., participação, no Movimento Integralista, nem sofri os seus reflexos. Fui formado em outra época. Comecei a votar, neste País, depois de 1964, já em uma situação restaurada, com o País emergindo do caos, do subdesenvolvimento e da desordem. Mas V. Exa. viveu o momento imperioso em que no País se deveria ser comunista ou integralista. Neste particular, nada mais válido, nada mais autêntico. Era um ato de coragem fazer opção pela doutrina que Plínio Salgado pregava, e, mesmo do exterior, ensinava através de lições de grande alcance, pelas obras que publicava. Plínio Salgado foi um grande brasileiro. Aceito em parte sua doutrina e a repudio talvez em outros detalhes, pequenos detalhes, porque naturalmente decorrem da própria natureza humana. Mas foi também um parlamentar que engrandeceu esta Casa e, se sopesarmos as suas ações positivas e negativas na história deste País, haverá um julgamento favorável a este eminente brasileiro, este extraordinário pa-

triotas, do qual os seus seguidores, os seus companheiros tanto se honram. Também nós, a mocidade brasileira, se honra do intelectual, do político e do filósofo Plínio Salgado. São muito próprias as palavras de V. Exa. para homenageá-lo e eu sinto não ter palavras que possam, pelo menos, me colocar no mesmo plano de V. Exa., para me associar de maneira intelectual a V. Exa. Mas me associo de maneira afetiva, de respeito e de admiração à personalidade de Plínio Salgado. Essas as palavras que queria inserir, modestíssimas, no grandioso discurso que faz V. Exa., com a autenticidade de integralista que foi, e principalmente de amigo pessoal de Plínio Salgado.

DISCURSO DO DEPUTADO FEDERAL ANTONIO HENRIQUE CUNHA BUENO

O SR. DEPUTADO A. H. CUNHA BUENO (ARENA)

— SP. — Sr. Presidente, Srs. Deputados, nesta tribuna proferiu Plínio Salgado, na legislatura anterior, uma das suas mais notáveis orações — de entre tantas que esta Casa lhe escutou. Comemorava-se a Independência do Brasil, e ele, incumbido pela Liderança do Governo, dissertou, com a singular autoridade que ninguém lhe pode negar, sobre os conceitos de país, de pátria e de nação.

As palavras então pronunciadas pelo insígne parlamentar, cuja memória nos honramos de homenagear, ganham hoje nova e impressionante atualidade.

“Um país” — ensinou então Plínio Salgado — “é apenas o território, a natureza, as riquezas geológicas, sua fauna, sua flora: não é ainda uma pátria. A pátria é o resultado do comércio sentimental entre o homem e a terra”. E explicou por quê: “O homem, fixando-se naquele país, estabelece íntimas ligações de sentimentos entre o que ocorre na sua vida e a paisagem ambiente. De sorte que nos dias e horas felizes, como nos tristes e amargurados, ligam-se por uma espécie de simbiose entre o mundo interior do homem e a natureza envolvente. É assim que começamos a amar o país e a considerá-lo a base física de nossa pátria.” Esclareceu Plínio Salgado que “O Brasil só se fez uma pátria na Guerra Holandesa, no século XVII, quando, para expulsar o invasor, reuniram-se os filhos de todas as colônias, foram ao Nordeste e ali encarniçadamente lutaram, porque já estimavam a terra e já a tinham como sua pátria...” “Mas o Brasil ainda não era uma nação. Nação é consciência da diferenciação de um povo dos demais povos do mundo. Esta consciência é que dá o caráter da personalidade nacional.”

Ora, como também ensinou Plínio Salgado, a personalidade de uma nação está baseada na sua memória: "A memória das nações é a sua História... Uma nação, quando perde a personalidade, isto é, se esquece das suas tradições, das suas origens, menospreza o seu passado, essa nação perde o direito de ser independente. Aqueles povos — prossegue Plínio Salgado — que foram conquistados pelos regimes totalitários absorventes e esmagadores, antes de perderem a independência já tinham perdido a personalidade. E não souberam reagir. Uma nação, para reagir unânime na sustentação dos seus direitos, precisa ter personalidade, isto é, ter memória, isto é, ter História."

Sr. Presidente, Srs. Deputados, iniciei propositadamente esta evocação do grande parlamentar que foi Plínio Salgado, com palavras suas.

E, de entre tantas que pronunciou nesta Câmara, de entre as que escreveu em livros e na imprensa até a hora da morte, de entre as que tornavam suas conferências peças oratórias de antologia, eu escolhi as que acabaram de ser ouvidas de novo aqui, porque o eco que então produziram não se extinguiu e porque o momento que vivemos nos revela, Srs. Deputados, sua espantosa e impressionante atualidade.

Da personalidade pluriforme daquele paulista de São Bento do Sapucaí, estas palavras — despretensiosas na forma, mas ricas no conteúdo ideológico — revelam o homem simples, o educador, o sociólogo, o pensador, o político consciente, e revelam sobretudo o que Plínio Salgado sempre foi, na simbiose viril de todos os seus demais predicados: O Patriota!

Acima de tudo o mais, derrubando todas as críticas, Plínio Salgado será na eternidade o exemplo do Brasileiro Integral que amou a Pátria para além de qualquer partidarismo, porque verdadeiramente viveu, trabalhou e sofreu sem descanso pelo Brasil, consciente da grande missão que à Pátria compete no presente e no futuro. Ele foi uma sentinela permanente e vigilante, sentinela intransigente na defesa dos autênticos valores da Pátria, sentinela sempre alerta — como se confessou nesse

admirável *Poema da Fortaleza de Santa Cruz*, escrito enquanto aí preso, e que, em vez de odiar como cárcere, enalteceu e perpetuou como bastião inexpugnável dos direitos históricos, dos direitos eternos da Nação Brasileira.

Plínio Salgado, ao longo de sua extensa vida, foi dos políticos brasileiros contra quem mais se encarniçaram os ataques da antinação. Sua têmpera, porém, não sabia vergar a ódios e paixões; nem a prisão, nem o exílio criaram rancor na envergadura que se escondia naquele corpo franzino, tanto assim que são desse período algumas das suas peças literárias de mais funda espiritualidade, como a *Vida de Jesus*, cujo valor universal se não discute, mesmo em presença da obra de Giovanni Papini.

Pensador sagaz e clarividente, coube-lhe o mérito indiscutível de haver mobilizado grande parte da juventude brasileira, preparando-a ética e filosoficamente a desempenhar uma ação destacada na vida pública da Nação. E fê-lo em *Palavra Nova dos Tempos Novos*, afirmando sem reticências: "Eu não falo aos gastos, aos que já não governam os próprios movimentos, aos que acompanham a onda e já se conformaram com todas as monotonias. Falo aos que são moços e aos que rejuvenesceram pela libertação da inteligência e pelo milagre da palavra nova. Mocidade é, antes de tudo, libertação de si mesmo. Mocidade é fixação de personalidade, através da perpétua transformação em que palpita a imutável essência. Mocidade é luta contra o minuto que acaba de passar. Mocidade é convivência com o dia de amanhã." — "Na verdade existem muitos velhos que são moços e muitos moços que são velhos."

Presente em todas as verdadeiras atividades do espírito, seu nome está intimamente ligado à Semana de Arte Moderna; o romance social brasileiro começa verdadeiramente com o *O Estrangeiro*, desenvolvendo-se depois com o *O Esperado*, e se caracteriza por seus acentos proféticos com *O Cavaleiro de Itararé*, que marca o tema revolucionário do espírito brasileiro inconformado com a rotina política, enquanto *A Voz do Oeste* é a marcha das bandeiras, reproduzindo em nossos dias a epopéia dos séculos passados.

Mas, se na ficção e na poesia temos em Plínio Salgado um valor nacional, a sua presença atuante na filosofia e na sociologia revela-nos o pensador independente e esclarecido que nos dá, em *A Psicologia da Revolução*, a nota espiritualista que o define e caracteriza em clara antinomia com a concepção materialista da História. Aí, decididamente, Plínio Salgado é um valor destacado da civilização cristã.

O homem interfere e dirige os acontecimentos nas demais obras onde analisa o drama da humanidade atual, as perspectivas do delinear de um novo mundo, a decadência da burguesia, a salvação da mulher e a entranhada luta contra o comunismo.

Em todas as obras de Plínio Salgado está definida, sem equívocos, a linha de rumo que imperturbavelmente norteou o seu pensamento. Não tem um deslize, não resvala numa concessão seja qual for a gravidade dos temas, gravidade que não o atemoriza como claramente patenteia no livro *Espírito da Burguesia*, quando afirma que “o espírito da burguesia vive em todas as classes. Está na classe média, tão forte, como nos círculos sociais dos ricos; está na própria alma do proletariado, quando se deixa penetrar pelos argumentos materialistas, que embasam a vida humana em nossos dias”.

Com destemor afirmou, aliás, no último artigo que escreveu para a imprensa, às vésperas da morte, e que o “Diário de São Paulo” publicou a 15 de dezembro de 1975, sete dias depois de se extinguir a sua prodigiosa existência. Nele dizia Plínio Salgado:

“O corpo do Homem, sendo matéria, não é livre, porque está sujeito às leis físicas, mas o Espírito do Homem é livre, porque independe da sujeição da matéria. Logicamente todo aquele que afirmar ser o Homem apenas um ser físico, de cujo mecanismo orgânico em funcionamento decorre uma inteligência mortal, simples superestrutura (como dizem os comunistas), todo aquele que se manifestar desse modo, materialista, não pode dizer que defende a liberdade humana. Só os espiritualistas podem e devem pugnar pela liberdade. Essa a razão pela qual

meus amigos e eu nos batemos pela liberdade contra toda a espécie de despotismo, entre cujas formas avulta o Estado Totalitário, seja o nazista, seja o comunista.”

A essa derradeira página, em que trilha toda a coerência do seu espírito, deu Plínio Salgado o título *Por que me odeias?* e aí traça o seu auto-retrato, de maneira por tal forma impressionante, que não resisto, Sr. Presidente, em reproduzi-lo aqui, para que esteja presente entre nós, melhor do que eu poderia ambicionar fazê-lo, Plínio Salgado — em seu corpo e alma:

“... um modesto brasileiro, cuja simplicidade não provém de uma atitude estudada, mas exprime o próprio modo de ser dos caboclos humildes da nossa terra. Porque o que existe em mim é o que se pode encontrar em nossos patrícios do sertão: o amor a tudo o que se chama brasilidade, e apego às nossas tradições, o sentimento familiar e patriarcal inerente ao teor de vida das cidades do interior, o instinto de defesa da Nacionalidade e da Religiosidade patrícias, resultando tudo naquele senso de equilíbrio e de justas medidas ao qual repugna a demagogia que envenena as turbas e as agitações perturbadoras do ritmo tranqüilo e fecundo do trabalho nacional. É isto o que sou e como tal me conhecem os que me viram e ouviram, os que observaram a minha vida de homem particular e de homem público.”

Sr. Presidente, Srs. Deputados, muito mais deveria ser acrescentado a esta homenagem sincera que, em nome dos meus e de São Paulo, bem como da liderança do Governo nesta Casa, presto à memória de Plínio Salgado, mas os limites do tempo regimental não nos permitem.

Professor, jornalista, Deputado Estadual à Assembléia Legislativa paulista, Deputado Federal por São Paulo e pelo Paraná, filósofo, sociólogo, líder político, candidato à Presidência da República, escritor, romancista, poeta, preso e exilado político, tribuno, conferencista, fundador de dois partidos políticos — a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular — ele foi, sobretudo, o brasileiro e o cristão de quem recentemente afirmou D. Antônio de Almeida Moraes

Júnior, Arcebispo de Niterói: "Um homem que sempre viveu pensando nos outros, esquecendo-se de si próprio e que se transformou num patrimônio da Pátria".

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Juscelino Kubitschek, com quem Plínio Salgado disputou a Presidência da República, escreveu, à hora da morte de nosso ex-colega.

"De costas voltadas para o mar, anteviu a necessidade da integração nacional, indicando às gerações moças as veredas dos Bandeirantes rumando para o Oeste. Seu valor literário concede-lhe a autêntica palma da imortalidade e sua *Vida de Jesus* o inscreve entre as maiores expressões da cristologia. Sinceramente convencido das transformações políticas, defendeu suas idéias bravamente, vindo posteriormente a se tornar um evangelizador que levou a todos os cantos uma mensagem de civismo."

Ao terminar, permito-me lembrar aos meus pares o décimo artigo do "Código de Ética" que Plínio Salgado nos deixou em seu discurso de despedida deste Parlamento:

"No exercício da função parlamentar, fortificai, dia a dia, a consciência da vossa responsabilidade perante Deus e o vosso amor à Pátria. Com sadio otimismo, inflamai-vos de entusiasmo pelo que fomos no passado, pelo que representamos no presente, pelo que seremos no futuro. Promovei, dentro e fora do Parlamento, em todas as oportunidades, a mística da Grande Nação, e assim dareis alta expressão ao Poder Legislativo, prestigiando-o como sustentáculo da ordem interna, do equilíbrio dos Poderes e da sua projeção entre os povos civilizados."

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Plínio Salgado nasceu, viveu e morreu pobre de bens materiais. Apesar de autodidata, os esplendores da sua cultura tornaram-no um dos valores autênticos da brasilidade.

A verticalidade de seu espírito é uma lição que revive com sua morte.

APARTES

Do Deputado Sr. Santos Filho — Nobre Deputado Cunha Bueno, não comungamos das idéias esposadas e defendidas pelo homenageado, o ex-Deputado Plínio Salgado; não perfilamos ao seu lado, na sua caminhada política, mas aprendemos, em nossa vida, a respeitar todos os homens que têm ideais. Plínio Salgado os teve; aprendemos a respeitar todos aqueles que têm idéias. Plínio Salgado as teve, defendeu-as e por elas lutou. Por isso, apesar, como já dissemos, de não perfilarmos ao seu lado, nós também nos encontramos entre aqueles que admiraram a sua inteligência, como homem de cultura, como intelectual e, também, ficaremos ao lado daqueles que o respeitaram como político, como homem que deu a sua vida pela vida pública nacional. Representante do Paraná, também queremos prestar nossa homenagem ao político que batalhou pelo nosso Estado, pois Plínio Salgado foi Deputado pelo Paraná, tendo recebido de homens que viveram e que vivem naquela Unidade da Federação consagrada votação. Aqui, nesta Casa, Plínio Salgado, além de defender suas idéias, das quais não participamos, representou muito bem, com altivez, o meu Estado. É por isso que como representante paranaense, como político, principalmente, deixo aqui a minha solidariedade, nesta homenagem que V. Exa. presta ao grande brasileiro que foi Plínio Salgado.

Do Deputado Sr. Célio Marques Fernandes — Estou acompanhando o pronunciamento de V. Exa. em homenagem ao nosso ex-colega Deputado Plínio Salgado. Embora totalmente contrário a todo e qualquer regime totalitário, de esquerda ou de direita; embora não concordando totalmente com a homenagem que se presta a ele — mas é esta uma Casa democrática e a maioria assim o deseja — já que quis ele acabar com a democracia brasileira, impondo um governo totalitário ao Brasil, indo com armas e metralhadoras cercar o Palácio do Governo para depor o Presidente, devo reconhecer o valor intelectual, a cultura desse homem, o colega que aqui passei a conhecer. Quero também prestar um depoimento para a História. Há muitos

anos, quando autoridade policial no Rio Grande do Sul, fui designado para a segurança do Sr. Plínio Salgado, que pregava livremente a modificação do governo com o integralismo. Na cidade de Camaquã, onde, até hoje, o gaúcho usa bombachas e revólver na cintura, ele foi fazer um comício. Ao iniciar suas palavras, choveram balas por todos os lados. Foi um tiroteio terrível. Se eu não me tivesse jogado contra seu corpo e o derrubado no chão, ele não teria vivido mais. É preciso reconhecer a bravura daquele homem. Assim, quero homenagear o colega, não o homem que quis acabar com a democracia brasileira, não o chefe do integralismo. Desejo também felicitar V. Exa., que tão brilhantemente presta, em nome do meu Partido, esta homenagem a Plínio Salgado.

Do Deputado Sr. Oswaldo Zanello — Gostaria apenas de dizer a V. Exa. que, dias antes de sua morte, Plínio Salgado escreveu um artigo — foi o último de seus artigos — que só foi publicado depois de sua morte, endereçado a homens muito bem intencionados, mas muito mal esclarecidos, como o nobre colega Célio Marques Fernandes. Eu pediria a S. Exa., o Deputado Célio Marques Fernandes, que procurasse ler aquele artigo dedicado aos homens bem intencionados, mas mal esclarecidos, como S. Exa.

Do Deputado Sr. Joaquim Bevilacqua — Nobre Deputado, inicialmente congratulo-me com V. Exa., pela oportunidade e pela felicidade da lembrança em homenagear a figura do grande literato e do grande homem público que foi Plínio Salgado. V. Exa. acaba de mencionar a preocupação do homenageado para com a renovação. Há poucos instantes, o nobre Deputado Oswaldo Zanello mencionou a participação efetiva de Plínio Salgado no Movimento Modernista Renovador de 1922, ao lado de Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia, no Grupo Verde-Amarelo. Se V. Exa. permite este comentário marginal, eu gostaria de traçar um pequeno paralelo, tomando por base essa participação de Menotti del Picchia e de Cassiano Ricardo no aludido Movimento, bem como a evolução da vida desses dois grandes brasileiros, cujas existências findaram quase que ao

mesmo tempo. Plínio Salgado, nascido em São Bento do Sapucaí e Cassiano Ricardo, meu conterrâneo, de São José dos Campos, tiveram como o *leitmotiv* das suas vidas a preocupação para com o nacionalismo e o encontro de soluções para os problemas nacionais. Sob este aspecto, Plínio Salgado procurou renovar, embora percorrendo caminhos com os quais nem sempre poderíamos concordar. Seus ideais nem sempre se unificavam, mas, sem dúvida alguma, trouxeram um colorido e um alento ao pensamento nacional. Cassiano Ricardo, que faleceu um pouco antes do seu colega de 22, passou do nacionalismo à condição de poeta da cosmovisão, ou seja, ao poeta, da visão integral do mundo. Plínio Salgado — tenho certeza — também visou, antes e acima de tudo, na sua vida literária, na sua vida parlamentar, na sua vida política, a encontrar as soluções nacionais para os problemas brasileiros. Assim sendo, parabeno-me com V. Exa. e registro aqui, também, a minha solidariedade a esta homenagem ao grande brasileiro e patriota que foi Plínio Salgado.

Do Deputado Sr. Alexandre Machado — Nobre Deputado Cunha Bueno, associo-me às homenagens prestadas, hoje, a Plínio Salgado. Não devemos julgar Plínio Salgado, mas reconhecer a liderança, o talento e a inteligência daquele que, efetivamente, representa um dos orgulhos de todo o País. Ainda ontem, quando se noticiava para hoje esta homenagem, eu, que conheço toda sua obra, relia dois livros de Plínio Salgado: *A Voz do Oeste* e *a Vida de Jesus*. Para mim, a *Vida de Jesus* foi a obra mais bonita que tive oportunidade de ler em toda minha vida. Emocionado, relembro minhas conversas com Plínio. Efetivamente, reconheço, hoje, que os grandes homens, vistos através do tempo, conseguem embevecer a ternura da nossa admiração. De perto, Plínio fascinava; de longe, deslumbrava. Hoje, ele se sobre-humaniza nos olhos, corporifica-se na nossa alma, transmuda-se, fulgurando carícias, como um retábulo distante que se ficasse religioso e perpétuo, cercado da nossa consagração. A nossa homenagem a Plínio Salgado é a mesma do povo brasileiro àquele que foi um dos maiores escritores de todos os tempos e, efetivamente, um dos grandes líderes políticos deste País.

Do Deputado Sr. Lomanto Júnior — Nobre Deputado, desejo associar-me à significativa homenagem que o Parlamento presta à memória do grande brasileiro Plínio Salgado, um dos grandes vultos da nossa História, homem que honrou este Parlamento, idealista e grande patriota. Não posso esquecer-me do gesto que aquele saudoso brasileiro teve para comigo, quando despontava o meu nome como candidato ao Governo da Bahia. Seu partido foi dos primeiros, senão o primeiro, a acolher e a apoiar minha candidatura — e, sei, com o beneplácito, com a recomendação do eminente Presidente nacional, Sr. Plínio Salgado. Tive a ventura de privar da sua amizade, e os quatro anos de convivência nesta Casa acentuaram minha admiração pela inteligência privilegiada e pelo idealismo com que marcou sua passagem na vida pública brasileira. Associo-me, pois às homenagens de saudade hoje prestadas ao grande patriota Plínio Salgado.

Do Deputado Sr. Ivahir Garcia — Nobre Deputado, como político do Vale do Paraíba e do glorioso Estado de São Paulo, berço do imortal parlamentar, poeta, escritor, jornalista, idealista e uma das mais extraordinárias figuras humanas que tive a oportunidade de conhecer, Plínio Salgado, pedi este aparte para trazer a homenagem de todos os vale-paraibanos àquele que foi um símbolo de homem, de chefe de família, de político, de parlamentar, de homem que fazendo do ideal uma causa, abraçou, na defesa rígida de princípios, dando o melhor de si mesmo, superando a si próprio, transformando-se no maior dos autodidatas brasileiros e ilustrando com o fulgor de sua invejável inteligência a cultura brasileira. Parabéns a V. Exa. pela iniciativa, e que homenagens como a que hoje a Câmara dos Deputados presta à memória de um ilustre brasileiro possa se repetir neste Plenário, para demonstrar a grandeza dos homens que integram a 8.^a Legislatura do Poder Legislativo brasileiro.

Do Deputado Sr. Navarro Vieira — Nobre Deputado Cunha Bueno, de início desejo parabenizá-lo pelo seu discurso e pela feliz iniciativa de homenagear o grande homem público que foi Plínio Salgado. Já se falou aqui da sua capacidade como escri-

tor, como chefe de família, como condutor de massas, mas um aspecto deixou de ser focalizado com o devido interesse. É que Plínio Salgado, o grande líder democrata, foi um brado de alerta constante contra a infiltração marxista em nossa pátria. Desde 1932, vendo a mocidade em disponibilidade ideológica, chamou-a, desfraldando a bandeira do mais puro nacionalismo. Àquela época eu não acreditava no idealismo dos integralistas. Em 1935, quando da Intentona Comunista, lendo em todos os jornais o telegrama que o chefe nacional da Ação Integralista Brasileira dirigiu ao então Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, oferecendo cem mil homens de camisas verdes para combater o comunismo, entusiasmei-me e fui cerrar fileiras com aqueles que o seguiam. E quando adentrei o primeiro núcleo integralista deparei-me com aquela frase primeira, que desejo deixar aqui registrada: “Antes de transpores esta porta, consulta o teu coração: és capaz de renunciar a prazeres, ambições, interesses, à própria vida pela grandeza da Pátria? Se ele te disser “sim”, então entra, e encontrarás aqui teus irmãos e tua glória”. E fui tocado pelo espírito de renúncia. Quantas incompreensões sofreu e vem sofrendo, até depois da morte, aquele grande brasileiro? Quantas perseguições e calúnias sofremos todos nós que o seguimos? Mas eu me orgulho de haver seguido aquele grande chefe e, caso necessário, eu recomençaria tudo de novo, se tivesse outro Plínio Salgado a me orientar. O mal de Plínio Salgado é o de não ter sido conhecido e compreendido convenientemente. O Deputado Herbert Levy, ao apartear o Deputado Oswaldo Zanello, disse muito bem que só depois de 1964 é que pôde conviver com Plínio Salgado e com ele trilhar os caminhos que levam à conquista da grandeza da Pátria. Volto, então, às incompreensões. Entrei para o integralismo por ser um movimento essencialmente cristão e espiritualista. Nessa Casa do povo brasileiro há ainda quem confunda o espiritualismo integralista com o nazi-fascismo, que é a doutrina embasada, o fascismo, no agnosticismo, e o nazismo, no “super-homem” de Nietzsche. Se se faz tanta confusão, até depois da morte daquele ilustre homem público, é bom que se esclareça o que foi a doutrina pregada por Plínio Salgado. É conveniente que se mande ler, a quem quer conhecer a realidade histórica daquele movi-

mento *Palavra Nova dos Tempos Novos*, Publicado em 1938, quando o nazismo estava no seu apogeu e onde o grande intelectual Plínio Salgado, censurando o "super-homem" de Nietzsche, condenava a orientação que estava seguindo a Alemanha, concluindo aquele artigo memorável, dizendo: "Espero que a grande Alemanha nunca chegue a naufragar em tamanha profundidade do ateísmo". Sr. Deputado Cunha Bueno, gênios como Plínio Salgado nascem de cem em cem anos. Ele se abeberou nos ensinamentos de Alberto Torres e Oliveira Vianna e, da mesma forma, esperamos que neste século nasça outro homem cheio de idealismo e de amor à Pátria que se inspire nos ensinamentos de Plínio Salgado, criando uma nova doutrina, para que nós, que recebemos das mãos de Deus um grande País, possamos legá-lo maior ainda à posteridade. Grato a V. Exa. pelo aparte.

Do Deputado Sr. Cardoso de Almeida — Nobre Deputado, associo-me às homenagens que se vêm prestando à memória do grande homem que foi Plínio Salgado. Todos aqui já demonstraram o grande valor político e intelectual do eminente patricio. Quanto a mim, desejo ressaltar a inestimável contribuição que aquele insigne homem público nos deu através de sua obra e das idéias que defendia nesta Casa, as quais muito representaram para o Brasil, já que S. Exa., em sua luta contra o comunismo, apregoava constantemente os riscos que tal regime representava para a nacionalidade brasileira. Quero, pois, homenagear à memória daquele homem que durante toda sua vida defendeu nossa Pátria contra o perigo comunista, que ainda ameaça este País.

Do Deputado Sr. Israel Dias Novaes — Deputado Cunha Bueno, meus cumprimentos e os da bancada estadual paulista do MDB a V. Exa., pela iniciativa de reverenciar, nesta tarde, a memória de um homem que tanto honrou esta Casa. Plínio Salgado, no seu ideário político, pode ter criado adversários, e os criou. Teve inimigos que jamais pouparam sua pregação, julgada, geralmente, de direita, mas por ele considerada de centro e democrática. Sua ideologia política foi determinada por um certo instante filosófico mundial — como diríamos, por

uma onda política. Daí nasceu sua idéia de integralizar o País, daí a Ação Integralista. Mas, se sua teoria política, se seu ativismo partidário provocou discordâncias e até mesmo polêmicas acesas em todo o País, sobre sua figura de escritor e sua obra de pensador não pairam dúvidas. Plínio Salgado, na literatura brasileira, foi uma das vozes inaugurais da nossa modernidade. Poeta parnasiano, de começo, em 1926, publicou *O Estrangeiro*, romance que na verdade inaugurou a série novelística urbana do nosso País. *O Estrangeiro* — que V. Exa. leu e sobre o qual já trocamos idéias — focalizava a assimilação do elemento alienígena, sobretudo do elemento italiano, na sociedade paulista e brasileira. Então, do tema da assimilação, como da chegada desse contingente novo e internacional para a Pátria nascente. Plínio Salgado extraiu um romance de verdadeiro interesse, até mesmo documental. Estilisticamente, reivindicava ele, com acerto, a condição de pioneiro, de vanguardeiro da verdadeira língua brasileira, de um idioma que não recorresse a regionalismos herméticos e meramente circunstanciais, mas uma língua brasileira dinâmica, de períodos curtos, em que se revivesse a grande, a dominadora tradição portuguesa da nossa linguagem literária. Os trabalhos subsequentes de Plínio Salgado, já aí marcados pelo timbre político, como *A Voz do Oeste*, *O Cavaleiro do Itararé*, poderiam ser secundários na sua obra, mas de toda forma servem para testemunhar a grande contribuição de um brasileiro ao pensamento do seu País. V. Exa. está de parabéns pela iniciativa que o trouxe à tribuna nesta tarde de Brasília.

DISCURSO DO DEPUTADO FEDERAL
AGOSTINHO RODRIGUES

O DEPUTADO AGOSTINHO RODRIGUES (ARENA — PR) — Sr. Presidente, Srs. Deputados, faleceu em São Paulo, no dia 8 de dezembro findo, Plínio Salgado, nosso companheiro nesta Casa e com quem tivemos a ventura e o raro privilégio de conviver durante longos anos. Nunca é demais rendermos ao notável homem público as homenagens a que ele tanto fez jus. E aqui estamos também para reverenciar a memória daquele que foi, por seus méritos, grande vulto nacional, e que ficará em nossa História como brasileiro ilustre e figura de autêntico patriota.

Simple na aparência, afável no trato, desapegado das coisas materiais, profundamente sensível, foi Plínio Salgado um talento que se consumiu no amor à Pátria.

Poeta brilhante, orador emérito, romancista, homem de pensamento e ação, destacou-se intensamente no plano literário, tendo sido um dos nomes mais importantes e representativos de nosso modernismo, vindo, mercê de suas idéias, a projetar-se na qualidade de político admirável em todo o território nacional.

Fundamentando sua atividade em princípios filosóficos e doutrinários, dos quais jamais se afastou, com as energias dos que se nutrem do espírito e dos valores mais altos da religião, Plínio Salgado balizou o seu itinerário de combatente com os marcos firmes da idéia, traçando uma linha de coerência e respeito ao pensamento, como raras vezes se tem visto na História e na vida dos grandes condutores de povos.

Político atuante, jamais buscou o poder pelo gozo do poder. Tanto assim que curtiu as incertezas e agruras do exílio ao recusar o cargo de Ministro da Educação, que lhe foi oferecido por Getúlio Vargas, de cuja política discordou ao instaurar-se o regime do Estado Novo.

Demonstrando fidelidade ao que sempre pregara, retomando sua bandeira de luta em prol do Brasil e da afirmação de sua personalidade, como País e povo, no campo internacional — luta iniciada desde seus tempos de moço — Plínio Salgado, sem temer o efeito da incompreensão, das aleivosias e da perseguição que sofreu durante o período ditatorial, mas apenas para confirmar as suas convicções e o seu idealismo, concorreu às eleições presidenciais de 1955, muito embora tivesse como certa a impossibilidade de sua vitória.

Chefe de um pequeno mas disciplinado e respeitável Partido, de conteúdo ideológico definido, graças a seu prestígio inegável, por dezesseis anos consecutivos pertenceu a esta Casa, representando o povo de meu Estado e do Estado que o viu nascer, na pequena cidade de São Bento do Sapucaí.

Na qualidade de Deputado Federal — e disto todos que aqui o conheceram dão testemunho — honrou e dignificou o Congresso com o seu imenso talento, a sua prodigiosa capacidade de trabalho, o vigor e o brilhantismo de sua inteligência e seu indefectível patriotismo, tanto na tribuna, em discursos memoráveis, como nas Comissões de que participou.

Possuía Plínio Salgado, quer na palavra, escrita ou falada, quer na sua atuação, as características de um apóstolo, ou, para muitos, as qualidades de reformador social. Ele tinha consciência de possuir tais virtudes. Como que antevendo seu destino, na intuição dos gênios e premonição dos poetas, jovem ainda, na sua cidade natal, pronunciando conferência em Benefício da Boa Imprensa e da Confraria de São Vicente de Paulo — talvez seu primeiro trabalho dado a público — Plínio Salgado afirmou: “Não passa impunemente sobre a terra aquele que inicia as grandes reformas sociais”, para proclamar em seguida: “Empolga-me a vertigem das grandes alturas e pressinto a minha queda.”

Estão, de fato nessas palavras da juventude, os delineamentos — ou o esboço — de toda a existência do franzino caboclo de São Bento do Sapucaí. Incompreendido nos seus gestos, deformado quanto ao seu pensamento, combatido tenazmente, caluniado, perseguido, preso, exilado da Pátria, sofreu

Plínio Salgado, segundo suas próprias palavras, a injúria do mais grave dos pecados contra o espírito: a contradição da verdade evidente. Negou-se seu idealismo, falseou-se sua obra, ignorou-se seu valor e, muitas vezes, colocou-se em dúvida seu inegável patriotismo.

Não se realizou, contudo, o vaticínio da queda, pois não teve o poder, nem jamais ambicionou a glória dos poderosos. Se foi seguido no fastígio de sua carreira política por quase um milhão de brasileiros, e se sua influência ainda se faz sentir no campo da cultura, isto se deve ao prestígio de sua personalidade invulgar e à riqueza de seu pensamento.

Artista da palavra, pensador profundo, surgiu Plínio Salgado no cenário nacional de forma empolgante, arrebatando o entusiasmo da crítica com seu primeiro grande livro — *O estrangeiro* — ao qual se seguiram *O Cavaleiro de Itararé* e *A Voz do Oeste*, constituindo-se essa trilogia, mediante a técnica do romance, num estudo exaustivo e numa análise interpretativa, séria e acurada de nossa realidade sócio-cultural, que abre novas perspectivas para a compreensão de nossa psicologia de povo, da História e do destino histórico do Brasil.

Vocação de apóstolo, desde os primeiros escritos de sua mocidade, toda a existência de Plínio Salgado foi demarcada por duas coordenadas que o definem como um dos maiores brasileiros de nosso tempo: Deus e a Pátria. Dentro delas, de modo coerente e com fé inquebrantável, situou-se a sua luta e se desenvolveu toda a sua atividade de jornalista, poeta, romanista, pensador e político.

Com vasta e rica bibliografia política, foi, porém, como escritor católico, discorrendo sobre tema universal e profundo, que Plínio Salgado produziu sua obra-prima, “destinada a ser uma jóia da literatura”, segundo as palavras do Pe. Leonel Franca, sem dúvida a maior expressão cultural do catolicismo brasileiro da idade contemporânea. A respeito desse livro extraordinário — *Vida de Jesus* — apresentando-o na tradução italiana, assim se manifesta o teólogo Pe. Mondrone, em longa apreciação crítica, publicada na revista *Civiltà Cattolica*:

“Esta vida revela a mão do artista autêntico da palavra. Plínio Salgado tem no seu estilo as melhores tradições da literatura portuguesa e a riqueza colorida e ardente do solo de seu País.”

E mais adiante:

“A erudição histórica, arqueológica, folclorística, sociológica, política, ambiental, não obstante alguma inevitável inexactidão, são mui abundantes em suas páginas.”

Demonstrando conhecer toda a obra do autor, antes de entrar na análise da *Vida de Jesus*, escreve o mesmo crítico:

“Entre os livros de Plínio Salgado, não há um sequer que não satisfaça a uma íntima e viva exigência espiritual e não seja um testemunho do ideal cristão, ao qual e no qual se enquadra a sua visão do mundo. Cada livro seu não é somente um prazer, visto que ele conhece, e maneja bem o segredo de tornar agradável a leitura, mas é um impulso que vai diretamente às inteligências e as faz pensar. A arte de escrever é para ele uma arma a serviço da idéia.”

Complementando o que diz o eminente crítico italiano sobre a erudição e a inteligência de Plínio Salgado, lembramos aqui as páginas em que revela sua alma de poeta e o saber de tupinólogo profundo, ao descrever, com finura artística, os “Mistérios da toponímia brasileira”, um dos capítulos de *Como nasceram as cidades do Brasil*, obra editada em Portugal — quando ele estava no exílio — donde nos veio também *Vida de Jesus*, de par com significativas outras, tais como *A imagem daquela noite*, *A mulher no século XX*, *Aliança do Sim e do Não*.

Comprovando ainda seu espírito multiforme, ao projetar-se no campo da cultura, está o *Direito e Deveres do Homem*, onde surge Plínio Salgado como filósofo, sociólogo e jurista. Escreveu-o na travessia do Atlântico, como tese para as *Conversações Católicas Internacionais* de San Sebastian, na Espanha, congresso de intelectuais católicos de que participou, sendo convidado pessoal, em 1948, de forma lapidar, com serenidade e

justeza. Os pronunciamentos de Jacques Maritain, Mahatma Ghandi, Benedetto Croce e outras notáveis personalidades foram consultados para a elaboração da "Declaração dos Direitos Humanos" da ONU. Depois de feita a crítica desses pronunciamentos, expõe seu ponto de vista do ângulo de grande profundidade e completo respeito às idéias e princípios doutrinários que sempre informaram, desde o começo, sua atividade de escritor e político.

A vida e a obra de Plínio Salgado constituem uma unidade indestrutível. Foi um intelectual comprometido com suas idéias. Foi, como se costuma dizer, um escritor engajado — termo que não tem qualquer conotação pejorativa; antes, bem ao contrário, motivo de admiração e respeito pela coerência que sempre manifestou, na condição de artista, pensador e político.

Assim é que não se pode dissociar da pessoa de Plínio Salgado o movimento que ele criou, organizou e dirigiu, empolgando enorme número de brasileiros de todas as camadas sociais; brasileiros da cidade e do campo, nas fábricas e academias, nas escolas e nas Forças Armadas. Contou esse movimento político, de caráter cívico-cultural, com a simpatia de grande parte de nosso povo e a incompreensão, a repulsa e o ódio não só daqueles que ideologicamente se lhe opunham, como dos que jamais procuraram conhecê-lo, além de suas exterioridades, deixando-se conduzir pela propaganda contrária, principalmente à época de obscurantismo político que caracterizou o Estado Novo, quando se calou a voz e se impediu a defesa dos perseguidos. Refiro-me, Sr. Presidente, ao Integralismo, a respeito do qual sinto-me inteiramente à vontade para falar, sem qualquer comprometimento de ordem ideológica, despedido de qualquer intenção e sem qualquer compromisso, porquanto jamais cerrei fileiras nas hostes da Ação Integralista Brasileira, nem pertenci ao Partido de Representação Popular, que lhe sucedeu, a partir da 1946, após a reconstitucionalização do País, com o mesmo conteúdo doutrinário, mas já sem as manifestações de superfície, no plano sentimental, marcado por gestos, ritos e cerimônias que identificaram o movimento na aparência, com o fascismo totalitário.

Tendo minhas origens políticas no extinto Partido Republicano — a que deu dignidade e brilho no meu Estado, a figura extraordinária de Bento Munhoz da Rocha Neto, de cuja inteligência, formação moral e cultural conserva gratas recordações esta Casa, que ele soube honrar e engrandecer — nem por isso deixei de procurar saber o que significava o Integralismo na vida nacional. Li, assim, algumas de suas obras doutrinárias e pude conhecê-lo, como manifestação dessa doutrina, na vida e na conduta de conhecidos e amigos, muitos deles meus companheiros de combate nos campos da Itália, como Ari Rauhen, morto nos campos de Montese, e Mário Montanha Teixeira, ferido gravemente em Monte Castelo. Vendo-os firmes na sua posição ideológica mas leais, de espírito aberto, tolerantes, sem fanatismo, percebi a importância dos ensinamentos de Plínio Salgado. Dentro desse quadro podemos citar, entre os mortos, as pessoas de Jorge Lacerda — que veio a ser Governador de Santa Catarina — João Batista Zagonel Passos e Edgar Távora, altas expressões morais, que deixaram na Assembléia Legislativa do Paraná e em relevantes funções públicas exercidas no Governo do eminente Sr. Munhoz da Rocha exemplos de dignidade, exação no cumprimento do dever, zelo pelo bem comum e patriotismo, que enaltecem, tal como enalteceu Bento, a gente paranaense.

Não tendo conquistado o poder não se pode dizer o que foi o Integralismo, como regime político instaurado. Sua análise, assim, só será possível no campo teórico. Não vou aqui, Sr. Presidente, defender ou atacar essa doutrina agora incluída no elenco das filosofias sociais e políticas, em face da democracia. Limitar-me-ei apenas sem cuidado cronológico, à citação de alguns trechos, extraídos das obras de Plínio Salgado.

Da conferência "A Boa Nova", pronunciada em 1919, em São Bento do Sapucaí, a que já nos referimos:

"Sem um forte idealismo político, moral ou religioso, cada espírito é, por enquanto, um gesto a procurar um roteiro seguro."

Em *Literatura e Política*, de 1927:

"Durante um século de independência política, nunca tomamos parte nos debates em que se discutem os destinos do Brasil... Temos sido uma nação culta, porém jamais fomos uma nação pensante."

E mais:

"Aparecem duas tisanas para as doenças da Europa: o comunismo e o fascismo. Ambos, materialistas, decretam a falência da democracia: ou triunfa o imperialismo econômico baseado no nacionalismo, no fascismo, na ditadura militar, ou vence o imperialismo político da Terceira Internacional. Será esse o dilema para os jovens povos da América?"

E, ainda, do mesmo livro:

"Responsabilidade enorme a que nos coube: a de consolidar a consciência democrática dentro da qual deve dar-se a afirmação integral do Brasil."

Em *Despertemos a Nação*, livro de 1935, numa arrancada euclidiana:

"Ou coordenamos as linhas mestras da nossa nacionalidade, ou falhamos como povo masculino. Porque há povos masculinos que fecundam, e povos femininos que se deixam fecundar."

E mais:

"Nosso nacionalismo é de afirmação, de colaboração coletiva, de igualdade dos povos e das raças, de liberdade do pensamento, de crença na predestinação do Brasil na humanidade, de fé em nosso valor de construção nacional. Aceitamos todas as instituições conservadoras, pois é dentro delas mesmo que faremos a inevitável renovação do Brasil."

Em *O estrangeiro*, romance de 1926:

"As instituições americanas repousam na rocha viva dos Direitos do Homem. Quando desabar o dilúvio russo, as suas últimas ondas virão morrer aqui, de encontro a estas paredes da Imigração... E a América, então, reconstruirá o que estiver destruído no mundo."

Ainda do mesmo romance:

"Indignos todos os seres que falam como os papagaios, sem pôr nas palavras a força e o calor da terra."

E mais adiante:

"Os governos ditatoriais e absorventes da personalidade humana criam o maior perigo à sua própria estabilidade: a montanha de gelo das unanimidades, pronta a desabar, quando desabar o sol, que chamaremos Lenine, ou um outro caudilho qualquer."

Do "Manifesto para a Legião Revolucionária de São Paulo", publicado em 5 de março de 1931:

"Desde a monarquia temos vivido sob a preocupação de impor ao nosso País sistemas políticos estrangeiros... Assim, não devemos transplantar para o Brasil nem fascismo, nem outros sistemas exóticos."

Em *Páginas de Combate*, de 1937, sob o título "Messianismos", escreve e ordena:

"O Integralismo não se baseia no culto de um homem, no fanatismo da massa em torno de um herói."

E adiante: "Determino que os integralistas pensem menos em mim e mais em nossa doutrina", reiterando logo mais: "Recomendo aos integralistas que não se preocupem com minha pessoa, mas com as idéias de que fui portador num momento histórico". Esclarece, em seguida: "O Messias era um só e já veio para iluminar todo o gênero humano". E continua, no corpo do artigo: "Um povo que espera o Salvador e não dá um passo para se salvar, por si mesmo, é um povo destinado à escravidão e ao capricho do primeiro aventureiro", observando, mais adiante: "Seguir um homem, sem motivos ideológicos, é uma indignidade, ainda quando esse homem possua as maiores virtudes".

Muitas outras citações poderíamos apresentar em que se nota a preocupação de Plínio Salgado pelos destinos do Brasil. Teve, como constante, em todos os seus passos e em todos os seus atos, a virtude do patriotismo, que lhe marcou toda a existência, minuto a minuto ardentemente vivida.

Ancorado na fé inabalável que o animava, jamais deseperou; respeitou a dignidade do pensamento; amou profundamente a Pátria: lutou pela supremacia do espírito; mostrou-se sempre leal e corajoso: defendeu a verdade e os princípios da moral e da religião. E por isso sofreu e para isso não mediu sacrifícios, sem vacilações nem temor.

Plínio Salgado foi um exemplo nesta Casa, que o tem como um de seus luminares que se constitui em modelo de brasilidade para todas as gerações nascidas e criadas nesta terra. Dele se pode dizer: este sim, foi, na realidade, um grande e verdadeiro homem!

APARTES

Do Deputado Sr. Pacheco Chaves — Nobre Deputado, faz bem V. Exa. em acentuar as características intelectuais e a capacidade literária de nosso ex-colega Deputado Plínio Salgado. Seu companheiro na Câmara dos Deputados por muitos anos, tive oportunidade de verificar sua atuação nesta Casa do Congresso Nacional e sua participação nos debates e nas lutas políticas do passado. Sobretudo pude apreciar, relativamente há pouco tempo, na Legislatura passada, esplêndida intervenção de Plínio Salgado ao referir-se à “Semana de Arte Moderna”, comemorada em São Paulo em 1922. A memória de Plínio Salgado, sua capacidade de trazer para o presente as figuras e as idéias que naquela época haviam produzido aquele extraordinário movimento político, social e artístico que foi a “Semana de Arte Moderna”, dão testemunho do quanto Plínio Salgado era moderno em seu tempo, antecipando-se ao futuro, pois em 1922 já era um homem dos dias do presente. Ressalta muito bem V. Exa. o extraordinário papel de nosso ex-companheiro político, figura também de destaque na literatura e na sociologia brasileiras.

Do Deputado Sr. Norberto Schmidt — Permita-me, eminente Deputado Agostinho Rodrigues. Quero dizer a V. Exa.,

cumprimentando-o pelo seu magnífico pronunciamento, que, quando vim para esta Casa, em 1960, aqui já encontrei o saudoso Deputado Plínio Salgado. Reportando-me ao que dizia V. Exa., há poucos instantes, sobre nosso ilustre homenageado — “esse artista da palavra” — desejo afirmar que não era esse o predicado mais forte de Plínio Salgado. S. Exa. possuía uma coragem extraordinária, ao lado de uma cultura ímpar. Posso testemunhar que o Deputado Plínio Salgado não era muito assíduo na tribuna desta Casa, mas, quando pronunciava seus discursos, dava verdadeiras aulas de democracia. Na Câmara dos Deputados, poucos Parlamentares eram tão destemidos quanto S. Exa. Não tive oportunidade de acompanhar seu raciocínio, mas nele o que mais admirava era a sua coragem de dizer o que pensava. Assim conheci Plínio Salgado, em 1960, e assim ouvi seu último pronunciamento nesta Casa. E o admirei — repito — porque o que mais admiro em um homem é a sua capacidade de dizer francamente aquilo que pensa, sem receio e sem rodeios. Muitos enfeitam seus pensamentos com palavras, dizendo exatamente o contrário do que pensam: Plínio Salgado dizia precisamente o que pensava. Vale o testemunho da homenagem que hoje lhe estamos tributando. Embora tardiamente, cumprimento o Deputado A. H. Cunha Bueno pelo magnífico discurso que proferiu e todos os Deputados que tiveram a honra de ouvir as palavras de S. Exa. Congratulo-me com V. Exa. pelo seu pronunciamento.

Do Deputado Sr. João Alves — Nobre Deputado Agostinho Rodrigues, convivi durante mais de dez anos com Plínio Salgado e pude conhecer e sentir o seu valor moral, intelectual e patriótico. Combatia ele tudo aquilo que contrariasse e ofendesse os postulados de Deus. Em boa fé, ninguém poderia jamais acusá-lo de fascista, nazista ou de adotar qualquer ideologia contrária aos interesses nacionais e aos postulados de Cristo. Na realidade, Plínio Salgado foi um verdadeiro apóstolo de Jesus. Defendeu com ardor e constância tudo aquilo que Cristo e seus apóstolos pregaram. Nesta Casa, sempre defendi também os mesmos princípios mas nunca fui integralista. Aliás, não precisava ser para defender o Bem como fez Plínio Salgado.

Combatia, como combato até hoje, o comunismo, o fascismo e o nazismo, e em um dos meus discursos tive a satisfação de ler um artigo de sua autoria, publicado num jornal de São Paulo. Tão belo foi, que decorei o seu final: "O discurso de João Alves é um brado de alerta, de patriotismo, de brasilidade e de superiores ideais humanos, uma oração parlamentar que deve ser difundida em todo o País como a voz de alguém que viu, sentiu e interpretou o mais grave problema que nos aflige: traçou o diagnóstico da nossa mais terrível enfermidade social e chama a atenção dos poderes públicos que devem urgentemente aplicar a terapêutica necessária à salvação nacional". Um homem dessa natureza, dessa categoria, desse gabarito, de nada mais poderia ser chamado neste mundo senão de apóstolo do bem, senão de apóstolo de Deus. E eu defenderei sua memória onde quer que me encontre, até o fim de minha vida, porque ele fez o que poucos tiveram a coragem de fazer neste País: defendeu com ardor, entusiasmo, bravura e coragem aquela trilogia santa: Deus Pátria e Família.

Do Deputado Sr. João Vargas — Nobre Deputado Agostinho Rodrigues, associe-me à homenagem que V. Exa. presta à memória do grande brasileiro com quem tivemos a honra de conviver nesta Casa. Eu, por quatro anos; V. Exa. por muito mais tempo. Aprendi, durante a convivência com Plínio Salgado, a admirá-lo, a respeitá-lo e a ver em sua pessoa o grande patriota, o idealista, o homem culto, de grande inteligência e muita sabedoria. Nesta Casa, deixou a marca indelével de seu exemplo, seus ensinamentos e seu idealismo. V. Ex.^a, neste instante, exalta as excelsas qualidades daquele homem que deixou na literatura nacional obras que merecem o respeito e a admiração de todos os brasileiros.

PARTE V

CARTAS

Pe. Leonel Franca a Plínio Salgado

Dr. Carlos H. Hunsche a Plínio Salgado

Juscelino Kubitschek a Plínio Salgado

Juscelino Kubitschek a D. Carmela P. Salgado

A. B. Machado Florence a D. Carmela P. Salgado

Edmundo Monteiro a Rui Arruda

Externato e Semi-Internato

S. Ignacio

Rua S. Clemente, 226

Tel. 26-6239

RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1942

Meu muito prezado amigo

Dr. Plínio Salgado

Pax Christi!

Acabo de receber um presente régio: a sua magnífica *Vida de Jesus*, que me pus logo a ler com avidez e entusiasmo crescente. Não lhe terminei ainda a leitura mas não quero perder a oportunidade de lhe manifestar logo, com a minha gratidão sincera, a profunda impressão que me deixaram as páginas lidas. O meu caro amigo acaba de enriquecer a literatura brasileira com um grande livro, único talvez no seu gênero. Neste grande monumento elevado à glória de Cristo colaboraram em contínua harmonia a informação exata do historiador, a piedade sincera do cristão e a inspiração sempre delicada e por vezes sublime do artista. E a concorrência rara de todos estes dotes é sempre necessária para escrever uma *Vida de Jesus destinada* a ser, como a sua, a jóia de uma literatura.

Creia, porém, que, para lá do enriquecimento do nosso patrimônio literário, regoziquei-me ainda mais com as ascensões interiores de sua grande alma. Uma obra destas não se escreve sem um contato contínuo e prolongado com os Evangelhos, isto é, com a pessoa de Jesus, com a sua vida, as suas palavras, os seus ensinamentos. E nisto é que está a verdadeira vida, a vida eterna, que já começa no tempo "que te conheçam a Ti, único Deus verdadeiro, e a quem enviaste, Jesus Cristo".

Imagino com imensa consolação todo o seu progresso interior nesta vida intensa de luz e de paz e penso com gratidão e adoração humilde nos caminhos misteriosos da Providência que tudo dispõe para o maior bem de seus eleitos.

Meu caro e saudoso Dr. Plínio, aceite, com a expressão de um reconhecimento muito sincero, as minhas mais vivas felicitações.

Humilde servo em Cristo
P. Leonel Franca S. J.

(7) Stuttgart-Hofen, 12 de maio 1972
Kapellenweg 25 bei Dr. Zipplies

Exmo. Sr.
Dr. Plínio Salgado
BRASÍLIA

Estimado e prezado Dr. Plínio Salgado:

É um encontro comigo mesmo que estou passando, aqui na Alemanha, ao encontrar numa biblioteca pública o meu livro publicado em 1937/38 "Der brasilianische Integralismus — Geschichte und Wesen der faschistischen Bewegung in Brasilien", — que serviu de tese na Universidade da então capital do Reich (Berlim) para defender e obter o título: "Philosophiae Doctor et Artium Liberalium Magister". Meu Deus, quantos anos me separam daqueles tempos agitados, quando tudo ainda era diferente e, quando também nós ainda éramos diferentes. Tão diferentes! "Tempora mutantur et nos mutamur in illis...".

E folheando este volume de 247 páginas e mais XI de introdução, é ainda hoje, para mim, um assunto inexplicável porque o Senhor Dr. Plínio Salgado não cruzou os meus passos. Suponho quase que nunca chegou a ver o meu livro. Para isso não levo a culpa. Foi assim: mal tinha saído o meu livro em janeiro de 1938 (Verlag W. Kohlhammer/Stuttgart-S), os acontecimentos do dia 10 de novembro de 1937 e a dissolução da AIB pelo decreto de 2-12-37, levaram o então Governo de Hitler a entender que não fosse prudente que justamente neste momento aparecesse um livro sobre o movimento integralista, agora proibido. Bastou que o Dr. Goebbels proibisse o livro (tenho cópia da proibição em mãos). Assim tive somente quinze dias o prazer de ver o meu livro nas vitrinas das livrarias. Depois da guerra, me disseram na Editora aqui em Stuttgart que uma bomba em cheio acabou com o depósito onde tinham ar-

mazenado o meu livro proibido, ou, pelo menos, a última parte dele. Assim, existem só raros exemplares, creio não mais de dez. Com um deles me encontrei hoje e pensei que fosse o momento dado para talvez chegar em contato com o então Chefe Fundador da AIB. Sua fotografia ornamenta o frontispício do meu livro e a sua biografia que tem mais de 14 páginas impressas (pags. 23-37), conta tudo desde o seu nascimento em 22-1-1895 em S. Bento do Sapucaí, fala do Cel. Francisco das Chagas Esteves Salgado (que faleceu em 1911), da sua senhora mãe, Da. Anna Francisca Rennó Cortez, fala do seu bisavô Dr. Johann Rennó, "de França", que foi tão alemão quanto o meu, oriundo da mesma zona (Alsácia e Lorena) que uma vez era alemã e outra francesa...

Não adianta seguir contando. Seriam 247 páginas impressas. Mas, é um momento especial pular por cima de 35 anos da minha vida. Mas, estes 35 anos também foram uma vez os seus anos. Ambos jazem agora na fossa comum do passado... *Encontro com o passado*. Por intermédio dum livro que une duas pessoas que nunca tiveram a sorte de conhecer-se pessoalmente! Hoje, com uma grande saudade da minha Terra, sentei-me na máquina para escrever esta carta. Será que terá resposta?

Aceite um abraço deste contrterrâneo, que aqui passará alguns meses para terminar um livro por motivo do 150.º aniversário da chegada dos primeiros imigrantes alemães, em 25 de julho de 1974, sobre "Estudos sobre a problemática do teutobrasileiro".

Dr. Carlos H. Hunsche

Rio de Janeiro (GB),
23 de julho de 1974.

Meu caro Plínio,

Seu livro *13 Anos em Brasília* impressionou-me profundamente. A criticá-lo não me atrevo, elogiá-lo será supérfluo.

O livro impõe-se por dois fatores essenciais: o renome universal do Autor e a divulgação sócio-política de Brasília, irreversível desde que homens de seu porte moral e intelectual, com o conhecimento esmiuçado e sistemático dos problemas nacionais a apoiaram sem restrições.

Lendo o livro, ocorreu-me imediatamente outro de ferrenho adversário nosso, *El Imperialismo d'El Brasil* e que me foi oferecido pelo nosso comum amigo, Guimarães Rosa.

O publicista boliviano percebeu num relance a significação de Brasília, pressentida desde o século XVIII e preparada pelo grito que você, meu caro Plínio, deu conclamando todos para a marcha rumo Oeste.

O seu livro não é um depoimento, mas, como diz muito bem, a interpretação de Brasília, no tempo e no espaço e o que você escreve à página 29 sobre a carga demográfica do mundo e o risco que correm terrenos desocupados, os espaços ociosos, é a expressão da verdade, de uma observação que reflete o cruel realismo que dirige a História Moderna, possuidora desses métodos sumários de destruição que são as armas modernas.

Todavia o seu livro não engloba apenas os problemas sociais, econômicos ou administrativos. Você vai além e desce a minúcias admiráveis: frutas silvestres, o artesanato simples da terra e até mesmo o som choroso das violas.

A descrição de sua viagem lembra os roteiros que fazem a fascinação do leitor — e eu, tão generosamente citado por você, não sei expressar o que verdadeiramente sinto, a impressão que o livro me deixou e que vai ficar nas letras para a posteridade como a maior justificação de Brasília.

Por tudo, por esse prazer do espírito e da sensibilidade, só posso agradecer-lhe abraçando afetuosamente com esta amizade que a cada dia se solidifica e aumenta.

Sinceramente,
Juscelino Kubitschek

Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1975.

Prezada amiga D. Carmela,

Era meu intuito não escrever-lhe agora para não comovê-la ainda mais nem emocioná-la nesta hora tão triste por que passam a senhora, todos de sua família, os amigos e a cultura nacional.

O Brasil perde com a morte de Plínio um de seus nomes mais ilustres, aquele que representa na vida do país uma página admiravelmente gloriosa.

Romancista, sociólogo, pensador, parlamentar, homem de ação política, dele partiu a primeira voz que, de costas voltadas para o mar, anteviu a necessidade da integração nacional, indicando às gerações moças as veredas dos Bandeirantes, rumando para o Oeste.

Seu valor literário concede-lhe a autêntica palma da imortalidade e sua *Vida de Jesus* o inscreve entre as maiores expressões da cristologia.

Sinceramente convencido das transformações políticas, defendeu suas idéias bravamente, vindo posteriormente a tornar-se um evangelizador que levou a todos os cantos da pátria uma mensagem de civismo.

Guardo de Plínio Salgado uma recordação indelével e tenho certeza de que sua memória jamais se misturará à poeira dos anos porque ele deixa uma obra consistente e definitiva.

Rogo-lhe receber toda a imensa expressão de minha mágoa e creia que Sarah e eu estamos solidários neste doloroso transe.

Resta-nos o consolo da certeza de que o seu nome vai perpetuar-se como um símbolo iluminando o futuro.

Afetuosos abraço,
Juscelino Kubitschek

São Paulo, 16 de abril de 1976

Nobre e prezada amiga Da. Carmela.

Os meus sinceros votos de perfeita saúde e bem-estar.

Com bastante retardo acuso o recebimento da sua missiva trazendo os lindos versos de Plínio Salgado, nosso amigo e nosso mestre.

Minha vacilante saúde não me permitiu traçar uma carta à altura da sua pessoa e do seu gesto e, também, não queria mandar-lhe um protocolar cartão, ditado à minha mulher. Assim, aguardei alguma recuperação física e mental para manifestar-me a meu próprio contento.

Os versos recebidos, primorosos e exatos na beleza da forma e sabedoria das mensagens, como tudo que vinha da poesia limpa e artística de Plínio Salgado, foram-me — ao lê-los, — bálsamo, contemplação, enternecimento e saudade. E aqui, além da atenção da Senhora por m'os haver enviado, muito agradeço pelo que me permitiu fruir em puras emoções de alta espiritualidade.

Para falar do seu ilustre marido e da sua singular personalidade, não seria o pequeno espaço de uma carta o suficiente para mais detalhadas análises. Mesmo assim, no aproveitamento do mínimo de que disponho, direi: — Plínio Salgado foi sem similar na História do Brasil pelo que lhe competiu em participar e agir. Não pode ser comparado e nem confrontado, porque não tem semelhantes em planos e paralelos no seu poder de criatividade, dentro de idéias próprias, de processos novos, tanto no pregar como no agir. Imaginou, ideiou e criou uma época!

Falo de tal maneira e o faço com a maior sinceridade de apreciação, já que dos velhos companheiros do Integra-

lismo sou um dos poucos que não experimentou o encantamento do seu fascínio de homem carismático, embora sempre atraído pela sua inteligência e grande erudição. E, como ele bem sabia, nem fui doutrinado por ninguém para aderir ao Movimento, uma vez que já aos 19 de Novembro de 1923, no Rio de Janeiro, eu e mais 12 cidadãos fundávamos a organização de direita "Cruzados do Brasil", com camisa-verde e ostentando o símbolo do Cruzeiro — conforme atestam os jornais da época — mas de efêmera duração.

Vim, pois, para o Integralismo por uma coincidência de idéias acalentadas nos campos sociais e políticos da formação de um Estado moderno, responsavelmente organizado. Vim, e nele fiquei. Que, política e socialmente, fui, sou e continuo sendo sempre um integralista.

Fiz esta digressão, talvez desnecessária, para dizer da minha independência espiritual e da sincera autenticidade que me reveste, no declarar: — não fosse os mais de 40 anos de pregação e atividades políticas que tomaram o maior e o melhor do seu tempo, Plínio Salgado teria sido, — desaparecendo aos 80 anos, a maior figura literária do Brasil e da América Latina. Em qualidade e em quantidade, porque, — poeta, ficcionista, historiador, filólogo, filósofo, teólogo, literato em todos os sentidos, campos e latitudes, — teria deixado obra de imortais grandeza e grandiosidade. Grande na quantidade, grandiosa em qualidade. A *Vida de Jesus*, é marca e índice do quanto e tanto que poderia ter realizado.

Seguiu os rumos do seu áspero e glorioso Destino. E, mesmo assim, preparou, formou e deixou enorme soma de valores humanos, culturais e positivos, contados por aqueles que começaram das suas mãos, e que, dos ensinamentos hauridos, puderam prestar serviços à nossa coletividade.

Em linhas gerais e no pequeno teor de uma carta, minha cara Da. Carmela, é o que posso rabiscar nestes instantes. Espero que a minha precária saúde, "corrupta e subversiva", ainda consinta que eu escreva algo de mais extenso e detalhado sobre Plínio Salgado, nosso amigo e nosso mestre.

Minha mulher, Maria Angélica, muito se recomenda e envia os seus melhores votos de saúde e tranqüilidade.

Com o maior apreço e admiração, sou o

velho amigo e companheiro de ideais

A. B. Machado Florence

DIÁRIOS ASSOCIADOS

São Paulo, 04 de agosto de 1976

Ilmo. Sr.

Rui de Arruda Camargo

Rua Macau, 222

Jardim Luzitânia

Capital — S.P.

Prezado Senhor

Em resposta à sua circular de julho findo, não poderia me furtar à solicitação que me foi feita de pronunciar-me sobre a personalidade de Plínio Salgado. Não sei qual das facetas mais marcantes de sua vida e de sua personalidade que deveria eu destacar. Prefiro referir-me a todas elas, de forma breve, pois não se trata de uma estudo e sim de um resumo pronunciamento.

Desejo, de início, dizer que tenho especial carinho por todos aqueles que militaram na "taba" Associada, e que deram, cada um a seu modo e dentro das possibilidades, o seu quinhão para construir uma empresa de divulgação que teve por bandeira a defesa dos direitos humanos e princípios democráticos.

Plínio Salgado foi um dos nossos companheiros durante 12 anos, e só isso seria motivo suficiente para lhe dedicarmos a nossa gratidão e um preito de saudade.

De sua personalidade desejo destacar o homem, o escritor e o político. Sob todos os aspectos teve ele uma grande virtude: foi coerente e honesto. Como homem, pautou sempre sua linha de conduta pela sua integridade moral; como escritor, demonstrou em suas obras profundo espírito psicológico na análise do ser humano e do seu meio ambiente; como político, manteve-se coerente dentro de seus princípios, os quais defendia com honestidade e devotado amor ao seu País.

Não estou aqui para discutí-los, pois isso só se justificaria quando em vida, tivesse ele a mesma oportunidade de debate e de diálogo.

E as vezes que isso ocorreu encontramos sempre o homem apaixonado por uma causa e não apaixonado por posições, aceitando ou refutando os elementos contrários às suas teses dentro de um debate franco e de uma austeridade serena.

Esse foi o Plínio Salgado que eu conheci e respeitei como formado que fui na escola de Assis Chateaubriand, que acima de tudo nos ensinou a amar a democracia, a respeitar a verdade e defender os direitos humanos.

Sempre ao inteiro dispor, subscrevo-me,

Atenciosamente
Emissoras e Diários Associados
Edmundo Monteiro
Presidente

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Casa de Plínio Salgado
REVISÃO: C. P. Salgado/G. R. Dórea/J. B. Carvalho
CAPA: J. B. Carvalho/Carlos Nelson da Cruz
COMPOSTO POR: Editora "MM" Ltda. - Fone: 279-5195
FOTOLITO: Binhos Fotolito - Fone: 278-7028
IMPRESSÃO: Minha Gráfica Editorial Ltda. - Fone: 270-9609
EDITADO POR: Editora Voz do Oeste - Caixa Postal, 4623 -
CEP 01051 - S. Paulo (SP) e Casa de Plínio
Salgado - Rua Brigadeiro Tobias, 577, conj.
309 - Fone: 227-9227 - S. Paulo (SP).

de ação cultural, de educação social, de
edificação nacional.

Um teto que dê abrigo a todos que
confiam no poder da inteligência e que
fazem do conhecimento uma forma de
amor.

Um lar onde ninguém é excluído,
para onde todos são chamados. Até
mesmo aqueles que não sabem, mas fa-
zem parte da família.

Queremos construir um monumento
em torno do qual se unam e se reúnam
sucessivas gerações de brasileiros para
manter acesa a chama do ideal de uma
grande Pátria num mundo melhor.

Queremos uma casa para manter a
consciência do bem comum e a conti-
nuidade do nosso patrimônio histórico.

Queremos erguer uma casa para pro-
var que a liberdade e a igualdade se
conciliam na fraternidade.

Por isso, essa casa não recusará o
diálogo a ninguém e nela serão bem-
vindos todos os que têm algo a propor
para o bem comum. Todos os que so-
nham em fazer do Brasil uma nação
unida, forte, próspera e feliz.

Queremos uma casa que seja um foco
de integração.

Queremos uma casa que perpetue a
vida e a obra de PLÍNIO SALGADO.

ALFREDO LEITE

*“A VIDA DE JESUS, de Plinio Salgado,
não é apenas um clássico da literatura brasileira.
Tornou-se também, no gênero, um clássico
da própria literatura universal, uma vez que
essa obra se coloca entre os livros de primeira
grandeza, escritos, até hoje, sobre a vida
e doutrina do Mestre da Galiléia.*

*Não seria exagero afirmar-se que
difícilmente se encontrará, sobre esse tema,
uma obra que a supere em beleza literária,
em fidelidade histórica e em autenticidade cristã.”*

Senador Marco Maciel,
no prefácio da 22.^a edição.